

CENAS.IGUALDADE

Programa de Prevenção da Violência e Delinquência Juvenil

Projeto Artways – Políticas Educativas e de Formação contra a Violência e a
Delinquência Juvenil

UMAR – União de Mulheres Alternativa e Resposta

Maria José Magalhães
Cátia Pontedeira
Ana Guerreiro
Patrícia Mendonça Ribeiro

Com a colaboração de:
Ana Paula Canotilho
Isabel C. Viana
Emanuel Oliveira

Título: CENAS.IGUALDADE - Programa de Prevenção da Violência e Delinquência Juvenil

Grafismo da capa: Ana Paula Canotilho

Tiragem:

Depósito Legal:

ISBN:

Data de Edição: Março 2016

Nota Prévia: Agradecimentos

A realização de um trabalho tão completo como o Projeto Artways não se centra apenas na equipa que todos os dias planifica, reflete, executa e avalia as estratégias pedagógicas necessárias à implementação da prevenção com jovens. O desenvolvimento e o sucesso deste trabalho deve-se a todos/as quantos/as nele participaram, quer de forma mais direta ou indireta.

Assim, gostaríamos de tecer alguns agradecimentos:

À Fundação Calouste Gulbenkian e ao Programa Cidadania Ativa por terem investido neste programa e na UMAR.

À Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais, enquanto parceira, por ter aberto a porta ao desenvolvimento de um Projeto desta natureza em contextos tão específicos.

À União de Meridianos, também entidade parceira, por se ter associado a este trabalho e pela excelente comunicação que sempre manteve com a equipa do Projeto.

Ao Agrupamento de Escolas Carolina Michäelis, cuja colaboração com a UMAR é já longos e por ter aceitado ser parceira deste Projeto inovador.

A todos as Escolas e Agrupamentos escolares pela sua disponibilidade e por acreditarem no trabalho de prevenção com jovens enquanto estratégia fundamental. Por nunca descuidarem do ideal da cidadania.

Ao Centro Educativo de Santo António e ao Lar de Infância e Juventude Especializado Gondomar Coração D'Ouro por abraçarem a Igualdade de Género e a prevenção da Violência de Género como temática fundamental para os/as jovens institucionalizados/as.

A todos os Municípios e Autarquias, nomeadamente, Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, Câmara Municipal de Valongo, Câmara Municipal de Gondomar, Câmara Municipal da Maia, Câmara Municipal de Penafiel e Câmara Municipal de Matosinhos que assumiram um papel fundamental na articulação com as escolas e com o desenvolvimento das restantes iniciativas do Projeto.

À Faculdade de Psicologia e Ciência da Educação da Universidade do Porto pelo trabalho articulado na formação de Docentes para as questões da Igualdade de Género.

A todos/as os/as profissionais convidados/as que contribuíram para modalidade artística do Projeto Artways.

A todos/as os/as especialistas consultados/as nos mais variados momentos do Projeto, desde os eventos realizados até à investigação “Conhecer para Intervir”, que contribuíram para uma maior abrangência científica do Projeto.

E finalmente, o mais importante, aos/às jovens, por continuarem a acreditar que é possível mudar, que é possível alcançar o respeito pelos/as outros/as e se terem dedicado com tanto carinho a este Projeto.

Índice

Introdução	8
I- Apresentação do Projeto Artways	14
II - O Papel da Arte na Prevenção da Violência de Género	36
III – A Delinquência Juvenil: Intervenção em Centro Educativo e Lar de Infância e Juventude	48
IV - Investigação “Conhecer para intervir”	64
V - CENAS.LOVE - Representações do Amor, Namoro e Violência no Namoro	96
VI - As vozes dos/as jovens	128
VII - Avaliação Externa do Projeto Artways: Um olhar prospetivo	148
Referencias Bibliográficas	176

Introdução

A UMAR – União de Mulheres Alternativa e Resposta tem investido, desde há 12 anos, na implementação de um Programa de Prevenção Primária da Violência de Género com jovens. A filosofia de uma intervenção precoce fundamenta-se no facto de que os/as jovens de hoje serão os/as futuros/as adultos/as de amanhã, e se os/as envolvermos num trabalho de reflexão e de desconstrução da cultura patriarcal, alcançaremos um dos principais objetivos desta intervenção que é o respeito pelos Direitos Humanos. Esta filosofia foca na circunstância da vulnerabilidade de cada jovem/adolescente a inúmeras violações de direitos e à violência, articulada com a reflexão de como cada um/a pode ser responsável pela mudança individual e pela superação dessa condição de fragilidade. Neste contexto, o/a jovem deverá ter todo o protagonismo, implicando transmutações individuais, coletivas e, mais amplamente, na comunidade.

O protagonismo juvenil pode ser ainda mais fomentado através do uso de uma metodologia que envolva ferramentas artísticas. Aliar esta metodologia à prevenção da violência resulta num incentivo para que os/as jovens se reconheçam enquanto sujeitos ativos e numa estimulação de novas formas de relacionamento social. Para além disso, a produção artística pode fornecer aos/às jovens novas sensações de prazer e estimulação sentimental e sensorial e a apresentação de trabalhos culturais juvenis pode servir de reconhecimento da sociedade em geral e por parte dos grupos juvenis mais alargados.

Decorrente desta experiência, a UMAR, desenvolveu um Projeto que vais além da prevenção primária da vitimação, visando também a prevenção

primária de comportamentos e atitudes de violência por parte de jovens que poderão estar em risco de iniciar um caminho de potenciais ofensores, avançando no campo do trabalho com pré delinquentes uma forma de prevenção secundária.

Dentro destes campos de trabalho, a UMAR tem já uma experiência comprovada ao nível da prevenção da vitimação, quer seja no trabalho nas escolas – prevenção primária, em Centros de Atendimento – prevenção secundária, ou ainda nas questões da prevenção terciária com a gestão de Casas Abrigo para vítimas de violência de género.¹

O Projeto Artways – Políticas Educativas e de Formação contra a Violência e Delinquência Juvenil foi um Projeto que acreditou na mudança atitudinal e comportamental não só dos/as jovens em contexto escolar como de jovens que, por algum motivo, se encontram em situação de institucionalização e com os/as quais também é fundamental trabalhar a questão da igualdade de género e violência(s).

Os conteúdos apresentados neste livro são o resultado da discussão e do trabalho desenvolvido ao longo de 18 meses –setembro de 2014 e fevereiro de 2016 e que envolveu inúmeros profissionais: docentes, psicólogos/as,

¹ Ao nível da prevenção, há várias tipologias consideradas. No caso do trabalho desenvolvido pela UMAR, esta suporta-se na diferenciação desenvolvida por autores/as como Starfield et al (2008), entre outros/as, não obstante haverem classificações desenvolvida por outros/as especialistas (Van Dijk & de Waard,1991; United Nations Office on Drugs and Crime, 2010; Gordon, 1983).

criminólogos/as, educadores/as sociais, artistas, especialistas, jovens; sem os/as quais todo o sucesso alcançado não teria sido possível.

Desta forma, o livro está dividido em 7 capítulos. O primeiro capítulo “Apresentação do Projeto Artways” pretende descrever de forma aprofundada o programa de prevenção que a UMAR desenvolveu através deste Projeto, especificamente um programa de prevenção que inclui não só a intervenção em escolas do Distrito do Porto, como também a intervenção no Centro Educativo de Santo António e no Lar de Infância e Juventude Gondomar Coração D’Ouro.

Com o segundo capítulo, intitulado “O Papel da Arte na Prevenção da Violência de Género”, pretende-se demonstrar a importância do trabalho artístico no campo da prevenção, nomeadamente algumas formas de arte que foram utilizadas ao longo deste Projeto e a sua importância na desconstrução e na reflexão acerca da violência.

Numa terceira parte, no capítulo intitulado de “A Delinquência Juvenil: Intervenção em Centro Educativo e Lar de Infância e Juventude” aborda-se a vertente da Delinquência Juvenil e do trabalho desenvolvido em contextos de institucionalização. Este afinamento para o trabalho de prevenção secundária com futuros, e eventuais potenciais ofensores/as foi uma inovação no programa de prevenção da UMAR que se acredita ter tido grande impacto junto dos/as jovens, alterando não só as perceções deles/as próprios/as como também da equipa técnica que com eles/as trabalhou.

O quarto capítulo, “Investigação: Conhecer para Intervir”, reflete sobre uma investigação de cariz quantitativo e qualitativo, no âmbito da violência e da violência de género, e que se constituiu como parte integrante do Projeto durante toda a sua vigência. Neste capítulo, pretende-se apresentar alguns resultados dos estudos dinamizados no âmbito da Violência no Namoro e da Violência entre Pares, bem como incidir grande atenção nas respostas que os/as diferentes profissionais da área sugerem para este trabalho de prevenção e intervenção com jovens.

“CENAS.LOVE – Representações do Amor, Namoro e Violência no Namoro” é o quinto capítulo deste livro e visa refletir sobre todo o processo que deu origem a uma exposição fotográfica sobre o namoro e a violência no namoro com representações dos/as jovens sobre o tema e com a participação de vários/as profissionais da fotografia.

No sexto capítulo, intitulado de “As vozes dos/as jovens” e dedicado especificamente aos/às jovens, apresentamos alguns exemplos dos seus trabalhos, do que o Projeto foi para eles/as e das expressões que dizem/escrevem sobre determinadas temáticas. Este capítulo surge para reconhecer e reforçar também nesta obra, a importância e a necessidade de dar Voz aos/às jovens.

O último capítulo, “Avaliação Externa do Projeto Artways: Um olhar prospetivo” foca-se na Avaliação Externa deste Projeto, tendo este capítulo sido produzido pela Avaliadora Externa, Professora Doutora Isabel Viana. Neste, pretende-se fazer uma análise do trabalho elaborado e dos pontos

positivos e a melhorar para um futuro próximo na área da Prevenção da Violência de Género juntos das categorias juvenis. Por opção da autora, este capítulo não segue o novo acordo ortográfico.

A partir de um análise de todas as áreas em que o Projeto Artways interveio, este livro pretende demonstrar a importância de um trabalho continuado, holístico e que envolve todos/as os/as agentes sociais, não descuidando, é claro, que quem nos faz permanecer neste trabalho são os/as seus protagonistas: os/as jovens.

“Diz-me e eu esquecerei; ensina-me e eu lembrar-me-ei;
envolve-me e eu aprenderei”
(Provérbio Chinês)

I – Apresentação do Projeto

Artways



Apresentação do Projeto Artways

O Projeto Artways – Políticas Educativas e de Formação contra a Violência e Delinquência Juvenil - surge da candidatura da UMAR – União de Mulheres Alternativa e Resposta, ao Programa Cidadania Ativa gerido pela Fundação Calouste Gulbenkian, que determinou a atribuição de fundos do Mecanismo Financeiro do Espaço Económico Europeu (EEA Grants). Este Projeto teve início em setembro de 2014 e término a fevereiro de 2016. O objetivo principal do Projeto, tal como o próprio nome indica, foi contribuir para as políticas educativas e de formação de forma a minimizar e prevenir a violência e a delinquência juvenil.

A violência, nas suas inúmeras formas, é uma preocupação pública e uma problemática cultural em Portugal, e tem sido tema de discussão e reflexão não só na comunidade e na comunicação social, como também nas próprias escolas, por parte de profissionais, de jovens e de toda a restante comunidade educativa. Contudo, nestes contextos, verifica-se alguma falta de informação na forma como se lida com as situações violentas e abusivas, podendo resultar na naturalização e legitimação da violência. É exatamente sobre esta legitimação da violência que se deve atuar, uma vez que, não é natural os/as jovens naturalizarem situações de violência como se fossem ocorrências normais no dia-dia. Estes/as devem estar informados/as sobre o que é concretamente a violência e de como podem agir perante este tipo de situações.

Apesar de se estar a assistir, nos últimos anos, a uma mudança na forma de pensar a violência na escola, passando esta a ser aceite como um problema educacional, quer pela sua emergência dentro da própria comunidade escolar

- violência na escola - quer pela consciência das relações que se estabelecem entre a violência nestes contextos e o comportamento social; ainda há um longo trabalho a fazer.

O género assume um papel central no que se refere aos padrões de relacionamento entre homens e mulheres e, por essa razão, podemos afirmar que a violência de género está intimamente ligada à construção social e cultural do masculino e do feminino. É, portanto, necessário promover comportamentos e atitudes que visem reduzir, ou mesmo erradicar, este tipo de violência e desenvolver uma cultura mais igualitária. Naturalmente, estas duas ações afiguram-se como um processo educativo em que o objetivo primário é alargar a consciência dos/as jovens sobre a sua própria sociedade e cultura. A pertinência do trabalho de Prevenção da Violência de Género e Promoção dos Direitos Humanos, contínuo e sistemático, em contexto escolar, revela-se essencial, uma vez que as desigualdades de género são, muitas vezes, os alicerces das várias formas de violência. Assim, importa salientar que este trabalho com os/as jovens, consciencializando-os/as sobre a sociedade que os/as rodeia e estimulando o espírito crítico face às injustiças, é fundamental para que estes/as sejam capazes de reagir e de tomar posição nessas situações. O objetivo é promover comportamentos, sentimentos e valores propulsores de experiências e ações de respeito para com os Direitos Humanos e capacitar estes/as jovens na prossecução do objetivo da Igualdade de Género. Um dos fatores de inovação da metodologia de prevenção é considerar que os/as jovens são protagonistas no desenvolvimento das sessões, nas escolhas dos temas, no desenvolvimento das atividades, na reflexão sobre as problemáticas, tornando-se também protagonistas da sua própria mudança cultural. É fundamental que os/as jovens se sintam

integrados/as neste processo de intervenção, que vejam as suas participações valorizadas e que compreendam que todos e todas podem contribuir para uma mudança numa sociedade sexista e patriarcal.

A UMAR considera que as mudanças sociais não se conseguem pela simples transmissão de conhecimentos, mas sim através da reflexão individual e em grande grupo, pela tomada de decisão e pelo debate de ideias e opiniões baseadas nas vivências dos/as participantes. Para a promoção do Projeto Artways, a UMAR reforçou uma metodologia pedagógica que tem vindo a desenvolver ao longo dos anos e que tem um cariz artístico. Usar a arte enquanto ferramenta para a prevenção da violência constitui uma estratégia crucial para cativar a atenção dos/as jovens e para os/as fazer refletir sobre as mais variadas questões. A saída da zona de conforto das suas mesas e cadeiras dispostas na sala de aula, para um espaço livre onde estes e estas se podem exprimir (muitas vezes sem terem propriamente de verbalizar as suas opiniões), configura-se numa metodologia que, não só permite conhecer melhor as ideias dos/as jovens, como também promove experiências que possam não ter espaço num currículo educativo tradicional. Desenvolver as sessões com ferramentas artísticas enquanto metodologia pedagógica é aproveitar o potencial criativo dos/as jovens, empoderando-os/as ao mesmo tempo para a ideia de que podem ter um papel ativo na sociedade. Através destas expressões artísticas, os/as participantes podem refletir, ponderar e criar produtos onde deixarão transparecer as aprendizagens promovidas no contexto das sessões, trabalhando-se paralelamente a outras competências pessoais e sociais.

Como facilmente se pode identificar pelo nome do Projeto, a arte é, então, a base de trabalho de todo do Artways, já que esta é a forma que se considera

mais eficaz para captar a atenção dos/as jovens e impulsionar mudanças de atitudes e comportamentos.

O protagonismo juvenil é uma mais-valia para o trabalho ao nível da Prevenção da Violência, associado a atividades que incentivem ou que apelem ao envolvimento dos/as jovens. Estas iniciativas ganham especial valor e consubstanciam-se quando compartilhadas com as famílias, a comunidade escolar e local. Ora, tal justifica a necessidade de intervenção junto dos/as docentes, famílias e encarregados/as de educação, com o objetivo de desenvolver uma consciência crítica face às desigualdades de género. A intervenção com os/as diferentes agentes que estão na vida dos/as jovens — protagonistas do Projeto —, configura-se assim essencial para promover a mudança e contribuir para uma sociedade mais equitativa. Ao mesmo tempo que estamos a trabalhar com adultos/as que fazem parte do círculo de vida dos/as jovens protagonistas, estamos também a sensibilizá-los/as para a necessidade de trazer a público as questões da igualdade de género e a proporcionar um espaço de interconhecimento e de reconhecimento de que a capacidade de mudança está em todos/as.

Assim, com o Projeto Artways - Políticas Educativas e de Formação contra a Violência e Delinquência Juvenil, a UMAR promoveu na zona do Grande Porto, um Projeto de combate à violência e delinquência juvenil focado nas questões de género, visando o desenvolvimento e implementação de um programa de ação sistemática com jovens, docentes, famílias e comunidade em geral, através do qual se dinamizaram e desenvolveram diversas atividades que serão detalhadamente descritas no presente capítulo.

O trabalho nas escolas

No primeiro ano letivo de intervenção do Projeto, dinamizaram-se em média de 15 sessões, por turma, ao longo do 1º ano letivo, em diferentes disciplinas nomeadamente em Educação para a Cidadania, Oferta Complementar, Hora de Turma, Educação Moral e Religiosa Católica, entre outras. Estas 15 sessões representaram um trabalho continuado e sistemático ao longo de todo o ano letivo, em que, durante cerca de 50 minutos, os/as jovens refletiam sobre determinada temática relacionada com os Direitos Humanos e/ou a prevenção da violência. Estas sessões foram divididas em 3 momentos-chave: um primeiro momento organizador (em que se recordavam os conteúdos abordados na última sessão e se programava o trabalho para a presente sessão); um momento de desenvolvimento (em que a temática era trabalhada e as atividades desenvolvidas através de ferramentas artísticas); e finalmente, um momento de avaliação (para permitir a reflexão sobre o que se havia debatido e avaliar se a temática teria ficado bem compreendida). Sempre que a equipa técnica considerava que as temáticas ainda não estavam bem trabalhadas, na sessão seguinte voltava-se ao mesmo tema e não se avançava sem os conceitos estarem bem compreendidos por todos/as os/as participantes. Sempre que os/as jovens manifestavam vontade de continuar a trabalhar alguma temática específica, essa vontade era ouvida, dando-lhes desta forma também algum controlo no que eles/as pretendiam do Projeto. Neste primeiro ano letivo, envolveram-se mais de 600 jovens de 39 grupos-turma diferentes e 14 Agrupamentos Escolares do Grande Porto.

O Projeto Artways focou-se essencialmente no 3º ciclo, no entanto, integrou também, em menor número, jovens de turmas do 2º ciclo e do ensino

secundário. A escolha das idades onde promover a intervenção teve a ver com o facto de a própria personalidade de cada um e de cada uma se estar a formar nesta faixa etária e ser esta uma oportunidade de a trabalhar conhecimentos pro-sociais, inculcando o respeito pelos/as outros/as e pelos Direitos Humanos.

Durante o desenvolvimento destas sessões, exploraram-se diversas temáticas, tais como: direitos humanos, direitos das crianças, direitos das mulheres, estereótipos e preconceito, igualdade de género, homossexualidade, violência de género, violência doméstica, violência no namoro, violência entre pares, entre outras. Apesar da existência desta “listagem” de conceitos e ideias importantes a debater e refletir, não houve um programa *standard* que fosse igual para todas as turmas. Cada grupo acabou por definir, coletivamente, as suas necessidades bem como a forma como as temáticas foram exploradas. Houve grupos em que existiu maior necessidade de trabalhar temáticas como os Direitos Humanos, noutros foi importante dedicar mais sessões à violência no namoro, por exemplo. Também a própria metodologia artística usada foi sendo adaptada grupo a grupo, conforme os seus interesses: alguns gostavam mais de desenhar e pintar; outros de ouvir música; outros de escrever. A UMAR considera que esta metodologia de Projeto, que tem em consideração os gostos e vontades dos/as próprios/as jovens, permite captar-lhes toda a atenção e envolve-los/as verdadeiramente. É importante também referir que existem outras temáticas importantes a trabalhar, que em alguns casos se trabalharam no 2º ano letivo de implementação de Projeto como foi o caso da importância da comunicação (verbal e não verbal), do treino de competências pessoais e sociais e da tomada de decisão. Por existirem diversos temas importantes a debater com jovens para que a prevenção da violência de género possa ser profícua, a UMAR defende que o ideal são 3 anos de intervenção

com o mesmo grupo-turma. O primeiro ano seria de transmissão de informação aos/às jovens apelando à reflexão e ao debate, o segundo ano seria importante para sensibilizar os/as jovens para a existência da violência e para a necessidade de minimizar essa problemática e o terceiro ano seria de conscientização da ideia de que cada um e cada uma é responsável pela mudança e que todos/as podem ser os/as protagonistas desta mesma mudança social.

O Projeto Artways, apesar de ter sido desenvolvido apenas em 18 meses, foi uma importante estratégia política e educativa para a prevenção da violência de gênero. Durante as quinze sessões promovidas neste primeiro ano letivo, os/as jovens produziram, com recurso a ferramentas artísticas, vários produtos dentro das variadas temáticas trabalhadas. No caso da violência no namoro, por exemplo, todos os/as jovens trabalharam esta temática com recurso a uma ferramenta artística comum, a fotografia. Deste trabalho conjunto com profissionais de fotografia voluntários/as envolvidos/as, surgiu a exposição CENAS.LOVE - Representações do Amor, Namoro e Violência no Namoro. Estas representações são exatamente o que o nome identifica — apresentações e representações das ideias dos/as jovens sobre o amor, namoro e violência no namoro. A exposição CENAS.LOVE, constituída por cerca de 90 fotografias captadas com todos os grupos-turma do Projeto, já esteve em exibição em 6 locais e tem solicitações que já ultrapassam o período de implementação do próprio Projeto. Pela importância desta exposição, e pela preponderância que acabou por ter para o próprio Projeto, neste manual está patente um capítulo inteiro que descreve na íntegra as CENAS.LOVE, desde a sua ideia, passando pela sua execução até ao impacto que esta teve nos/as jovens e mesmo na sociedade em geral (Capítulo V).

Este Projeto previa também nos seus objetivos prevenir a Delinquência Juvenil. Assim, e porque uma das parcerias estratégicas do Projeto foi a Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais, este teve também atuação em contextos onde a delinquência já está, de alguma forma, sinalizada. A intervenção no Centro Educativo de Santo António e no Lar de Infância e Juventude Especializado Gondomar Coração D'Ouro, foi um desafio para a UMAR e para a própria equipa técnica, que, através deste Projeto, se iniciou no âmbito da prevenção secundária e prevenção da reincidência. O trabalho desenvolvido nestas instituições foi, na sua génese, semelhante ao desenvolvido em contexto escolar, ressaltando sempre as necessidades específicas destes contextos. Este trabalho de prevenção da delinquência juvenil e mesmo da reincidência é fundamental. Os/as jovens institucionalizados/as não tinham qualquer contacto formal com a educação para a igualdade de género, pelo que este Projeto acabou também por cobrir uma importante lacuna das próprias instituições. Uma descrição mais detalhada do trabalho desenvolvido nestas instituições foi também incentivo para um capítulo deste manual, já que esta experiência pioneira se revelou muito interessante e extremamente produtiva (Capítulo III).

No final do 1º ano letivo, o Projeto Artways promoveu um encontro, que designou de CENAS.CIDADANIA – Mostra Artística do Projeto Artways, onde os/as jovens dos diversos grupos-turma se juntaram num mesmo local para demonstrar os seus produtos artísticos e o que haviam aprendido durante o primeiro ano do Projeto. Este evento, decorrido no dia 2 de junho de 2015, no Auditório da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, juntou mais de 600 jovens que, durante todo o dia, mostraram aos/às restantes colegas que produto artístico haviam produzido durante o ano letivo. O principal

objetivo deste evento foi a partilha de conhecimentos e de produções artísticas, que promoveu a melhoria da autoestima dos/as jovens e um sentimento coletivo de pertença. Para além disso, este encontro serviu também para mostrar aos/as jovens que este é um Projeto com uma larga abrangência e que, tal como eles/as, outros/as jovens estiveram envolvidos/as. Estas CENAS.CIDADANIA, foram referidas pelos/as jovens inúmeras vezes como o ponto alto do Projeto, já que foi aqui que viram todo o seu trabalho a ser reconhecido por outros/as. A construção deste produto final constituiu uma metodologia fundamental, já que é uma mais-valia para as mudanças discursivas, atitudinais e comportamentais por parte dos/as jovens. A necessidade de refletir sobre o que se pode produzir com os conhecimentos adquiridos e a sua produção é importante e constitui uma estratégia fundamental para consolidar as aprendizagens.

Após uma avaliação quantitativa e qualitativa detalhada do Projeto, verifica-se que os/as participantes, para além de terem adquirido novos conhecimentos com o Projeto Artways, também dão mostras de querer melhorar os seus comportamentos e atitudes. Na verdade, a avaliação do Projeto foi feita de forma transversal ao longo dos seus meses de implementação, incluindo não só registos detalhados de cada sessão, como também reuniões com docentes, psicólogos/as, diretores/as dos agrupamentos escolares, o feedback dos/as próprios/as jovens envolvidos/as e ainda um questionário distribuído antes da intervenção e após a intervenção para avaliar a melhoria de conhecimento e de eventuais mudanças comportamentais. Em termos de avaliação qualitativa do Projeto, podemos destacar que os/as jovens gostaram de poder participar neste Projeto que lhes deu liberdade e promoveu a sua criatividade já que assim sentiram que as suas vozes eram ouvidas. Dos

feedbacks dados pelos/as jovens, bem como da análise dos registos das sessões, podemos verificar que algumas mudanças foram acaçadas pelo Projeto. Concretamente, surgiram várias situações de jovens homofóbicos/as, que mais tarde conseguiram ser eles/as próprios/as a representar teatralmente situações homossexuais; noutras situações, jovens que no início do Projeto consideravam que limpar a casa e cozinhar eram tarefas exclusivamente de mulheres e que no final do primeiro ano letivo já não o viam dessa forma; jovens em que a mudança discursiva é também evidente. Estas mudanças, apesar de não se poderem quantificar, são, para a UMAR, as mais importantes e refletem o trabalho do Projeto. Em termos quantitativos, como referido, foi distribuído um questionário pré-intervenção e pós-intervenção, composto exatamente pelas mesmas questões. Os resultados gerais dos/as 600 jovens demonstram uma melhoria de 10% relativamente às respostas dadas antes da intervenção. Isto significa que, antes da intervenção a cotação dos/as jovens neste questionário tinha uma média e depois de transmitidos alguns conhecimentos e feitas as respetivas reflexões, os resultados médios subiram 10%. O resultado mais alto alcançado pelo Projeto foi uma melhoria de 26,8% numa turma de cerca de 8 jovens do sexo masculino, que era considerada “problemática” pela escola. Apesar de estes 10% de melhoria serem um resultado muito positivo, já que estamos a falar de mudanças comportamentais na sociedade, a UMAR tem também presente que há muito mais a fazer, e que apenas um ano de intervenção não é suficiente. Daí que o Projeto Artways tenha sido planeado para 18 meses.

Das reuniões com as diversas entidades parceiras do Projeto, incluindo as escolas e autarquias, foi também possível perceber que estas entidades consideram fundamental o trabalho na prevenção da violência de género,

ainda que os resultados não possam todos ser concretamente mensuráveis quantitativamente. A corroborar exatamente este interesse e esta necessidade está o facto de o Projeto Artways ter recebido inúmeras solicitações por parte de diversos Agrupamentos Escolares para a sua implementação, e que apenas foi possível à equipa técnica responder a estas solicitações com ações de sensibilização pontuais.

No segundo ano letivo, entre setembro 2015 e fevereiro 2016, o objetivo fundamental do Projeto foi demonstrar aos/às jovens que estes/as poderiam ser agentes da mudança. Para isso, o Projeto Artways promoveu sessões de multiplicação em que os grupos que tiveram intervenção no primeiro ano letivo, e que continuariam a fazer parte do Projeto, se deslocariam a uma nova turma, sem qualquer tipo de intervenção, para os/as informar e sensibilizar para uma das temáticas abordadas durante o anterior ano letivo. Estas sessões de multiplicação implicaram a envolvimento de jovens que nada sabiam sobre o Projeto e que foram sensibilizados/as pelos seus pares. A educação por pares, é uma forma poderosa para refletir problemáticas e, como tal, foi usada pioneiramente pelo Projeto Artways, para transmitir valores em prol dos Direitos Humanos e do respeito pelo/a outro/a. Para estas ações de multiplicação, as turmas de implementação do Projeto tiveram de escolher uma temática e uma metodologia para a explicar aos/às outros/as colegas. Com esta atividade, produziram-se também vários produtos artísticos que poderão ser continuamente usados pelas escolas para multiplicar a mensagem. O objetivo desta metodologia por pares é também demonstrar que é possível estender a toda a comunidade educativa as temáticas ligadas à igualdade de género e à prevenção da violência e delinquência juvenil. O ideal seria, a partir destas sessões de multiplicação, que a equipa técnica pudesse

continuar o trabalho iniciado pelos/as jovens com esta nova turma, até que esta estivesse também pronta para multiplicar a mensagem. Com um trabalho organizado, sistemático e holístico, seria possível que todas as escolas integrassem nos seus currículos estas temáticas.

Tal como já foi referido, tendo sido requisitado por inúmeras entidades e agrupamentos escolares, o Projeto Artways nem sempre teve possibilidade de dar uma resposta sistemática a todas as solicitações. Mais uma vez, salienta-se a necessidade deste tipo de intervenção ser mais abrangente, com mais recursos e não depender exclusivamente de projetos financiados periodicamente. Ainda assim, a equipa técnica do Projeto considerou fundamental dar a melhor resposta possível a todas as solicitações e desenvolveram-se ao longo do Projeto inúmeras ações de sensibilização pontuais envolvendo diversos públicos-alvo. Desde jovens a adultos/as, as ações de sensibilização dinamizadas envolveram mais de 2 700 pessoas que ficaram mais informadas sobre diversas temáticas. Estas ações, de duração também ela variável de acordo com as solicitações, tiveram como temáticas principais: a violência de género, a violência no namoro, os direitos humanos e a violência entre pares. Estas foram constituídas por momentos de transmissão de informação, mas também de debate e de partilha de experiências como, de resto, o Projeto se pautou. Como resultado destas ações o feedback dos/as participantes, das entidades parceiras foi muito positivo, mas tivemos também outros feedbacks muito importantes. Através de algumas destas ações de sensibilização foi possível detetar e sinalizar alguns casos de violência no namoro e também de violência doméstica que os/as próprios/as docentes da turma desconheciam. É claro que a equipa teve sempre muito cuidado ao abordar este tipo de questões que são, pelas suas

características óbvias, muito desconcertantes, mas quando estas temáticas tocam de forma tão pessoal a um/a jovem é difícil não dar nas vistas e sinalizar as situações, que a partir desse momento passam a ter um seguimento profissional.

A UMAR considera, por dois motivos principais, que é também fundamental envolver o corpo docente na prevenção da violência. O primeiro motivo, e talvez o mais importante, é que os/as docentes têm um papel fundamental na educação dos/as jovens. Se é verdade que a educação se inicia no espaço “casa”, também é verdade que é na escola que os/as jovens passam mais tempo, e que é daqui que levam algumas aprendizagens para a vida. Se a escola se assumir enquanto portadora de mensagens positivas, se se envolver na promoção da igualdade de género, do respeito pelo/a outro/a e na promoção dos Direitos Humanos, a sociedade futura verá certamente os resultados desta nova socialização. O que acontece, na realidade, é que a escola e os/as próprios/as docentes estão saturados/as de projetos, ideias e conceitos que tão necessários são de incluir nos currículos educativos, e não conseguem dar todas as respostas. Não obstante, na generalidade dos casos, o esforço desta instituição (escola) e dos/as seus/suas mais diversos/as representantes, é de louvar e de parabenizar. Por outro lado, esta importância revê-se também no facto de estes/as possuírem hábitos, atitudes, discursos e comportamentos que sejam eles próprios projetores de preconceitos, estereótipos ou mesmo suscitadores de violência de género. A formação na área da igualdade de género ajuda todos/as os/as profissionais de educação não só a refletir sobre estas temáticas, como também a desenvolverem competências e capacidades e a produzir ferramentas apropriadas para trabalhar estas temáticas nos seus próprios currículos.

Neste contexto, o Projeto Artways promoveu uma ação de formação a docentes de 50 horas, acreditada pelo Conselho Científico-Pedagógico da Formação Contínua de Professores, sobre Prevenção da Violência de Género em contexto escolar. Nesta formação, participaram 16 profissionais, na maioria docentes, que partilharam experiências e conhecimentos e adquiriram novas técnicas para poder integrar conceitos fundamentais, como a igualdade de género, no seu currículo educativo. Falar sobre a igualdade de género, implica obviamente falar sobre o respeito pelo/a outro/a e, nesta medida, propicia a construção de uma sociedade mais equitativa, mais justa e previne situações de violência e de delinquência juvenil. O objetivo desta formação com docentes, de cariz voluntário, foi refletir com docentes de português, matemática, ciências, geometria, ou outra qualquer disciplina, que é possível falar sobre a igualdade de forma integrada nos seus currículos, sem que isso lhes acrescente mais trabalho. É possível, em qualquer contexto e disciplina, promover o respeito e a igualdade. Assim, o produto final desta formação foi exatamente produzir e aplicar uma, ou várias atividades, que incluíssem alguma das dimensões abordadas no decorrer da formação, nos seus currículos educativos e nos espaços que mais achassem convenientes e necessários. Os resultados desta formação foram excelentes. Todos/as os/as participantes, que não eram exclusivamente docentes, perceberam a mensagem e aplicaram no seu contexto de dia-a-dia algum dos conhecimentos adquiridos durante a formação. Tivemos grupos de trabalho, resultantes desta formação, que, para a avaliação final da formação, criaram um jogo para jovens sobre várias formas de violência; que usaram um conto da literatura portuguesa previsto na disciplina de Português para debater as questões dos estereótipos de género e fazer fichas de trabalho sobre estas temáticas; que dinamizaram ações de

sensibilização para jovens e para famílias; que filmaram um pequeno vídeo com jovens sobre a violência no namoro que foi difundido a outros/as jovens e também a encarregados/as de educação, entre muitas outras atividades paralelas desenvolvidas por estes/as profissionais. Esta formação permitiu expandir o número de pessoas sensibilizadas através do Projeto Artways, mas mais importante do que isso, mostrou a estes/as profissionais e docentes que estão motivados e implicados para integrarem, como integrarem, daqui para a frente, estas temáticas no seu contexto educativo.

Paralelamente à formação de docentes, o Projeto Artways dinamizou também 3 ações de formação a técnicos/as que trabalhassem em contexto juvenil para a promoção da prevenção da violência e delinquência juvenil. Estas ações de formação, com a duração de 18 horas cada uma, foram promovidas gratuitamente em vários pontos da zona metropolitana do Porto: a primeira em Gondomar, seguida de outra em Vila Nova de Gaia e, por fim, uma na Póvoa de Varzim. Em todas estas formações, as inscrições ficaram no limite máximo de participação, sendo que foram todas um momento de partilha muito interessante. O objetivo destas formações era sensibilizar os/as técnicos/as para a necessidade da prevenção da violência de género, para o uso de linguagem inclusiva e para a necessidade de encaminhar os casos de violência sinalizados para profissionais especializados/as. Destas formações resultaram sempre novos contactos de Agrupamentos Escolares e mesmo de Juntas de Freguesia, interessados em implementar o Projeto Artways.

Finalmente, no âmbito da formação, o Projeto foi também solicitado para dar formação a Assistentes Operacionais de vários Agrupamentos Escolares. A escolas sentem necessidade de mais formação e os/as próprios/as Assistentes Operacionais também. Tendo em conta que é nos recreios e

intervalos que a violência ganha mais espaço, é fundamental que as pessoas que passam mais tempo com os/as jovens nestes momentos saibam como agir face a situações de violência. Foi possível verificar, durante estas formações, que, muitas vezes, os/as agentes escolares não sabem como agir, ou o que aconselhar à criança ou ao/à jovem e que, por isso, frequentemente, acabam por ser eles/as próprios/as a conversar com a vítima. Claro que se a vítima confia em alguém para contar a sua história, é importante que esta pessoa mantenha a confidencialidade do relatado. No entanto, é também extremamente importante que esta pessoa aconselhe a vítima a procurar ajuda especializada e foi isso que o Projeto Artways tentou promover nas 3 formações promovidas.

O envolvimento das famílias dos/as jovens participantes no Projeto foi também um dos objetivos propostos no processo de candidatura do mesmo. Embora não seja fácil trazer os/as encarregados/as de educação à escola, foi possível dinamizar algumas sessões com as famílias dos/as jovens envolvidos/as. A estratégia usada e adaptada pelo Projeto Artways foi incentivar a vinda dos/as encarregados/as de educação à escola para visualizarem os produtos artísticos desenvolvidos pelos/as seus/suas educandos/as durante as sessões. Com esta estratégia, dinamizaram-se algumas ações de sensibilização sobre a igualdade de género, onde os/as familiares dos/as jovens puderam, orgulhosamente, contemplar alguns dos produtos criados pelos/as participantes. Estas ações foram importantes, não só para empoderar os/as jovens, como também sensibilizar os/as adultos para a igualdade e para a existência de ajuda em situações de violência. Apesar do sucesso das ações desenvolvidas, a UMAR considera que é necessário um trabalho muito mais profundo com a comunidade e com as famílias dos/as

jovens. É necessário trabalhar toda a comunidade envolvente na vida do/a jovem para que este/a seja verdadeiramente capaz de mudar de forma sustentável e duradoura na sua vida.

Políticas educativas e de formação para a prevenção da violência e delinquência juvenil

Durante toda a execução do Projeto, a equipa técnica preocupou-se em alterar as políticas educativas e de formação para promover a igualdade e o respeito pelos Direitos Humanos. O Projeto estabeleceu parcerias formais com várias autarquias e entidades com poder local e nacional para sensibilizar sobre a importância de continuar este trabalho de prevenção da violência de uma forma mais contínua.

As parcerias formais estabelecidas com as Câmaras Municipais, nomeadamente com a Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, Câmara Municipal de Valongo, Câmara Municipal de Gondomar, Câmara Municipal da Maia, Câmara Municipal de Penafiel e Câmara Municipal de Matosinhos, permitiram sensibilizar o poder político local de que há uma necessidade de dar continuidade a este trabalho de forma mais continuada e sistemática. Este tipo de Projetos são obviamente importantes, mas é mais necessária ainda uma mudança política que valorize a prevenção da violência e da delinquência juvenil, lutando por uma sociedade mais justa, equitativa e de paz.

O Projeto Artways participou também, a convite, em diversas atividades promovidas pelas Câmaras Municipais e implementou diversas atividades em

parceria com estas mesmas. Estas parcerias são fundamentais para que exista um contacto direto com a realidade e com a necessidade de mudança cultural, que se inicia necessariamente com os/as jovens.

No âmbito das políticas educativas, e tal como já foi explanado, o Projeto Artways promoveu vários momentos de formação, formais e informais, a vários agentes considerados como fundamentais, onde se incluem claro, os/as maiores protagonistas do Projeto: os/as jovens.

Durante a sua execução, o Projeto desenvolveu um protocolo de parceria com todos os agrupamentos escolares onde implementou a sua intervenção ao longo dos 18 meses, que explicava não só os objetivos deste Projeto, como também as atividades previstas e a sua potencialidade.

Para além disso, apresentou também, várias vezes, os seus fundamentos ao Ministério da Educação e à Direção-Geral de Saúde, que nos receberam com muita vontade de ouvir as recomendações do Projeto Artways. A UMAR considera que este trabalho deve ser implementado de forma contínua e integrada nos currículos educativos por profissionais especializados, e, como tal, considera que essa intervenção deve se iniciar pela aceitação dos vários Ministérios, incluindo o Ministério da Educação, da sua quota-parte de responsabilidade em promover, nas escolas, a integração da igualdade de género nos currículos e a prevenção da violência de género de forma holística e sistemática.

Reflexão sobre a importância da continuidade de projetos com filosofia de prevenção primária da violência de género

A UMAR já tem experiência em projetos de prevenção primária da violência de género desde 2004. Isto traduz-se numa prática de mais de 12

anos com resultados alcançados tangíveis e mensuráveis, que demonstram o grande potencial deste programa. Não obstante, tal como anteriormente referido, a prevenção primária da violência deve ser desenvolvida de forma sistemática e continuada. Se, através do Projeto Artways, se pôde verificar que em 18 meses o trabalho desenvolvido, e a desenvolver, nesta área é muito; por outro lado, consideramos que 18 meses é pouco tempo para conseguir verdadeiras mudanças culturais. É necessário que haja um maior fio de continuidade nestes projetos de prevenção de violência para que se possa trabalhar com os/as mesmos/as jovens durante pelo menos 3 anos. Só assim é possível tentar que as mudanças positivas avaliadas no final dos projetos, se mantenham ao fim de 2 meses, 1 ano ou 10 anos. A inclusão de uma metodologia artística na prevenção da violência de género é também parte da filosofia da UMAR que considera que os/as jovens estão saturados/as de informação e que precisam de aprender através de novas formas, novas ferramentas que sejam cativantes. Com este Projeto é possível provar que a arte é para todos/as, e que esta é uma ferramenta para desenvolver a veia criativa de todos/as, muitas vezes adormecida ou oprimida, que devíamos aprender a usar mais no nosso quotidiano.

Assim, através deste Projeto e dos resultados do mesmo, podemos concluir que é importante trabalhar com os/as jovens questões que possam promover uma sociedade igualitária e mais justa, já que os/as jovens de hoje serão os/as adultos/as de amanhã.

II – O Papel da Arte na Prevenção da Violência de Género



O Papel da Arte na Prevenção da Violência de Gênero

Falar de violência de gênero é falar de um grave problema social, com enormes consequências humanas, ao nível físico e psicológico, mas também, com elevados custos económicos, como já referido neste manual. Estes custos não quantificáveis - relacionados com as dimensões psicológicas, emocional e afetiva - afetam a própria vítima e os/as que lhe estão próximos/as (por exemplo, filhos/as), deixando consequências (pesadas) que se podem manter para toda uma vida. No entanto, falamos também de custos para a sociedade, isto é, suportados por todos/as nós, sendo estes quantificáveis, e que resultam das consequências na saúde física e psicológica e na diminuição do desempenho quer no trabalho, quer nos contextos sociais e familiares. Assim, todo o investimento nas respostas que temos que apresentar a cada problemática social do contexto onde nos inserimos constitui não apenas o direito ao ressarcimento das vítimas mas também um importante caminho na diminuição dos custos humanos sociais e económicos. Quando falamos de respostas à violência de gênero e doméstica, referimo-nos a casas-abrigo, casas de acolhimento, centros de atendimento, magistrados, polícia, técnicos/as da área da medicina, social e da psicologia, custos com as idas aos Hospitais e Centros de Saúde, prejuízos resultantes do insucesso e abandono escolar das vítimas e filhos/as destas.

Este grave problema social, a violência contra as mulheres, resulta das relações de gênero que foram, e ainda são, legitimadas pelas concepções das relações de poder entre o masculino e o feminino, dando superioridade ao primeiro. Assim, quando estas relações assentam em desigualdades, surgem

facilmente comportamentos abusivos, coercivos e/ou violentos, numa relação amorosa e/ou familiar.

O género (as expectativas e conceções a ele associados) é desde muito cedo construído e interiorizado, a partir da socialização das raparigas e dos rapazes, processo este que, em muitos casos, ainda é feito de forma dissemelhante consoante o género da criança. Desta forma, torna-se urgente uma intervenção precoce, isto é, há uma premente necessidade de prevenção primária, desde tenras idades, promovendo a igualdade, o respeito e a aceitação do/a outro/a.

A escola constitui um espaço privilegiado para a prevenção por ser um dos fundamentais contextos de socialização e aprendizagem de crianças e jovens. De acordo com Borsa (2007), estudos sobre o desenvolvimento infantil mostram que a escola desempenha um papel fundamental na promoção do conhecimento social, no desenvolvimento das capacidades cognitivas e na compreensão que as crianças têm do mundo social. A escola tem um papel, a par dos/as educadores/as nos contextos primários/as, muito importante na consolidação dos processos de socialização que começa com estes/as, desde o início da vida da criança, e vai mais longe porque além da socialização, promove a educação. É ainda essencial na dimensão ligada à individuação da criança, no desenvolvimento das suas relações afetivas e com os/as outros/as, na habilidade da criança em participar em atividades sociais, no desenvolvimento de competências comunicativas, e na aquisição de condutas pro-sociais e na própria construção da identidade pessoal. A escola não é apenas um espaço de aquisição de conhecimentos, mas também o espaço ideal para o crescimento de indivíduos críticos, socializados, atuantes e integrados nos diferentes contextos em que estão inseridos.

À escola, e ao seu papel socializador, cabe ainda a tarefa de formar os/as alunos/as na perspectiva de se tornarem agentes de defesa e de proteção dos Direitos Humanos (Dias, 2007). Assim sendo, este contexto deve ser um espaço de não discriminação, que promova o diálogo, a solidariedade, o respeito mútuo, a tolerância, a autonomia e a emancipação dos/as jovens (Dias, 2007). E é com estes valores presentes, que o Projeto Artways atua nas escolas, de forma contínua e sistemática, através da implementação de um programa de prevenção e promoção dos Direitos Humanos, privilegiando um conjunto de atividades que, utilizando a arte como forma de expressão, trabalha com os/as jovens diversas temáticas ligadas aos Direitos Humanos. É fundamental que a escola inclua conteúdos, procedimentos, valores, atitudes e comportamentos, orientados para a compreensão, promoção e defesa dos Direitos Humanos, assim como para a sua reparação em caso de violação dos mesmos (Dias, 2007).

As estratégias de prevenção primária são variadas, e pode considerar-se qualquer atividade de caráter lúdico, cultural, pedagógico, como um importante fator de proteção para os/as jovens. Ocupar as mentes das crianças/jovens, tornando-as protagonistas, fazendo-as construir, pintar, representar, colocar em ação, é no fundo, levá-las a sentir o fenómeno, a vivenciá-lo, e obrigá-las a refletir sobre ele. É preparar cidadãos e cidadãs capazes de não fechar os olhos à realidade à sua volta e chamá-los/as a ter uma postura interventiva e proactiva face aos problemas que existem na sociedade e nos contextos onde se inserem. É convidá-los/as a pensar e a agir sobre os mesmos.

A arte imita e retrata a vida, e como Nietzsche (1844-1900) diz “existe para que a realidade não nos destrua”, pois é através dela que os/as jovens

reproduzem os problemas que se pretendem trabalhar, que se colocam no papel de vítimas e de agressores, ou dos/as envolvidos/as em cada problemática, de forma educativa, e que refletem sobre o que sentem nesse mesmo papel e o que poderão fazer face a essa problemática. Daí poderão obter uma nova visão face à situação, um novo olhar por dentro de quem olha de fora, que ao mesmo tempo sendo empático e por isso contendo emoções, é também distante, pensador, reflexivo e crítico.

Numa sociedade sexista, é essencial o uso da arte como forma de alerta, de conhecimento, como instrumento para “refletir”, “sentir” e “fazer”, três dimensões possíveis de serem unidas pela arte, tal como Canotilho *et al.* (2010b) nos alertam.

A arte pode apresentar-se de formas variadas, tais como: pintura, música, escultura, cinema, teatro, poesia, dança,... pode ir de um *sketch*/clip musical de 5 minutos à execução de um vídeo pedagógico ou peça teatral, de um rap a uma ópera, de um poster a uma escultura ou, de uma exposição de fotografia a um mural,... e ajuda-os/as a lutar contra as suas opressões, mas também, a transformar a sociedade a partir de um pensamento crítico. É neste sentido que se desenvolve o Projeto Artways, propondo e partilhando questões e levando à construção de diversos caminhos a partir de estratégias colaborativas e coletivas das diferentes técnicas artísticas. A partir destes pressupostos aplicados, os/as jovens utilizaram como estratégias, as mais variadas expressões artísticas, tendo a equipa valorizado mais os processos utilizados na prevenção da violência de género do que o “produto artístico” final propriamente dito. Os/as jovens foram, geralmente, muito responsivos e abertos à utilização das variadas formas de arte e tudo pode ajudar como

estratégia para uma maior conscientização dos problemas por parte dos/das jovens na prevenção da Violência de Género.

Através destes processos artísticos, os/as jovens começaram a ficar mais conscientes desta problemática e por conseguinte mais preparados/as para lutar contra o preconceito, a intolerância, a discriminação, e para chamar a atenção e se envolverem nos diversos problemas da sua comunidade ou relativos aos seus pares, tal como a Violência no Namoro, conscientizando o problema, educando outros/as (como se fez no segundo ano de intervenção, através das sessões de multiplicação entre pares), e aprendendo e sugerindo formas de prevenir o fenómeno.

Recorrendo a procedimentos artísticos no Projeto Artways, pretendeu-se sensibilizar os/as jovens para, ao serem protagonistas no seu próprio processo de mudança, desafiarem os papéis de género (crenças, comportamentos, normas, valores, atitudes e expectativas culturais face ao género feminino e masculino) e acharem um espaço de fuga para expressar os seus talentos, e com estes, os seus medos, ansiedades e emoções, criando ainda, pessoas mais ativas, que questionam o mundo, capazes de intervir na sociedade, e fortalecendo comportamentos cooperativos e participativos.

As diferentes expressões artísticas, o teatro fórum, e/ou as performances são formas importantes para a maior conscientização dos problemas pelos/as jovens (Canotilho *et al.*, 2010a). A variedade de processos artísticos, em que a reflexão individual e coletiva (estimulada pelas/os técnicas/os do Projeto Artways) tem um espaço importante na formação de jovens, em que vem desafiar os papéis de género, e ajudar a que, desta forma, sejam desconstruídas as principais bases da violência (Canotilho *et al.*, 2010a).

É importante distinguirmos o uso da Arte como propósito de uma expressão, do uso da Arte para criar um Produto Artístico (não querendo dizer que quem cria um produto não está também a expressar-se através do seu trabalho). Apesar de chamarmos as criações dos/as jovens, de Produtos Artísticos, eles/as não precisam ser artistas, pois o que pretendemos é dar-lhes a oportunidade de usar a Arte como forma de expressão pessoal. Daí que o medo de não se fazer um produto de qualidade seja dissipado quando se deixa os/as jovens serem livres para expressar o que quer que lhes surja e da maneira que quiserem. Eles/as são os/as protagonistas do processo. Após isso, o processo de partilha com os/as outros/as é também momento enriquecedor para todos/as.

Através da Arte, sendo os/as jovens protagonistas nessa construção, passa-se da premissa de “prevenir, trabalhando para os/as jovens” para a de “prevenir, trabalhando com os/as jovens” e valoriza-se o trabalho em rede, com as escolas, os parceiros, a comunidade, envolvendo-os/as também neste processo, sendo este fator diretamente relacionado ao sucesso dos resultados que iremos obter. Fazemos desta forma, um trabalho orientado para a intervenção social e para a mudança social, que parte da arte como uma forma de cidadania e de integração social, aproximando a arte à comunidade e envolvendo grupos socialmente desfavorecidos e excluídos e, neste sentido:

a insistência de que os oprimidos reflitam na sua situação concreta não é um apelo a revolução de cadeira. Pelo contrário, a reflexão – a verdadeira reflexão conduz à ação. Por outro lado quando a situação pede uma ação, essa ação constituirá uma praxis autêntica somente se as suas consequências se tornarem objeto de uma reflexão crítica ... de outro modo a ação é puro ativismo (Freire, 1997: 41).

Os debates e as conversas realizadas, com alunos/as e entre alunos/as e a comunidade escolar, dão oportunidade para que os cidadãos e as cidadãs possam levantar questões, apontar caminhos e participar no desenvolvimento cultural e social desse espaço socializador que é a escola.

Neste sentido, a Arte tem a capacidade de envolver os/as jovens, a comunidade, a escola, e a sociedade em geral, e estes espaços precisam desse alerta. Porque a Arte, tem vasta audiência, reforçada no Projeto Artways pelos eventos públicos dinamizados pelos/as alunos/as, como a Mostra Final – CENAS.CIDADANIA, ou a Exposição Fotográfica CENAS.LOVE – Representações do Amor, Namoro e Violência no Namoro, os Produtos Artísticos realizados pelos/as alunos/as, acabam por ser um meio efetivo de prevenir a Violência de Género, aumentando a conscientização dos/as jovens sobre o fenómeno e alargando o conhecimento à comunidade, havendo um maior alerta sobre o mesmo. Assim, chegando a novas audiências, a arte vai aumentar a consciência e refrescar mensagens anti violência àqueles/as que já as ouviram mas as esqueceram. Aproveita-se ainda para comunicar mensagens de múltiplas formas, para enfatizar ideias chave, permitindo que os/as jovens usem o seu potencial criativo, artístico, dramático, musical, e outros talentos, para fazer chegar tais mensagens à comunidade. Permitindo que os/as jovens usem a sua criatividade e potencial artístico e talentos, ajudamo-los/as a construir um sentido de identidade, independência, disciplina e mais-valia.

São apontados benefícios para o/a criador/a no processo de criação artística, neste caso, o/a participante. Este processo pode ajudá-lo/a a pensar de uma forma inovadora sobre o seu papel como agente de mudança social. O/a aluno/a que experiênciam uma atividade artística tem mais tendência para desenvolver uma cidadania ativa encarando-se como responsável perante a

situação atual da problemática trabalhada (Gomes, 2015), logo permitindo-o/a pensar o que fazer para mudar esta mesma problemática.

A arte afeta e toca as pessoas, promove identificações com personagens, permite aproximação ao público, emociona. E este palco, onde ela se mostra, faz dela um recurso pedagógico riquíssimo para estratégias de mudanças de atitudes, comportamentos,... que visem diminuir a violência de gênero, e a violência escolar, promovendo a cidadania, e uma cultura de paz, igualdade e aceitação da diferença, seja ela social, sexual, religiosa,...

Em suma, temos a convicção de que a arte é um motor de inclusão e mudança social, pelo seu poder único de unir as pessoas. Não pretendemos criar artistas profissionais no Projeto Artways, mas sim, através da Arte e das suas mais-valias, queremos encontrar estratégias para ajudar estes/as jovens a ultrapassar as adversidades das suas vidas, ajudá-los/as a manterem relações saudáveis em vez de relações abusivas e/ou violentas, aumentar a sua conscientização face à Violência no Namoro e outras questões. Queremos aumentar os fatores protetores, através do aumento de relações positivas com os pares e com os/as técnicos/as do Projeto e restante comunidade escolar, e através do aumento de competências para uma melhor resolução de conflitos na vida escolar e com os seus pares. Apostamos num programa que quer providenciar aos/às jovens um suporte, um sentido de comunidade e um espaço de expressão da sua voz. Todos/as estes/as jovens tiveram a oportunidades de fazer algo positivo, de participarem, de serem protagonistas face aos/às outros/as e com sucesso. Quando os/as jovens são validados e olham para o seu trabalho, fazemos com que sintam que as suas emoções e a sua experiência tivessem um propósito.

A escola parece-nos o local indicado para todo este trabalho, reforçando o seu papel socializador, implementando projetos educacionais, que visem a promoção de uma cultura de paz e de prevenção de diversas formas de violência. Assim, achamos crucial que a educação em Direitos Humanos e promoção da igualdade de género seja incluída obrigatoriamente no projeto educativo de cada escola, que contemple ações, que através da arte, contribuam para princípios de convivência social, participação, autonomia e democracia. Quanto mais envolvida a escola estiver neste processo de educação para uma cultura a favor dos Direitos Humanos e de aceitação da diferença, e mais disposta a escola estiver a servir-se de ferramentas artísticas para chegar a este fim, maior será a probabilidade de formarmos jovens capazes de respeitarem as diferenças, estimulando atitudes de tolerância e de paz.

III - A Delinquência Juvenil: Intervenção em Centro Educativo e Lar de Infância e Juventude Especializado

Se a primazia social está direcionada para a prevenção primária, não deveremos nunca esquecer a importância de continuar o trabalho de prevenção junto dos/as que se apresentam como mais frágeis aos comportamentos erróneos. É junto destes/as que a educação deverá atuar, porque como alude John Dewey “A educação é um processo social, é desenvolvimento. Não é a preparação para a vida, é a própria vida”.

A Delinquência Juvenil: Intervenção em Centro Educativo e Lar de Infância e Juventude Especializado

Ao longo dos últimos anos tem-se assistido a um crescente interesse sobre o fenómeno da delinquência juvenil. Para tal, muito contribuiu a evolução científica e a necessidade de se explorarem outras vertentes da problemática da delinquência. Muito embora os números revelem que tem havido um decréscimo dos/as jovens institucionalizados em Centros Educativos – 150 jovens em Janeiro de 2016, menos 22% do que em 2015 – e que os números das crianças institucionalizadas se tem mantido estável em torno das 8 500, a verdade é que estes dados são ainda muito preocupantes, o que desperta maior interesse na compreensão da génese e dos contornos dos percursos de vida destes/as jovens.

Uma das medidas que se tem desenvolvido nestes contextos é a promoção de competências pessoais e sociais, através da reflexão e da envolvimento dos/as jovens, responsabilizando-os/as pelos seus comportamentos. A UMAR, depois de mais de doze anos de intervenção em contexto escolar, apostou na reestruturação do programa, incidindo-o também na vertente de institucionalização, tendo por base a premissa de que o sistema judicial, embora seja necessário, não se revê na resolução dos problemas destes/as jovens, sendo a educação o principal motor para a mudança.

Delinquência Juvenil: sua conceptualização

Existem diversos fatores que estão na base do comportamento delinquente, principalmente quando se fala no fenómeno da delinquência juvenil. Na perspetiva consensual de alguns/as autores/as e.g. Calvert,2002) a explicação reside na existência de mais fatores de risco relativamente aos

fatores de proteção, ou seja os/as jovens sentem que têm mais motivos que os guiam para a delinquência do que motivos que os inibam de a perpetuar.

O conceito de delinquência juvenil não se apresenta de fácil definição, não sendo possível, considerá-lo como algo único, constituindo-se alvo de várias contribuições quer ao nível sociológico, psicológico e criminológico (Cruz & Grangeia, 2015).

No entendimento geral, pode definir-se a delinquência juvenil como a transgressão de regras sociais e, por isso, a manifestação de comportamentos antissociais (Cruz & Grangeia, 2015). Esta definição vai ao encontro da enunciada por Negreiros (2008), já que entende o fenómeno como um conjunto de comportamentos que vão contra normas ou expectativas sociais. Ora, fazendo uma análise destas definições, podemos concluir que, só se tratará de delinquência juvenil, se os/as jovens tiverem algum comportamento que vá contra as regras sociais de um determinado espaço ou local. Da mesma forma, aquilo que será considerado uma transgressão num determinado espaço, não significa necessariamente que seja entendido dessa forma noutra espaço completamente diferente. Isto significa que são os diferentes grupos sociais que estabelecem as normas de conduta de um determinado local.

Como o próprio conceito indica, a delinquência juvenil é também própria de uma fase etária da vida de um indivíduo: a adolescência. Do ponto de vista biológico, a adolescência é comumente tratada como uma faixa etária e como uma fase da vida. Do ponto de vista social, é descrita como uma condição social que sofre alterações históricas e sociais (Perista, Cardoso, Silva, & Carrilho, s/d).

Se para alguns/mas autores/as é obrigatório que se estabeleça uma relação direta e normativa entre adolescência e transgressão – pela própria expressão

de autonomia que isso traz aos/às jovens (Aguilar, Sroufe, Egeland, & Carlson, 2000), para outros/as a adolescência e a transgressão estão ainda mais intimamente ligadas. Estas afirmações baseiam-se em estudos como o de Blumstein e Cohen (1999 *cit in* Benavente, 2002), dos quais se pôde inferir que os comportamentos delinquentes e/ou transgressores atingem um pico entre os 15 e os 17 anos, havendo geralmente um declínio com a entrada na vida adulta.

Não obstante, as teorias fundamentam que as infrações podem surgir como forma de resolução da confusão interior do/a adolescente, projetando o medo que sente em objetos externos e/ou em pessoas: pais/mães, professores/as, polícias, ou outros/as (Benavente, 2002) Representação esta que vai de acordo ao que Pueyo (2004, p. 5) propõe como definição mais adequada ao fenómeno da violência juvenil, sendo “toda a forma, modo ou maneira estratégica de enfrentar os problemas e conflitos sociais e interpessoais que se caracteriza por produzir consequências danosas e prejudiciais a terceiros e/ou aos seus bens”. Neste âmbito, o mesmo autor distingue dois conceitos no âmbito do comportamento juvenil violento: delinquência juvenil e comportamento antissocial. A delinquência juvenil refere-se a uma categoria jurídica que qualifica um indivíduo, com idade inferior a 18 anos (em alguns casos até aos 21) que cometeu uma ou mais ações puníveis e que constam no Código Penal ou nas leis específicas aplicáveis aos/às menores. Pelo contrário, o conceito de comportamento antissocial refere-se a determinadas ações que, não estando legisladas, são inadequadas porque vão contra os princípios da sociedade podendo causar dano à mesma.

De acordo com Fréchette e Le Blanc (1987, *cit in* Oliveira, 2011) existem, essencialmente, duas modalidades de expressão do comportamento antissocial: a delinquência regressiva e a delinquência extensiva.

A delinquência regressiva caracteriza-se por um caráter transitório e efêmero, embora possa ser intensa e grave, uma vez que desaparece na segunda metade da adolescência, definindo-se essencialmente como um comportamento de ensaios e erros, ou como um ritual de passagem. Pelo contrário, a delinquência extensiva é caracterizada por atos delinquentes de início precoce que persistem e se desenvolvem segundo um processo específico de agravamento, exprimindo um modo de funcionamento dissocial. Segundo os autores, este tipo de evolução da atividade transgressiva poderá ser um sinal de uma maior probabilidade de criminalidade na idade adulta.

Também Moffitt (1993, *cit in* Oliveira, 2011) desenvolveu uma taxonomia da delinquência, efetuando uma distinção entre o comportamento antissocial limitado à adolescência e o comportamento antissocial persistente ao longo da vida, o que sugere a existência de dois tipos de criminosos/as, qualitativamente diferentes: os/as chamados/as *adolescente-limited offenders* (ofensores/as limitados ao período da adolescência) e os/as chamados/as *life-course persistent offenders* (ofensores/as persistentes ao longo de toda a vida).

A delinquência juvenil é, pois, não mais que um conjunto complexo de comportamentos que violam a lei, ou as normas sociais, de determinado país e que é cometido por alguém que está abaixo da idade legal da maioridade (World Youth Report, 2003).

Na verdade, se não houver uma intervenção conjunta entre o sistema judicial e o pedagógico, a probabilidade de se assistir a uma progressão da

delinquência juvenil para uma carreira delinvente na vida adulta, é elevada (Greenwood, 2008).

Segundo (Maltz, 2001), o/a reincidente é aquele/a que depois de ter estado institucionalizado/a por ter praticado um crime, não é reabilitado/a, caindo nos mesmos padrões de comportamento.

Goffman (1992 *cit in* Barbosa, 2012) afirma que o sistema prisional deve ser um local que se regule pela reinserção de todos/as os/as que nela habitam, voltado para a reeducação e treinamento coletivo e individual.

Para Calvert (2002), a intervenção deve iniciar-se o mais cedo possível de forma a que as crianças possam ter um início de vida saudável. Assim, sugere também que esta construção depende da existência de relações saudáveis com a família e com as instituições onde estão envolvidas.

Considerando que a prevenção não reside apenas na antecipação dos comportamentos, mas também na sua mudança e querendo ir mais além na sua atuação preventiva, a UMAR desenvolveu ao longo de 18 meses – de setembro de 2014 a fevereiro de 2016 - um trabalho piloto de promoção da Igualdade de Género e da, conseqüente, eliminação da Violência de Género junto de jovens institucionalizados/as quer pela via Judicial quer pela via da Segurança Social; no distrito do Porto. Este trabalho vem responder às próprias necessidades que vão sendo sentidas por todos/as quanto nela estão inseridos/as, querendo a UMAR fazer chegar também este trabalho a contextos mais fechados, promovendo a informação de uma forma transversal.

Enquadramento Legal dos Centros Educativos e Lares de Infância e Juventude

De forma a enquadrar melhor a intervenção nestes contextos específicos em que o Projeto Artways interveio, não será demais explicitar, de forma resumida, o enquadramento legal dos Centros Educativos e dos Lares de Infância e Juventude.

Os Centros Educativos estão sob a alçada da Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais – DGRSP – e enquadram-se na designada área de Justiça de Crianças e Jovens. Qualquer jovem com idade compreendida entre os 12 e os 16 anos (art.º 1º LTE- Lei Tutelar Educativa), que incorra na prática de um comportamento tido como crime segundo a Lei Penal, terá que ser sujeito a uma medida tutelar educativa, de acordo uma lei específica – A Lei Tutelar Educativa.

Esta separação de medidas executivas em razão da idade não significa que o/a menor de 16 anos não esteja capaz para avaliar e decidir a prática de determinada conduta. Quer antes salvaguardar as conclusões baseadas na literatura que retratam um/a menor de 16 anos como alguém que ainda não tem a sua personalidade totalmente formada e a necessidade política e criminal de não o confrontar com um sistema carregado de estigmas e simbolismo social negativo como a ação penal (Proposta Lei nº 266/VII – Exposição de motivos).

Assim, a LTE tem como finalidade educar para o direito, e não de retribuir pela conduta ilícita cometida, corrigindo as atitudes e a personalidade do/a menor e inserindo-o/a na vida em comunidade (art.º 2º LTE). Esta intervenção educativa poderá ser feita de acordo com as mais variadas medidas presentes no artigo 4º da referida lei que dispõe, por ordem crescente

de gravidade, medidas que vão desde a admoestação ao internamento em centro educativo.

A aplicação das medidas tutelares de internamento poderá fazer-se em três regimes distintos: aberto, semiaberto e fechado e a execução destas medidas poderá decorrer, no máximo, até aos 21 anos, cessando obrigatoriamente nessa altura (art.º 4.º LTE).

Uma das medidas possíveis para estes/as menores é a frequência de programas formativos em áreas tão vastas como educação sexual, orientação psicopedagógica ou de aquisição de competências pessoais e sociais (art.º15.º), temáticas que os projetos que a UMAR tem desenvolvido abarcam. A frequência em atividades formativas é também ela uma forma de enquadrar e de educar para o direito não só os/as menores que estão institucionalizados/as – ou sob outra medida tutelar educativa –, como também todos/as os/as que não estejam sob o cunho do Direito de Menores. Esta medida, traduzida na maior parte das vezes em programas/projetos de intervenção, ou prevenção junto dos contextos característicos dos/as menores, tem sido cada vez mais utilizada, não só a nível nacional como também internacional, tendo como principal objetivo a perceção da mudança nos grupos em que se interveio.

Por outro lado, os Lares de Infância e Juventude regem-se pela Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo (Lei nº 147/99, de 1 de setembro). Esta promove a proteção dos direitos das crianças e jovens quando fique comprovado que pai, mãe, representante legal ou quem tenha a guarda de facto, coloquem em perigo a sua segurança e bem-estar físico e psicológico, no geral. Inseridos nestas razões de perigo encontram-se comportamentos

como abandono, negligência, abuso físico, psíquico ou sexual ou atitudes que ponham a segurança destas em risco (art.3.º LPCJR).

Esta Lei prevê uma série de medidas que poderão passar pela inclusão das crianças e jovens em Casas de Acolhimento Temporárias ou Lares de Infância e Juventude. Estas instituições trabalham com crianças e jovens geralmente até aos 18 anos, ou excecionalmente até aos 21, se enquadrada nos regimes específicos da mesma (art.5.º LPCJR).

Neste caso em concreto, a intervenção em Lar de Infância e Juventude Especializado tem como objetivo promover um projeto de vida adequado, desenvolvendo com o/a jovem competências de autonomia, competências pessoais e sociais e, conseqüentemente, a inclusão social.

O trabalho de prevenção em contextos de institucionalização

As linhas orientadoras da prevenção começaram a suscitar maior interesse no final do séc. XX no âmbito das Ciências Sociais, sobretudo da Criminologia (Sento-Sé, 2011). Muito embora este posicionamento tardio, a verdade é que já na escola Clássica da Criminologia, as políticas preventivas apareciam como forma de enfrentar e combater os diversos comportamentos que poderiam ser encarados como crime. Beccaria, por exemplo, cita por diversas vezes a sua importância: “Não só é interesse comum que não sejam cometidos delitos, mas também que eles sejam tanto mais raros quanto maior o mal que causam à sociedade” (Sento-Sé, 2011, pg.13).

De uma maneira geral, Walker e Shinn (2002, *cit in* Monteiro, 2012) definiram a prevenção como um resultado de evitamento de situações de risco ou de violência que se pretende atingir, sendo que é através da intervenção que o mesmo se alcança. Num parecer criminológico, a prevenção criminal

resume-se ao conjunto doutrinal de medidas, jurídico-penais ou não, que visam combater ou reduzir a criminalidade. Quer isto dizer que não se resume à aplicação e execução de penas, sendo estas apenas um instrumento contributivo para a prevenção da criminalidade (Ferreira, 2008)

Os comportamentos delitivos têm custos sociais de elevada dimensão, quer seja ao nível das vítimas – como os gastos com a saúde que, segundo Manuel Lisboa (2006) estão na ordem de 7 vezes superior ao de uma pessoa que não é vítima (relativamente à violência contra as mulheres), – quer seja ao nível do/a ofensor/a com o sistema de justiça. Para além disso, existem ainda os custos denominados intangíveis, que são os que não são possíveis avaliar por exemplo a dor, a perda da qualidade de vida, as perturbações psicológicas, entre outros (McCollister, French, & Fang, 2010). Se pensarmos nos custos que a violência e outras dimensões do crime têm para a sociedade, certamente que concluiremos que os custos que a prevenção tem são, seguramente, inferiores.

A constatação da necessidade de se prevenir todos os comportamentos delinquentes está subjacente ao conhecimento de que a delinquência juvenil está assente em alguns comportamentos desviantes que começam desde muito cedo nos/as jovens (Benavente, 2002). Neste sentido, o V Plano Nacional de Prevenção e Combate à Violência Doméstica e de Género destaca isso mesmo, reforçando a pertinência de uma atitude pedagógica, porque só educando é que se consegue combater o fenómeno na sua raiz, procurando e conduzindo, assim, a uma sociedade livre de atos que violem os diferentes Direitos Humanos.

No entanto, a intervenção em contextos particulares como um Lar de Infância e Juventude e um Centro Educativo não pode ser considerada

Prevenção Primária da Violência mas antes prevenção secundária e terciária, respetivamente. A diferença nestes três contextos é simples: se na prevenção primária, o trabalho é dirigido a um público que, à partida, nunca se tenha envolvido num comportamento de violência, seja enquanto vítima ou agressor/a, nas prevenções secundárias e terciária, a perspectiva é um pouco diferente. A prevenção secundária é dirigida a públicos já previamente identificados como estando em risco, isto é, com determinados fatores de risco subjacentes à sua condição social; a prevenção terciária destina-se a indivíduos que estão já envolvidos/as numa situação de violência, e tem como objetivo, sobretudo, antecipar/prevenir o seu retorno àquela situação (UNODC, 2010).

Nos contextos em que o Projeto Artways interveio, a equipa técnica confrontou-se com essas duas realidades. Como já foi anteriormente citado, a intervenção secundária ocorreu no Lar de Infância e Juventude Especializado Gondomar Coração D'Ouro e a intervenção terciária decorreu no Centro Educativo de Santo António, no Porto. Os grupos de jovens com os quais o trabalho foi desenvolvido são desiguais: no Lar de Infância e Juventude o grupo era constituído apenas por raparigas com um intervalo de idade dos 12 aos 18 anos. Já no Centro Educativo, o grupo era apenas constituído por rapazes com idades entre os 15 e os 19 anos.

Esta intervenção, muito embora tenha seguido a linha condutora do Programa de Prevenção da Violência de Género da UMAR, teve que ser adaptada às diferentes realidades. Relativamente à experiência no Centro Educativo, a equipa técnica verificou uma profunda necessidade de a temática da igualdade de género ser trabalhada não só pela própria vontade que os jovens tinham em abordar e refletir sobre as questões de género e de outras

desigualdades, mas também, e essencialmente, porque este tema não é formalmente abordado nestes contextos. Neste sentido, a intervenção focou-se muito no debate e reflexão em torno das questões de género e dos estereótipos. Verificou-se ainda uma enorme eficácia com o trabalho desenvolvido através da arte: quer seja através da fotografia, metodologia utilizada aquando da iniciativa CENAS.LOVE, quer seja através da pintura, desenho ou colagem. O facto destes/as jovens estarem reclusos levou também a equipa técnica a procurar convidar para as sessões, sempre que possível, outros/as profissionais das áreas artísticas para que pudesse haver um trabalho mais profundo e uma maior interação com as artes. O trabalho fotográfico realizado, que contou com dois profissionais, teve um impacto muito grande não só nos jovens como nos próprios profissionais, aquando das suas exposições nos diversos locais do país. Esta iniciativa permitiu-lhes ter também um outro contacto em meio aberto, já que alguns dos jovens, não só os que integraram o Projeto, mas também outros que não integraram, tiveram a possibilidade de ir ver a exposição quando esta estava no Porto. Para além disso, as fotografias produzidas neste trabalho foram expostas em Lisboa numa exposição promovida pela própria DGRSP.

No que diz respeito ao Lar de Infância e Juventude, e à semelhança do trabalho realizado com os jovens do Centro Educativo, trabalharam-se muito as questões de género e os próprios estereótipos, havendo também uma incidência especial nos Direitos das Mulheres. Numa atividade realizada sobre este último tema, foi apresentado às jovens um vídeo com testemunhos de mulheres dos anos 60 e onde se abordava o seu papel de submissão face ao do homem e foi interessante verificar que muitas das jovens apresentavam ideais equiparáveis às do vídeo, o que reforçava o papel de submissão que lhes foi

passado ao longo do processo de socialização e principalmente nas suas relações íntimas. Também através do trabalho no Lar de Infância e Juventude foi possível perceber a importância dos laços afetivos para estas jovens, que tinham uma ligação muito próxima com a equipa técnica, não só do Lar mas também do Projeto, estabelecendo laços importantes que contribuíram para a boa execução do Projeto. Neste contexto institucional foram convidados/as fotógrafos/as para participarem em algumas atividades do Projeto e a receção e o trabalho foram excelentes, havendo uma maior interação das jovens.

O facto de se utilizarem metodologias ativas proporcionou igualmente uma maior empatia, aproximação e confiança na equipa técnica do Projeto o que levou a grande abertura nas reflexões, sem juízos de valor. E é esta uma das mensagens a passar com a implementação do Projeto nestes contextos tão formais e de acesso difícil. Impõe-se a necessidade de se reverter o pensamento sobre o uso das artes enquanto metodologia de alcance da inclusão social.

A integração de variados/as profissionais nas sessões de prevenção não teve só efeitos positivos nos/as jovens. Os/As convidados/as ficaram também com uma perceção diferente destes contextos, que a sociedade considera perigosos, e para os quais a maior parte dos indivíduos olha com alguma indiferença e desdém. Este tipo de ações permite, concomitantemente, que a sociedade vá alterando a sua visão sobre a delinquência e perceba que uma intervenção comunitária tem objetivos mais profícuos.

O feedback dos/as protagonistas é também descrito através da avaliação qualitativa distribuída aos/às jovens, que revelam ter aprendido a respeitar os Direitos das Mulheres e a compreender o fenómeno da Violência no Namoro, através das artes. Outra das conquistas com a intervenção do Projeto é a

percepção de que algumas competências pessoais e sociais básicas foram transmitidas e percebidas pelos/as jovens, realçando o amor-próprio e a capacidade para dizer não. Para além disso, afirmam que gostariam de experimentar outro tipo de artes, nomeadamente a dança que é também uma ferramenta pedagógica na desconstrução de ideias estereotipadas.

Em toda a sua intervenção, o Projeto Artways está certo do trabalho positivo, multidisciplinar e criativo que proporcionou, transmitindo a estes/as jovens valores como o respeito, amor e confiança e sobretudo, a vontade de nunca desistirem dos sonhos e dos objetivos.

“Gostei muito deste projeto Artways porque me fez acreditar que podia ter mais confiança em mim”
(Jovem do Lar de Infância e Juventude)

IV – Investigação

“Conhecer para Intervir”

“(...) de facto há tanta coisa para ser desmistificada, para ser trabalhada com estes jovens (...)”

Investigação “Conhecer para Intervir”

A investigação “Conhecer para Intervir”, no âmbito do Projeto Artways, e durante a sua execução, teve como objetivo compreender o fenómeno da violência em contexto juvenil. Esta compreensão é fundamental para direcionar as atividades e a prevenção das várias formas de violência, incluindo a violência de género.

A importância de conhecer a realidade onde se vai intervir é reconhecida e constitui a filosofia base da intervenção da UMAR nos seus diferentes grupos e áreas de intervenção. O Projeto Artways contribuiu para a mudança das premissas culturais subjacentes à violência de género, com o foco principal junto de adolescentes e jovens, articulando esta intervenção com formação docente, formação de técnicas/os, *lobbying* para a mudança de políticas educativas locais e nacionais e produção de conhecimento.

Esta filosofia assenta numa visão sócio-crítica da construção do conhecimento e da produção da intervenção, em que a reflexão tem um papel central quer na aproximação à realidade, quer na direção tomada na intervenção (Ledwith, 2007).

O contexto institucional em que se intervém — escolas e instituições — constitui um terreno complexo, tendo ainda em conta que adolescentes e jovens atravessam momentos chave das suas vidas na construção das suas identidades e no cruzamento com a interiorização e a produção cultural.

A circunstância de serem crianças e adolescentes envolveu preocupações éticas que estiveram sempre presentes durante a intervenção, quer no cuidado da relação com as/os encarregados/as de educação e docentes, quer no respeito pela confidencialidade e anonimato. A construção de uma relação de

confiança situou-se, e situa-se, na base de toda a intervenção na prevenção da violência de género, em que a participação ativa dos/as envolvidos/as requer entrega e partilha que necessitam ser cuidadas, salvaguardando os direitos de todas as pessoas.

A UMAR desenvolve um programa pioneiro de prevenção primária² da violência de género em contexto escolar desde 2004 (Magalhães, Canotilho & Brasil, 2007; Canotilho, Magalhães & Ribeiro, 2010).

A violência de género e doméstica contra as mulheres consiste no exercício do poder e do controlo sobre pessoas do sexo feminino e também algumas do sexo masculino que, de diversas formas, não se conformam aos papéis e estereótipos de género que a sociedade e algumas pessoas em particular pretendem no sentido de retirarem daí benefícios pessoais, enquadrados na estrutura da organização e da cultural social. Esta forma de violência constitui-se como a violência *primeira*, base da socialização e interiorização de normas que todos e todas vamos fazendo ao longo da vida, desde a infância à idade maior. Se é verdade que nem toda a violência se resume à violência doméstica e de género, também é demonstrável que as mais diversas formas de violência radicam nesta *primeira* e básica aprendizagem do exercício do poder sobre o outro ou a outra, no contexto de relações desiguais que atravessam a estrutura social. É, portanto, uma forma de violência crucial na sociedade, apesar de ter recebido até há bem pouco tempo pouca atenção da comunidade académica dedicada ao estudo da violência

² Existem diversas tipologias no que se refere à prevenção da violência. Alguns/mas autores/as designam a “prevenção primária” como “serviços universais” ou “prevenção universal”. Em Portugal, em que esta intervenção está muito longe de atingir toda a população infantil e juvenil, temos alguma dificuldade de lhe chamar “universal”.

(Walby, Towers & Francis, 2014). Mais ainda, esta forma de violência exercida no seio da instituição familiar, pressupostamente o contexto securizante para as crianças e adolescentes, tem um impacto devastador nestas pessoas que, pela sua tenra idade, se encontram em fases da vida em que a construção identitária vai, necessariamente, envolver formas distorcidas e aprender o que é o amor, o relacionamento entre pessoas, seja ele íntimo ou não. Diversos estudos têm vindo a replicar a conclusão de que as consequências da violência doméstica sobre as crianças não depende da violência direta; o medo e a insegurança vivida no seio familiar tem consequências desastrosas mesmo que a violência não seja exercida diretamente sobre a criança (Guy *et al.*, 2014). O mesmo relatório citado indica que, no Reino Unido, pelo menos 25% das crianças e adolescentes foi vítima de violência doméstica, direta ou indireta, em algum momento da sua infância. Existe ainda o fenómeno da reprodução intergeracional, sendo que, segundo Gelles e Cavanaugh (2005), a taxa ascende a 30% (+/- 5%), isto é, perto de um terço destas crianças e jovens vítimas de violência doméstica e de género poderão vir a reproduzir este ciclo, quer como vítimas, quer como agressores. Neste sentido, Estados e agências internacionais têm dirigido a sua atenção para combater este fenómeno, e a intervenção precoce ganha cada vez mais atenção pelo facto de que a prevenção secundária e terciária não combate a raiz do problema, isto é, as premissas culturais que lhe estão subjacentes. Deste esforço internacional, ao qual Portugal tem vindo cada vez mais a colocar-se a par, tem permitido alguma diminuição nos custos económicos e emocionais provocados pela violência doméstica e de género. Por exemplo, de acordo com o estudo de Walby, Towers e Francis, a estimativa dos custos da violência doméstica no Reino Unido era de 17,1 mil milhões de libras em

2000/2001, tendo diminuído para 10.0 mil milhões de libras em 2008/2009 (Walby, Towers & Francis, 2014).

Existem alguns programas, noutros países, direcionados à prevenção primária da violência doméstica e de género. Fizemos referência a alguns em publicações anteriores (ver Magalhães, Canotilho & Brasil, 2007). Mais recentemente, pode encontrar-se uma maior variedade e um maior rigor na avaliação do respetivo impacto. “Love U2: Communication Smarts”, por exemplo, mostrou uma significativa diminuição da comunicação negativa entre jovens e melhoria na resolução de conflitos. Também o Projeto “Men Stopping Violence”, do Reino Unido, mostrou resultados de maior conhecimento sobre violência doméstica e abuso e atitudes menos patriarcais junto de jovens ingleses de origem afro-americana (ver Guy *et al.*, 2014). Outro programa que é bastante reconhecido consiste no “Safe Dates”, mais dirigido para a promoção de relações de namoro saudáveis, embora não existam dados sobre o seu impacto efetivo a longo prazo na mudança de comportamento dos/as jovens.

Uma conclusão perpassa no relatório de Guy *et al.* (2014), e que consiste na ausência de preparação para uma intervenção precoce neste campo por parte de uma diversidade de profissionais, de diferentes áreas e situados em diferentes pontos institucionais do sistema, desde a educação escolar ao sistema judicial. Estão a ser dados os primeiros passos, e a formação inicial nas universidades ainda não contempla estas matérias.

De há uns anos a esta parte, a UMAR vem desenvolvendo o programa de prevenção primária da violência de género. Este tem sido um caminho também

recomendado pelas agências internacionais, entre as quais a UNESCO, Nações Unidas (Guy *et al.*, 2014).

Com o Projeto Artways, a UMAR avançou na compreensão de um modelo de intervenção junto de jovens em circunstâncias que podem, no futuro, se não houver prevenção, avançar para a assunção de identidades ofensoras / delinquentes no campo da violência de género. Estamos ainda em presença de idades mais ou menos precoces, pelo que não se trata ainda de agressores/as ou ofensores/as, mas de identificarmos situações de risco que desde cedo indiciam um caminho de violência e de exercício do poder e do controle sobre a outra pessoa nas relações de intimidade. Este é um terreno muito novo, e portanto, inovador, tendo em conta que a investigação e a intervenção, quer no âmbito nacional quer internacional, se focam sobretudo nos/as adultos/as.

Metodologia

No Projeto Artways, a equipa utilizou um conjunto de ferramentas metodológicas para chegar a uma maior compreensão da realidade: a) notas de terreno da intervenção, que designamos como “registo de sessão” e “registo de reunião”; b) entrevistas em profundidade com especialistas na área; c) questionários quantitativos sobre violência entre pares e violência no namoro; d) trabalhos realizados pelos/as adolescentes e jovens; trabalhos realizados pelos/as formandos/as da formação docente e da formação de técnicos/as, assim como dos registos de avaliação qualitativa das sessões; e) reflexão em equipa para articular a revisão da literatura com a *praxis* desenvolvida no terreno.

As notas de terreno sobre as sessões realizadas junto de jovens e adolescentes seguiram de perto os fundamentos da investigação antropológica e etnográfica, relatando, em primeira mão, a atividade realizada, os trabalhos realizados pelos/as jovens, assim como algumas considerações sobre como decorreu a sessão. Nesta metodologia, privilegia-se a descrição cultural, em que o/a investigador/a se constitui como o recurso fundamental, fazendo permanentemente uso das suas capacidades críticas e reflexivas (Adler, 1993). Esta metodologia pressupõe uma presença regular no terreno e é potenciada pela observação participante que esta presença permite (Emerson, Fretz, & Shaw, 1995).

As entrevistas em profundidade basearam-se nos fundamentos paradigmáticos de uma investigação-ação sócio-crítica, e visam, entre outros objetivos, um conhecimento intersubjetivo e compreensivo (Mcniff & Whitehead, 2011). Neste sentido, as entrevistas proporcionaram o conhecimento dos pontos de vista de alguns/as especialistas neste campo científico, permitindo ir mais longe na construção da matriz axiológica do nosso modelo de intervenção. Esta metodologia permite obter dados para interpretar significados, o que é essencial na pesquisa e intervenção no campo cultural e educativo. Também designadas muitas vezes como “semi-estruturadas”, utilizam-se como ferramenta de diálogo sem que as perguntas previamente pensadas pelos/as investigadores/as sejam obstáculos à comunicação. O/a entrevistado/a tem a possibilidade de seguir o caminho do seu pensamento e do seu ponto de vista sem ter que se submeter a um guião rígido. Bourdieu (1993), tendo sido um grande investigador estruturalista, foi um dos autores que usou bastante esta ferramenta, realçando o compromisso necessário entre investigadores/as e entrevistados/as. As entrevistas em

profundidade são propícias ao desenvolvimento de conceitos, esclarecimento da complexidade dos problemas, atitudes e comportamentos, assim como ao enriquecimento do significado humano desses mesmos problemas (Godoi & Mattos, 2010). Esta compreensão tem implicações poderosas nas decisões práticas, revelando-se cruciais numa intervenção inovadora. No âmbito do Projeto Artways, realizaram-se entrevistas a Sofia Neves, Helena Grangeia, Vera Duarte e Fernando Machado.

A investigação por questionário, ou inquérito autoadministrado (Ghiglione & Matalon, 1995), é habitualmente utilizada para se obter uma visão mais extensiva da realidade social sobre uma questão muito concreta e delimitada (Hill & Hill 2009), apesar de não contribuir para a compreensão do significado dos dados obtidos, nem para obter conhecimento sobre as diversas nuances da complexidade de cada problema social. Para além do conhecimento mais extensivo da realidade, os questionários permitem obter dados assentando na garantia do anonimato dos/as respondentes, característica que se reveste de enorme vantagem no caso de temas como a violência no namoro e entre pares. O questionário da violência no namoro foi administrado a uma amostra de cerca de 2500 adolescentes e jovens, tendo sido construído em 2009 e expandido em 2013. O questionário da violência entre pares foi elaborado no ano 2014 e administrado a uma amostra de 557 adolescentes e jovens. Em ambos os estudos a idade média dos/as respondentes é de 14 anos.

Parte dos resultados da investigação realizada estão já publicados (Guerreiro, Pontedeira, Sousa, Magalhães, Oliveira e Ribeiro, 2015; Magalhães *et al.*, 2015), tendo igualmente sido apresentados em conferências científicas nacionais e internacionais.

Nas secções seguintes, apresentam-se os principais resultados da investigação efetuada, levando em conta os diversos instrumentos utilizados.

Contributos de especialistas

As entrevistas com especialistas permitiram mapear algum terreno de intervenção que vem sendo realizada, incluindo também alguma literatura que se constitui como referência teórica do Projeto.

A intervenção com crianças e jovens institucionalizados/as não tem sido alvo de suficiente atenção por parte de estudos académicos em Portugal (Gaspar, 2011), constituindo este trabalho um desafio que a UMAR decidiu enfrentar com o Projeto Artways.

Em relação à situação de crianças institucionalizadas, o Relatório CASA – Caracterização Atual da Situação de Acolhimento de Crianças e Jovens (2012) indica que 11 147 crianças e adolescentes estavam institucionalizados/as, constituindo um número relevante para um país como Portugal com 10 milhões de habitantes. Deste número, 50,5% são do sexo masculino e 49,5 % são do sexo feminino. Também o Relatório anual da CNPCJR – Comissão Nacional de Proteção de Crianças e Jovens em Risco (CNPCJR, 2012) indica uma incidência de maus tratos nas crianças, indicativo dos 69 007 casos sinalizados às CPCJ no ano reportado. Uma percentagem relevante destes números diz respeito a crianças que vivem (ou viveram) em ambientes de violência doméstica contra as suas mães, tenha essa violência sido direta ou indireta. Mais ainda, os dados do femicídio em Portugal são ilustrativos da dramática incidência da violência de género e doméstica. Concretamente em relação às idades inferiores a 18 anos, o Observatório de

Mulheres Assassinadas da UMAR (OMA-UMAR) contabilizou, *peelo menos*, 8 vítimas mortais e 10 vítimas de tentativa de femicídio, entre 2004 e 2015.

Os/as entrevistados/as ressaltaram a importância da intervenção preventiva (ou precoce, como designam alguns/mas autores/as), abordando diversos temas que passaremos a anunciar.

Um dos primeiros temas abordados foi a questão da sinalização face a situações em que a equipa técnica possa ter conhecimento quer de forma direta, através da partilha por parte de alguma criança ou jovem, ou de forma indireta, através da observação de sinais que podem, no seu conjunto, configurar que aquela criança é vítima de maus tratos. Todos e todas alertaram para a grande probabilidade de nos colocarmos em frente de situações em relação às quais temos que saber como proceder. Realçaram, por um lado, os requisitos legais, abordando o problema de que estamos a trabalhar com pessoas de menor idade, cuja responsabilidade sobre a sua educação e desenvolvimento é da família (ou representantes legais) e/ou das outras instituições com competência em material de infância e juventude (ICCMIJ). Em relação a esta questão, a UMAR já desenvolveu, em contexto da formação docente, um protocolo de atuação, quer por parte das equipas técnicas, quer a sua articulação com os diferentes serviços, sejam eles a escola, a CPCJ ou as instituições da saúde ou do sistema judicial.

Lidar pedagogicamente com a desocultação da violência

De facto, uma das principais questões a ter em consideração num Projeto de prevenção primária da violência de género consiste em saber lidar, de forma pedagógica e adequada com a desocultação da violência, do ponto de

vista da proteção das vítimas e da responsabilização dos agressores. Como afirma uma das entrevistadas:

Eu penso que vocês vão ter acesso e sinalizar, mesmo sem querer, sem estar à procura das vítimas. Porque acho que é natural, é um processo natural que decorre muitas vezes da implementação de programas de prevenção. Porque são contextos que permitem a desocultação da violência, permitem muitas vezes quebrar com a ideia de caso-único, e muitas vezes as vítimas acabam por perceber que têm um contexto seguro para falar, principalmente, se vocês fizerem grupos mais pequenos, em que as pessoas se sintam confortáveis. (Ent. 3, pg 1)

Compreender os contextos de intervenção

Outro dos temas abordados diz respeito à necessidade de compreender e conhecer bem os contextos de intervenção, que, no caso do Projeto Artways, são as escolas, os Centros Educativos e os Lares de Infância e Juventude.

A especificidade destes diferentes contextos complexificou o trabalho do Projeto mas permitiu, simultaneamente, avançar no aprofundamento do programa de intervenção, alargando a públicos com os quais até agora a UMAR não interagiu.

Estes contextos institucionais apresentam constrangimentos e possibilidades diferentes com os quais as equipas necessitam saber lidar. As restrições de liberdade nos Centros Educativos (CE) e nos Lares de Infância e Juventude (LIJ) a par da burocratização da escola em Portugal e do excesso de trabalho docente foram alguns dos constrangimentos sinalizados.

Por exemplo, acerca do contexto da educação formal, uma das entrevistadas expressa o seguinte:

(...) pela minha experiência e pelo contacto que já tive com o contexto educativo, nomeadamente em orientação de estágios, vejo algum constrangimento nomeadamente alguma frustração do pessoal: quer dos professores e quer de outros profissionais de educação que trabalham nas escalas... As condições de trabalho não lhes permitem aprofundar nem fazer tanto quanto gostariam... Esse é um primeiro ponto. Depois também a forma como a própria escola está organizada: muito centrada nos conteúdos mais académicos e sucesso académico, se calhar, não tanto para o desenvolvimento pessoal e social dos jovens. Quando um professor tem um programa para comprimir, e às vezes muito extenso, qual será o foco da sua atividade? Esse programa. Deixando pouco tempo para desenvolver outras atividades e, se calhar, conhecer mais aprofundadamente cada um dos alunos (...) não acho que há maus profissionais, mas a forma como a escola está estruturada não permite este desenvolvimento ou este envolvimento dos vários profissionais nestes objetivos. (Ent. 3, pg. 3)

Como já referido atrás, internacionalmente é reconhecido que o caminho para esta intervenção ainda não está muito definido, sendo que as instituições de ensino superior e da formação não incluem estas matérias na formação inicial ou contínua dos/as profissionais. No excerto que a seguir se transcreve, a entrevistadora aborda a falta de preparação dos/as profissionais de educação (não apenas docentes) para lidar com situações de risco, incluindo com a pré-delinquência:

E é também muito interessante como nós olhamos para a parte dos interventores da escola, do centro educativo, que muitas vezes sinceramente não se sentem preparados para orientar, como eu acredito que muitos professores e muitos orientadores não estão para lidar com a realidade da [pré-]delinquência no contexto escolar. (Ent. 2, pg 12)

Educação para a não violência: princípios comuns e intervenção específica

Os/as entrevistados/as abordaram ainda algumas questões do que podem constituir os princípios de uma educação para a não-violência.

Em primeiro lugar, importa referir, como uma das entrevistadas o faz, que “há sempre princípios comuns a todas as formas de violência” (Ent. 3, pg. 4), na medida em que a violência é, em todas as suas formas, o exercício do poder e do controlo, constituindo-se como a forma mais extrema, apesar de ser a mais comum³, de violação dos direitos humanos.

Um outro princípio fundamental consiste em criar condições pedagógicas de segurança e conforto para a partilha dos sentimentos e das vivências. A UMAR tem desenvolvido o seu programa assentando nesta filosofia, desenvolvendo os conteúdos através de ferramentas artísticas e de forma lúdica. Uma das entrevistadas realça a importância das estratégias pedagógicas lúdicas para este trabalho:

Há já coisas comprovadas e testadas de jogos, de iniciativas e de atividades que vocês podem desenvolver com as crianças e que fazem com que elas comecem

³ Estamos a referir-nos à violência em geral, incluindo a violência estrutural.

a falar dos temas. Até porque vocês não estão ali, primeiro, nem para condenar, nem para apontar, nem para dizer se está certo ou errado no sentido de crítica pejorativa. A ideia é quando muito vocês ouvirem e quando muito tentarem “mas vocês acham que é certo”... (Ent. 2, pg 7)

Um outro princípio pedagógico consiste na concretização de estratégias pedagógicas cujo foco seja cada uma das formas de violência, dando espaço a que os/as adolescentes e jovens possam debater, refletir e criar em conjunto soluções para cada uma das formas de vitimação. Uma das entrevistadas levanta a necessidade de se trabalhar também a vitimação através das novas tecnologias de informação e comunicação:

Trabalhando muito as questões da vitimação, se tiverem oportunidade, através das novas tecnologias. Eu acho que era fundamental (...). Mas se vocês pudessem trabalhar as questões da tecnologia era muito interessante. Porque de facto a tecnologia tem muito impacto na vida das crianças e que as vezes nos acabamos por desvalorizar um bocadinho mas eu penso que, aliás, que grande parte do *bullying*, da violência que se faz sobre o outro, incluindo no namoro, se faz através e a partir da tecnologia. (Ent. 2, pg 7)

Um outro princípio consiste em trabalhar de forma diferente (e, se necessário, separando vítimas de potenciais ofensores/as) a vitimação e os comportamentos e atitudes de violência. No Projeto Artways, a equipa iniciou o trabalho com potenciais ofensores/as. Uma das entrevistadas aborda esta questão, referindo a importância do trabalho de grupo na prevenção:

Eu particularmente gosto muito do contexto de grupo. Mas têm de se ter muito cuidado. Num contexto de grupo, deve ter-se cuidado para que os elementos do grupo não se apoiem uns aos outros com argumentos pró-violência e se virem contra os facilitadores/as. Este é um particular cuidado [a ter]. (Ent.3, pg. 5)

A entrevistada avança algumas ideias sobre a organização e concretização dos módulos de um programa de prevenção:

Têm de perceber como podem constituir os grupos. As idades por exemplo são um ponto fundamental pela forma como se abordam as temáticas e pelas atividades. Mas por exemplo, faz sentido se são todos perpetradores de um tipo de violência, ou se são todos alvos de um tipo de violência, se calhar conseguem compreender melhor as experiências uns dos outros. Isto facilita-vos o trabalho e se calhar têm melhores resultados no final. (Ent.3, pg. 5)

Nomeadamente, em relação à prevenção com vítimas, as entrevistadas realçam o papel crucial da intervenção grupal:

A intervenção grupal é extraordinária. Nas questões do empowerment por exemplo, como o efeito do grupo... E a questão da quebra de caso único, é do mais terapêutico que eu já vi. Quando as pessoas percebem que há outros/as que já viveram aquelas situações e que os/as compreendem. Porque às vezes isso é mais terapêutico do que falar horas com um terapeuta que está ali e diz que compreende. (Ent.3, pg. 5)

Efetivamente, a intervenção grupal é considerada uma das estratégias mais poderosas para a mudança, sendo já bastante conhecida na intervenção

com vítimas adultas (ver Magalhães *et al.*, 2012). É ainda mais importante nas fases da adolescência, quando a construção das identidades pessoais passam muito pela cultura de pares. No entanto, e como já muita literatura educacional e pedagógica tem evidenciado, a intervenção grupal tem de ser planeada com cuidado, refletindo a par e passo as estratégias que resultam e as que não resultam, alterando-as sempre que necessário, evidenciando firmeza e flexibilidade, simultaneamente.

Em contexto escolar, e pensando em idades mais jovens, a intervenção grupal precisa de ter em conta as idades e o nível de desenvolvimento dos/as participantes e a interação entre as pessoas do grupo. Uma das entrevistadas realça o facto de que o grupo-turma ou um grupo de jovens de um CE ou de um LIJ não é um grupo ‘natural’, é constituído institucionalmente, pelo que as dinâmicas interativas no seu interior devem ser refletidas e ser tomadas em conta na planificação das atividades, isto é, da aplicação do programa nos contextos concretos. Caso contrário, uma intervenção que tinha tudo para dar certo poder ter efeitos perversos que vão por em causa a sua efetividade, e, mais importante do que isso, podem correr o risco de ter efeitos contraproducentes nos/as participantes.

A divisão em grupos mais pequenos, sempre que possível, pode ser uma estratégia em situações em que o grupo formal apresente alguns riscos. Estas estratégias devem *sempre* ser articuladas, como a equipa do Artways realizou, com diretores/as de turma ou técnicos/as responsáveis da instituição, no caso dos CE ou LIJE. Uma das entrevistas aponta esta questão:

Em contexto escolar, têm um desafio: acho que funcionará melhor se forem grupos mais pequenos, porque o grupo turma já está habituado em funcionar em conjunto e poderá ser mais difícil chegar a todos. Mas ainda assim convém falar

com o diretor de turma ou outro professor que esteja mais familiarizado com a turma e identificarem por exemplo, quem são os *leaders*, quem é que se coloca logo à parte... (Ent. 3, pg. 6)

Os/as entrevistados/as referiram também a importância do desenvolvimento de competências pessoais e sociais, assim como da literacia emocional, num programa de prevenção primária da violência de género.

Um outro princípio referido, e que o Projeto Artways segue desde o início, já que constitui eixo fundamental do Programa da UMAR, consiste na importância da monitorização da ação, quer do ponto de vista da avaliação continuada do trabalho, quer da avaliação final e, também crucial, da avaliação posterior (habitualmente designada como *follow-up*).

Finalmente, um outro princípio básico, partilhado pela filosofia feminista consiste na assunção de que estas formas de violência têm um carácter estrutural, estão enraizadas nas relações sociais de poder e estão cimentadas na cultura partilhada na sociedade. Nas palavras de uma entrevistada, um programa de prevenção deve ser construído,

com o pressuposto que não estamos apenas a [lidar com questões] individuais, estamos a falar de questões socioculturais e que estão culturalmente enraizadas. Portanto, construírem um programa com este pressuposto de que a violência não é uma qualidade de sujeito. O sujeito manifesta-a mas enquanto sujeito posicionado numa determinada cultura, e numa determinada sociedade que o vai incentivar a determinados comportamentos. Portanto, ver sempre os comportamentos nos contextos. (...) Aquele comportamento tem a ver com o contexto social e cultural onde o indivíduo se insere. (Ent.3, pg. 7)

Lidar com diferentes masculinidades e feminilidades

Enraizadas na estrutura social patriarcal estão as construções sociais sobre as masculinidades e feminilidades, dimensão fundamental a trabalhar num programa de prevenção da violência de género.

Algumas das questões que habitualmente emergem na intervenção e tem sido trabalhadas com o cuidado e a relevância que merecem dizem respeito à orientação sexual, transsexualidade e transgénero.

Uma das entrevistadas aborda uma destas temáticas, a propósito da sua experiência como investigadora e formadora:

Há algumas coisas que eu em formação que dei aos técnicos de reinserção social tentei integrar e que de facto eles diziam “mas eu não sei como lidar com isso”, por exemplo quando eu dizia “e se vos aparecer um jovem, rapaz ou rapariga homossexual” e eles diziam “ai eu não sei, porque nós tentamos tipo abafar a situação”. Porquê? Porque o rapaz é gozado pelos outros e ainda por cima no centro educativo no caso dos rapazes em que há um exacerbar das masculinidades, são todos “machos e homens” e portanto tudo o resto pode parecer muito estranho e nas raparigas a mesma coisa. Partilham os mesmos duches, partilham os mesmos espaços privados, como é que se lida com isto? Porque nós quando pensamos na intervenção com jovens esquecemo-nos muitas vezes dos próprios técnicos que fazem a intervenção. O mesmo acontece nas questões de género, como eu vos estava a explicar. Ah, as meninas “têm que ter pílula porque elas podem ter filhos aqui e têm de ter outro tipo de condições físicas”. E os programas de intervenção? Só interessa dar condições físicas, e o resto? E as questões étnicas e as questões culturais? Como é que elas são, quando o modelo de intervenção é outro? Portanto, apesar de eu vos estar a falar do

modelo de intervenção isto afeta diretamente os próprios jovens porque a própria representação que eles têm da realidade social é diferente. (Ent. 2, pg. 11)

Relacionada com as questões atrás referidas, a sexualidade é também um tema incontornável num programa de prevenção da violência de género:

Quando por exemplo vão lá os técnicos falar sobre educação sexual para rapazes e raparigas as representações sobre a sexualidade que os rapazes têm é completamente diferente da das raparigas. O trabalho é imenso, é hercúleo, para tentar desmistificar precisamente por exemplo as questões da sexualidade. E é uma coisa que é muito pouco feita pelos centros educativos. E quando falamos da sexualidade não estamos a falar da relação sexual. É a questão da intimidade e do próprio corpo, como é que eles vêem o corpo, como é que eles olham para o corpo, como é que de alguma forma utilizam o corpo. (Ent. 2, pg. 11)

Estas temáticas, centrais numa educação para a cidadania, são também fundamentais na prevenção destes tipos de violência. Todavia, e como vimos defendendo de há algum tempo a esta parte, não é suficiente trabalhar estas temáticas para se atingir a mudança no que diz respeito à prevenção primária destas formas de violência baseadas nas relações de desigualdade de género. Têm de ser trabalhadas em conjunto com as outras temáticas que constituem um todo articulado e coerente para a prevenção (ver Magalhães, Canotilho e Brasil, 2007). Nas palavras de uma das entrevistadas:

Crenças imensas, mitos imensos, quer nas questões da sexualidade quer nas questões do próprio comportamento transgressivo, da forma deles, portanto, do seu papel na sociedade e aí entram as questões da cidadania. Portanto de facto

há tanta coisa para ser desmistificada, para ser trabalhada com estes jovens (...)
(Ent. 2, pg. 12)

Sintetizando com as palavras desta entrevistada, a intervenção preventiva é, entre outras coisas, “um trabalho que acima de tudo os faça pensar” (Ent. 2, pg. 12).

A importância de desconstruir a cultura patriarcal

Estereótipos de género permeiam a cultura patriarcal da sociedade portuguesa e continuam tão enraizados que evidenciam uma quase ausência de educação para a cidadania e para a igualdade de género.

A tabela abaixo transcrita, resultado da atividade numa instituição (re)educativa, é ilustradora das ideias patriarcais presentes neste grupo juvenil institucionalizado.

Porque sou homem devo	Se fosse uma mulher poderia
Praticar desporto	Cuidar das coisas domésticas
Trabalhar	Fazer o jantar
Fazer um filho	Cuidar do bebé
Gerir o património da família	Trabalhar para ajudar
Conduzir o carro	Ter cuidado a conduzir
Mandar a mulher fazer o que eu quero	Fazer o que o homem quer

Tabela 1: Resultado da atividade “Porque sou homem devo/Se fosse mulher poderia” (em registos de sessão) com o grupo do sexo masculino.

Às mulheres cabem os papéis de trabalhar, cuidar e obedecer, aos homens de gerir, mandar, e praticar. Até “fazer um filho” parece apenas tarefa

masculina. Podemos observar a diferença de conceções num grupo social constituído por jovens do sexo feminino:

Porque sou mulher devo	Se fosse um homem poderia
Ser respeitada	Respeitar
Ter um estilo diferente de roupa	Usar preservativo
Vir o período	Trabalhar no duro
Ter filhos	Fazer filhos

Tabela 2: Resultado da atividade “Porque sou homem devo/Se fosse mulher poderia” (em registos de sessão), com o grupo do sexo feminino.

Embora as respostas do grupo de jovens do sexo feminino não revelem a dicotomia mandar/obedecer, todavia também apresentam uma diferença acentuada de papéis, nomeadamente em relação à questão da paternidade e maternidade.

Do conjunto das reflexões realizadas nas sessões, a equipa técnica concluiu a importância deste programa de prevenção pelas oportunidades de desconstruir com as e os jovens os preconceitos e os estereótipos. Num dos registos pode ler-se:

De uma análise da sessão e das próprias respostas podemos verificar que continua entranhada a questão da mulher “ter os filhos” e de o homem “fazer os filhos” desvinculando-o da sua função paternal de criar e cuidados dos filhos. (Registos nºs 7-8, LIJE)

Considera-se portanto, que a questão da igualdade de género é uma temática fundamental com estas jovens uma vez que a desigualdade de género

legítima a violência no namoro. (Registos nºs 7-8, LIJE). Num outro registo pode ler-se:

Este trabalho de demonstração da visibilidade do trabalho das jovens e de que elas têm voz na sociedade é fundamental para que percebam que, de alguma forma, podem fazer a mudança. As jovens gostaram imenso de visitar a exposição e sentiram-se orgulhosas do seu trabalho. (Registos nºs 19-20, LIJE)

A avaliação constituiu, como já foi atrás afirmado, um trabalho intrinsecamente e constantemente presente no decorrer da intervenção.

A avaliação final revestiu-se de uma dimensão quantitativa (apresentada noutra parte deste livro), mas também qualitativa. Em baixo, apresentam-se duas tabelas com a síntese da avaliação qualitativa final realizada no CE e LIJE.

O que é que aprendeste com o Projeto Artways?

- “O que é a violência no namoro”
- “A respeitar os direitos das mulheres”
- “O que é um estereótipo, preconceito e violência no namoro”

Do que gostaste mais no Projeto Artways?

- “De fazer desenhos nas telas”
- “Das molduras”
- “Gostei de tudo”

Do que gostaste menos no Projeto Artways?

- “Que demora muito tempo”

Que outro tema gostavas de ter falado?

- “Gostava de falar sobre o crime”
- “Gostava de ter aulas de dança”

Tabela 3: Resultados da avaliação qualitativa das sessões numa instituição (re)educativa masculina (em registos de sessões).

O que aprendeste com o Projeto Artways?

- Eu aprendi sobre o projeto Artways que não devemos ser violentos com ninguém e que por mais que gostemos de alguém, se esse alguém nos tratar mal não devemos continuar a ser mal tratados
- Aprendi como agir a certas situações
- O que é o *bullying*, a violência no namoro etc.
- Aprendi coisas sobre os direitos humanos, sobre a violência no namoro, igualdade de género
- Aprendi a não discriminar uma pessoa pela aparência
- Que posso conviver socialmente
- A dizer não quando é preciso
- Se não queremos sofrer temos de nos proteger a nós próprias. E mesmo que se ame tanto uma pessoa, temos de conseguir dizer não a algumas atitudes

Do que gostaste mais no Projeto Artways?

- A parte das fotografias e do jogo do semáforo
- Da saída à faculdade de engenharia
- Foi muito interessante
- Da violência no namoro

- De todas as atividades de interação

Do que gostaste menos no Projeto Artways?

- A mostra artística
- De estereótipos

Que outro tema gostavas de ter falado?

- Gostava de ter falado de como podemos acreditar numa pessoa (como temos a certeza se as pessoas são mesmo amigas ou não).
- Doenças Sexualmente transmissíveis
- Sobre violação
- Gravidez na adolescência

Outros comentários

- Gostei muito deste projeto Artways porque me fez acreditar que podia ter mais confiança em mim
- Adoro-vos
- Quero mais sessões com o projeto Artways, caminhos para a arte!

Tabela 4: Resultados da avaliação qualitativa das sessões numa instituição (re)educativa feminina (em registos de sessões).

Violência no namoro

Durante as sessões propriamente ditas com as turmas, a temática da violência no namoro foi sempre das que os/as jovens consideram como mais interessante e mais conturbadora ao mesmo tempo. Se por um lado, os/as jovens se interessam pela temática do namoro porque lhes é uma realidade próxima, por outro lado, eles e elas revelam opiniões muito díspares no que concerne ao que deve ser afinal uma relação de namoro. Há jovens que distinguem perfeitamente comportamentos abusivos de relações saudáveis,

mas a maioria confunde relação de intimidade com comportamentos abusivos na relação de namoro. Durante as sessões de implementação do Projeto foi possível concluir que a maioria dos/as jovens consegue identificar muito bem que a violência física é um comportamento errado. Mas já não identifica tão claramente que esse comportamento é crime, e que o/a agressor/a tem consequências jurídicas. Contrariamente ao que seria de esperar, as próprias agressões físicas não são todas reconhecidas da mesma forma. Aquelas que não envolvem as nódoas negras, os arranhões ou as mordeduras, que deixam uma clara marca física, não são tão facilmente identificadas como violência. Empurrões, o puxar com violência, o encostar à parede ou segurar num braço, são atitudes que ainda são vistas pelos/as jovens como normais decorrentes de uma discussão e que não são geralmente um motivo para considerar a hipótese de a relação ser violenta/abusiva.

Quando refletimos sobre a violência psicológica, o panorama é ainda mais grave. Os/as jovens não conseguem reconhecer que a tentativa de minimizar ou prejudicar a vida social da vítima através das proibições de sair, de estar ou falar com amigos/as ou mesmo do controlo das suas redes sociais e/ou telemóvel, constitui uma forma de violência psicológica. Pelo que se pôde perceber nas sessões, os/as jovens acham que muitas vezes o/a companheiro/a tem estas atitudes porque quer passar mais tempo com o/a namorado/a e não propriamente porque não quer que este/a passe tempo com outras pessoas. As redes sociais, com um papel cada vez mais ativo na sociedade e na própria vida íntima dos/as jovens, são também um ponto de discordância entre os/as jovens. Alguns/mas consideram normal ter a *password* da rede social do/a companheiro/a e referem que é uma questão de confiança “Se ele/a não tem nada a esconder, então pode dar-me a senha”.

Obviamente a confiança é exatamente o contrário, é não precisar de vigiar, é ter segurança na relação e saber que quando alguma coisa de errado acontecer, deve procurar-se de imediato uma solução. Por outro lado, outros/as jovens demonstram compreender que a rede social, sendo individual é de caráter confidencial, e que através desta podem ter conversas que não queiram que o/a companheiro/a veja, e isto não significa que lhes estão a esconder alguma coisa que ele/a não possa saber, mas sim que têm uma vida pessoal que só a eles/as lhes diz respeito.

Finalmente, quanto à violência sexual, nas sessões com os/as jovens não foi possível perceber muito sobre as suas opiniões. Isto porque o Projeto, com a sua durabilidade de 18 meses, não deixou tempo nem espaço para abordar todas estas questões. Este tipo de questões íntimas deve sim ser abordado num contexto de educação para a sexualidade, que não era o objetivo principal do Projeto. Obviamente, algumas questões como a capacidade de dizer “não”, o consentimento e o não pressionar para uma vida sexual e íntima foram algumas das questões abordadas com alguns dos grupos durante o mesmo. Decorrente das revelações dos/as jovens, pode concluir-se que há uma necessidade iminente de conversar com os/as jovens do que é a sexualidade. A sexualidade não é apenas o ato sexual, é sim respeitar o/a outro/a e a nós mesmos/as; é saber dizer e ouvir “não”; é ter consciência do que é o consentimento. Infelizmente, continuam a ouvir-se jovens a comentar que quando as raparigas se vestem de minissaia é para provocar os rapazes e que se “põe a jeito”; de que uma relação sexual só não é consentida se houver uma frase explícita que diga “eu não quero ter relações”, caso contrário é consentida. Todas estas questões têm de ser debatidas com os/as jovens para

que estes mitos sejam quebrados e não se perpetue a violência sexual na intimidade.

Durante a execução do Projeto Artways, foi também distribuído pelos/as seus/suas participantes um questionário sobre a violência no namoro. Os seus resultados são muito preocupantes. No estudo mais recente destes dados, e com uma amostra de cerca de 2 500 jovens, conclui-se que 22% dos/as jovens não reconhecem a violência no namoro e que 7% já foi vítima de pelo menos uma das formas de violência estudadas. Abaixo segue uma tabela com as várias formas de violência e as respetivas percentagens de vitimação, nestes/as jovens, cuja idade medida é de 14 anos como anteriormente referido.

Vitimação	% de jovens vítimas
Violência Psicológica	8,5%
Violência Física	5%
Violência Sexual	4,5%

Tabela 5: Vitimação por violência no namoro

Através destes dados pode verificar-se que a violência psicológica é a mais perpetuada pelos/as jovens, tendo de seguida as agressões físicas. Finalmente, mas não menos importante, 4,5% dos/as jovens referem já ter sido vítimas de violência sexual, o que é deveras preocupante tendo em conta as idades dos/as respondentes.

O facto de 22% dos/as jovens legitimarem a violência é uma das maiores preocupações do Projeto e fundamenta, ainda mais, a necessidade da prevenção primária da violência de género. A propósito, relativamente ao

género, verifica-se que em todas as questões analisadas, os rapazes legitimam mais a violência do que as raparigas. Isto significa que se não houver uma educação em prol da igualdade de género, a violência doméstica pode continuar a aumentar (já que é sabido que há uma grande probabilidade de a violência no namoro se continuar a perpetuar na vida adulta). Na tabela abaixo ilustrada é possível verificar exatamente quais são as formas de violência mais legitimadas e em que percentagem.

Legitimação	Total	Feminino	Masculino
Violência Psicológica	24,3%	20,6%	28,8%
Violência Física	9%	6%	13%
Violência Sexual	23%	14,5%	32,5%

Tabela 6: Legitimação da violência no namoro

Concretamente, podemos observar que a violência psicológica continua a ser a mais legitimada, ou seja a menos reconhecida pelos/as jovens – 24,3%. No entanto, pouca diferença existe em relação à violência sexual, em que 23% dos/as jovens consideram normal pressionar o/a companheiro/a para ter relações sexuais ou para o/a beijar à frente de outros/as. Numa menor percentagem, temos a violência física, em que 9% dos/as jovens não a considera errada numa relação de namoro (aqui incluem-se situações como bofetadas, empurrões, abanões, puxões, entre outras...). Estes dados estatísticos, aliados ao contacto direto com os/as protagonistas do Projeto, demonstram claramente a necessidade de prevenir a violência de género desde idades muito jovens.

A Violência entre pares

Ao longo desta investigação, foi também realizado um estudo sobre a violência entre pares. Para além de ser uma temática focada ao longo das sessões e uma realidade muito presente na vida dos/as jovens, a violência entre pares é muito pouco percebida como tal, e muitas vezes chegam-se a confundir comportamentos que os/as jovens têm nas suas relações com os/as outros/as como *bullying*⁴, termo mais utilizado e conhecido, mas cuja designação não está conforme a filosofia da UMAR.

Assim, durante a execução do Projeto foram distribuídos questionários aos/às jovens sobre a violência entre pares que permitiram fazer uma análise quantitativa sobre a prevalência e a legitimação do fenómeno. Estes questionários permitiram uma perceção de que, de facto, a violência entre pares é uma realidade muito presente entre os/as jovens, principalmente em

⁴ O termo *bullying*, embora de origem incerta, terá sido utilizado pelas feministas radicais quando organizaram, de forma quase clandestina, os primeiros abrigos para mulheres maltratadas pelos maridos e sob risco de vida. À medida que o trabalho no combate à violência contra as mulheres no seio da família se foi desenvolvendo, outras correntes do movimento feminista criticaram a utilização desse conceito pelo que significava em relação a atribuir o problema ao comportamento individual dos agressores, esquecendo o papel da sociedade em geral e da cultura patriarcal na construção social dessa violência. Mais ainda, o termo, que remete para animalização do comportamento humano, pressupõe a impossibilidade de mudança por parte dos perpetradores deste tipo de violência. Contrariamente a esta visão essencialista da violência, diversas correntes do movimento feminista, incluindo o feminismo radical, desenvolveram programas de base comunitária e de intervenção especializada para a reeducação dos agressores (um dos mais conhecidos é o “Modelo Duluth”, Duluth Domestic Abuse Intervention Project (DAIP), ver por exemplo, Pence e Paymar, 1993). Se este conceito se revela inadequado para caracterizar personalidades adultas com um longo historial de comportamentos violentos, é ainda mais inadequado para adolescentes e jovens em formação e desenvolvimento das suas identidades pessoais e sociais. As formas mais graves, praticadas por mais velhos ou mais velhas, que configuram situações criminalizadas pela lei, devem ser, do ponto de vista da UMAR, designadas por violência entre pares.

contexto escolar e que há alguns comportamentos que não são percebidos pelos/as jovens como violência, nomeadamente os que perfazem a violência psicológica, à semelhança da violência existente nas relações de intimidade. Para além disso, foi ainda possível verificar que a violência é também ainda, em certa parte, legitimada pelos/as jovens, considerando-a como uma forma de interagirem com os/as outros/as, sendo muitas vezes definida como “uma brincadeira”. Abaixo estão indicados alguns dos comportamentos cuja prevalência mais é reportada entre os/as jovens.

Vitimação	% vítimas
Violência Psicológica	33,5%
Violência Física	32%

Tabela 7: Vitimação na violência entre pares

No âmbito da violência psicológica, há alguns comportamentos que se destacam, por exemplo, o “chamar nomes feios” reportado por 55% dos/as jovens e o “falar mal pelas costas” indicado por 58%; ambos com mais de metade dos/as jovens a referirem que já lhes tinha acontecido.

No que diz respeito à legitimação da violência, a grande maior parte dos/as jovens reconhece as situações enquanto erradas, contrariamente ao que acontece na violência no namoro. Do total da amostra podemos referir que 4,5% dos/as jovens não reconhece a violência entre pares.

Numa análise sobre se os/as jovens já tinham visto alguém a ter determinados comportamentos agressivos, os resultados são ainda mais preocupantes do que os da vitimação ou os da legitimação da violência. Aqui

temos que uma média de 66,5% dos/as jovens que já presenciaram situações de violência, o que reflete a necessidade de trabalhar estas questões através da prevenção.

Esta temática foi, tal como já foi referido, abordada em contexto de sessão, tendo sido importante explicar e trabalhar todos os contornos que ela assume, nomeadamente a necessidade de, para ser considerada violência entre pares, ser uma violência persistente, que causa dano na outra pessoa e que tenha como objetivo o exercício de poder sobre o/a outro/a. Ainda assim, foi referido pela equipa técnica que, mesmo que haja um comportamento violento que não preencha estes critérios, não deixa de ser considerada uma violência dos Direitos Humanos.

Perante este trabalho, foi ainda possível verificar a necessidade de se adaptar o questionário passado para a avaliar de forma quantitativa o fenómeno uma vez que neste não estava presente o contexto em que as agressões aconteceram, sendo também importante a integração de outras metodologias de investigação, nomeadamente de tipo qualitativo, como, por exemplo, entrevistas *e focus group*.

De forma conclusiva, e sendo esta a maior ilação tirada pelo Projeto durante a sua implementação, gostaríamos de rematar que é fundamental trabalhar as questões da prevenção primária da violência para que, no futuro, possamos ter uma sociedade mais igualitária e livre de violência.

**V - CENAS.LOVE -
Representações do Amor, Namoro e
Violência no Namoro**



CENAS.LOVE - Representações do Amor, Namoro e Violência no Namoro

As CENAS.LOVE – Representações do Amor, Namoro e Violência no Namoro, surgem no decorrer da implementação do Projeto Artways durante os primeiros meses de 2015. Já conhecendo os/as jovens que faziam parte do Projeto, e tendo trabalhado com eles e com elas algumas temáticas relacionadas com a igualdade de género, considerou-se fundamental dar voz às suas opiniões. Assim, esta iniciativa surge num momento em que a equipa do Projeto estava a iniciar a temática das relações de namoro, do amor e das relações não-saudáveis, ou violentas. Com o argumento da proximidade do dia dos/as namorados/as, o Projeto Artways sugeriu a todas as suas turmas fazer uma pequena representação fotográfica sobre o amor, o namoro e a violência no namoro. A ideia foi recebida, pelos/as jovens com muito entusiasmo. O objetivo inicial desta atividade era usar, de forma um pouco mais profissional, a fotografia enquanto técnica para os/as sensibilizar para a violência no namoro. No entanto, no decorrer do Projeto fotográfico, os processos e resultados foram tão importantes que a equipa técnica do Projeto viu a mais-valia daquele trabalho, e decidiu que o mesmo deveria ser partilhado com a população em geral através de uma exposição fotográfica.

Antes de se iniciar qualquer trabalho artístico, foi necessário introduzir a temática do amor, do namoro e da violência no namoro. Assim, o Projeto dedicou algumas sessões iniciais para trabalhar estas temáticas com os/as jovens. As turmas envolvidas neste trabalho foram as que já estavam a ter implementação do Projeto. Em alguns casos, as turmas já tinham tido um número considerável de sessões, noutros as sessões estavam ainda em

temáticas relacionadas com os direitos humanos e houve ainda algumas turmas incluídas onde o Projeto havia dinamizado ações de sensibilização. De uma forma geral, antes de dinamizar esta atividade, os/as jovens já conheciam a equipa técnica do Projeto, já tinham desenvolvido alguma cumplicidade e empatia e já estavam portanto, mais à vontade, para falar de questões e opiniões tão pessoais, como é o caso do namoro e da violência no namoro. Esta capacidade de criar empatia com os/as jovens e de ter um relacionamento de proximidade com estes/as, é um ponto essencial para que eles/as se sintam à vontade para se exprimirem. O Projeto Artways pretende que os/as jovens sejam os/as protagonistas das suas próprias mudanças e portanto, sempre que possível, procurou dar espaço para que estes/as se pudessem expressar livremente. Muitas vezes, esta expressão não reflete as ideias politicamente mais corretas, mas o ponto fulcral está exatamente aí: são os/as jovens que têm de perceber o porquê das suas opiniões, repensarem, debaterem, refletirem, e eventualmente mudarem as suas opiniões. Claro que todo este processo foi mediado pela equipa do Projeto, mas em momento algum, o objetivo é “depositar” nos/as jovens lições de moral sobre o que é certo e o que é errado. É precisamente com esta explicação que deixamos os/as jovens à vontade para darem a sua opinião livremente e de, mais tarde, se assim entenderem, também a poderem mudar. No caso específico da temática da violência no namoro, é fundamental que eles e elas possam ter o seu espaço de partilha de informações (até para que este fenómeno seja melhor compreendido por nós através dos testemunhos de quem mais de perto assiste a esta vivência).

Antes da produção fotográfica propriamente dita, foram então dinamizadas algumas sessões sobre a temática do amor e da violência no

namoro. Nestas sessões, os/as jovens puderem dar a sua opinião sobre o que é para eles/as aceitável numa relação de namoro saudável e do que pode constituir uma relação de namoro violenta. A partir destas sessões, a primeira conclusão que tiramos, e que é também visível na própria exposição, é que os/as jovens continuam a associar muito a violência no namoro apenas à violência física. Quando exploramos alguns mitos respeitantes à violência no namoro, verificamos que muitos/as são os/as jovens que ainda não consideram errado que o/a namorado/a os/as proíba de sair sem a sua companhia; que o/a namorado/a os/as proíba de vestir determinada peça de roupa, ou mesmo que acedam a alguma das suas redes sociais sem autorização fazendo uso indevido da sua palavra *password* pessoal. A questão dos ciúmes é também muitas vezes levantada pelos/as jovens, que continuam a acreditar que uma cena de ciúmes pode constituir uma prova de amor, e que só havendo ciúmes é que há amor. A desconstrução destes mitos pode fazer-se de diversas formas. No caso do Projeto Artways, a metodologia privilegiada é a arte e o uso de ferramentas pedagógicas. Assim, nestas sessões usaram-se jogos com movimento corporal, incentivo à escrita criativa, jogos com cartões de opinião, desenho e pintura livre, entre outras atividades para colocar os/as jovens a refletir sobre a temática. Outra das conclusões que pudemos retirar face a esta primeira exploração do conceito de violência no namoro é que os/as jovens, de facto, ainda toleram muito a violência no namoro, enquanto um comportamento que até pode ser errado, mas que não é muito grave. Poucos/as foram os/as jovens que sabiam que a violência no namoro é crime e que existem consequências deste crime que podem ir até a uma pena de prisão.

Depois de debatidas e refletidas as principais temáticas ligadas à violência no namoro, preparou-se a produção fotográfica. Para esta produção

foram convidados/as fotógrafos/as e pessoas com interesse na fotografia. Este convite foi divulgado publicamente através do *facebook* do Projeto e conseguiu captar 17 fotógrafos/as e outros/as profissionais que aceitaram o nosso desafio. O repto lançado pelo Projeto Artways foi captar representações de jovens sobre o amor, o namoro e a violência no namoro.

Em primeiro lugar, deve ser explicado o porquê do amor, namoro e da violência no namoro. A UMAR defende de que, tão importante como falar do que constitui violência, é falar de como são as relações saudáveis e da necessidade de respeitar o/a outro/a. Assim, ainda que o objetivo desta iniciativa fosse sensibilizar os/as jovens para a violência no namoro, não fazia sentido ter uma exposição apenas com fotografias com um teor tão negativo. Daqui nascem, então, as representações do amor e do namoro.

Numa segunda análise, é importante referir que, desde cedo, o Projeto Artways fez questão de explicar aos/às responsáveis pela captura das fotografias que as ideias dos locais, momentos, posições e propósitos de cada fotografia deveriam ser inteiramente dos/as jovens. Este trabalho tinha como foco principal dar voz aos/às jovens e mostrar representações suas sobre o amor, namoro e violência no namoro. A aceitação deste desafio por parte dos/as fotógrafos/as, profissionais e não profissionais, foi muito grande.

Antes das sessões com os/as jovens, a equipa técnica do Projeto considerou que seria importante reunir com os/as voluntários/as no sentido de lhes explicar um pouco melhor o que era a UMAR e o Projeto Artways, e de quais os objetivos desta atividade. Da mesma forma, esta reunião foi importantíssima para que os/as fotógrafos/as pudessem dar a sua opinião sobre quais as ideias que poderiam resultar melhor, ou pior, em determinado local ou contexto. Depois desta reunião de reflexão em conjunto, promoveu-se uma

reunião individual com cada fotógrafo/a para explicar o seu contexto de atuação específico (em que escola iria trabalhar, com que turma, que especificidades tinha a turma, alguns cuidados a ter, entre outros aspetos). Em alguns casos, para dar resposta à ideia dos/as jovens, foi necessário comprar material auxiliar que era tão criativo como os/as próprios/as jovens (desde vestidos, batons, balões, rosas, correntes, bonecas, sacos, peluches, lençóis... até gomas!).

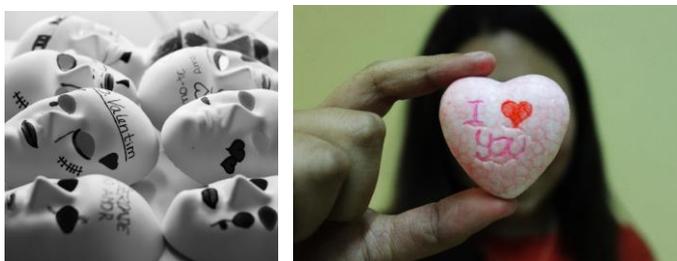
Cada voluntário/a trabalhou individualmente com um grupo-turma, sendo que numa fase inicial da aula houve uma pequena introdução e apresentação, onde alguns/mas jovens tiveram oportunidade de questionar os/as profissionais sobre a técnica da fotografia propriamente dita; e depois se passou à prática da arte. Praticamente todas as turmas do Projeto tiveram a participação de fotógrafos/as enquanto voluntários/as, mas em alguns casos, devido a incompatibilidade de horários, a própria equipa técnica e voluntária do Projeto captou e trabalhou as representações dos/as jovens. Num agrupamento de escolas, a coordenadora dos/as diretores/as de turma, referiu a existência de um curso vocacional de fotografia que poderia também participar enquanto fotógrafos/as convidados/as, o que muito agradou a equipa técnica do Projeto. Desta forma, conseguimos alargar ainda mais o propósito desta atividade, a sensibilização para a violência no namoro, a estes/as jovens pertencentes ao curso profissional de fotografia e que fizeram também um trabalho excelente.

Durante este trabalho de captura de imagens representativas daquilo que os/as jovens entendiam como amor, namoro e violência no namoro, foi muito interessante verificar que os estereótipos de género e os mitos ainda estão muito enraizados. No decorrer da atividade, várias vezes a equipa técnica teve

de questionar os/as jovens sobre o porquê de construírem determinada frase, o porquê de se posicionarem de determinada forma face ao/à outro/a. E todo este trabalho artístico, foi também um trabalho de desconstrução de mitos muito importante. Talvez sem o uso da fotografia, nunca teria sido possível para a equipa técnica perceber com tanta precisão alguns dos estereótipos de género presentes nas ideias destes/as jovens. Um dos exemplos que pode ser referido é uma frase escrita por um/a dos/as jovens que dizia: “Quero alguém que fique! Não importa onde, apenas que fique comigo”. Perante esta frase, e conhecendo a pessoa que a escreveu, a equipa técnica sentiu necessidade de conversar um pouco com o/a jovem sobre o significado do amor. Foi incentivada a reflexão de que, nem toda a gente tem de namorar, a qualquer custo e a qualquer momento. Este/a jovem transmitia algumas ideias de que o importante era ter sempre alguém do seu lado, não importava tanto de que forma, ao que foi incitada a ideia de que no amor, estar com alguém, não deve ser a qualquer custo, deve haver limites, sendo alguns dos quais exatamente o que ali estávamos a trabalhar – a violência no namoro. É também importante referir nesta matéria, que muitos/as jovens recorreram à internet para pesquisar ideias de frases sobre o amor, já que estes/as sentiram alguma dificuldade em se expressar de forma positiva quanto ao amor. Como bem é sabido, as próprias frases feitas sobre o amor e disponíveis na internet, muitas vezes, incentivam este amor a todo o custo e que tudo suporta. Durante a própria sessão fotográfica, vários foram os/as jovens que, nesta pesquisa na internet por frases ou ideias, foram capazes de identificar que algumas frases ou pensamentos promoviam a violência. Esta capacidade de reflexão sobre as frases e expressões que leem ou ouvem é um indicador muito positivo de que

estes/as jovens estão, cada vez, mais alerta sobre o que é saudável e o que não é saudável numa relação a dois.

Em alguns grupos-turma, a própria equipa do Projeto levou alguns materiais de trabalho artístico para as sessões para que todos/as os/as jovens pudessem participar dando o seu contributo. Materiais como máscaras ou corações para pintar e papel ou cartolina para escrever livremente foram alguns dos materiais usados pelos/as jovens tal como abaixo se pode observar.



Dado que os/as jovens sabiam previamente da existência desta atividade, dos seus objetivos principais e de quando esta iria ser desenvolvida em cada turma, em alguns casos tivemos inclusivamente jovens que trabalharam fora do contexto de sessão para estas representações. Em vários grupos, quando a equipa chegou à aula com o/a fotógrafo/a convidado/a, as ideias já estavam muito bem estruturadas e havia até objetos construídos pela turma para fazer parte da sua representação. Na página seguinte ilustram-se dois exemplos de materiais produzidos pelos/as alunos/as fora do contexto de sessão do Projeto Artways.



Esta atividade fotográfica foi também importante para os/as jovens num outro ponto de vista: eles e elas tiveram mais liberdade, puderam levantar-se das suas cadeiras, apanhar flores no recreio, movimentar mesas e cadeiras, ir para fora da sala para que a luz solar produzisse sombras, escrever em pé, escrever no chão, escrever no quadro. Todas estas atividades fogem da rotina dos/as jovens e quando alguém lhes dá a confiança, e ao mesmo tempo a responsabilidade, de poderem fazer tudo o que quiserem para produzir melhor o seu trabalho, a resposta criativa deles/as é incrível. Todos e todas, sem exceção, deram um feedback muito positivo desta sessão com recurso à fotografia. Mais tarde, pudemos perceber que, a partir daqui, os/as jovens interessaram-se ainda mais pelo Projeto e participaram com mais carinho e dedicação nas suas atividades.

Foram captadas mais de 1200 representações do amor, namoro ou violência no namoro, em 39 turmas, envolvendo diretamente mais de 600 jovens. Nas páginas seguintes está apenas uma mostra de algumas das 90 fotografias selecionadas para fazer parte da exposição CENAS.LOVE – Representações do Amor, Namoro e Violência no Namoro. A seleção das fotografias a incluir na exposição foi feita para que as turmas tivessem uma média de 2 representações cada uma. Para este capítulo, selecionamos apenas algumas das representações que consideramos mais importantes em termos de processo construção. Não se pretende, no entanto, menosprezar o trabalho que

não pôde ser aqui representado. Apesar da excelência de toda a exposição, houve a necessidade de selecionar apenas algumas para este capítulo. Depois das fotografias encontra-se também uma listagem das escolas e/ou agrupamentos escolares envolvidos nesta atividade, aos quais o Projeto agradece toda a colaboração.



Fotografia nº1



Fotografia nº2



Fotografia n°3



Fotografia n°4



Fotografia n°5



Fotografia nº6



Fotografia nº7



Fotografia nº8



Fotografia n°9



Fotografia n°10



Fotografia n°11



Fotografia n°12



Fotografia nº13



Fotografia nº14



Fotografia n°15



Fotografia n°16



Fotografia n°17



Fotografia n°18



Fotografia n°19



Fotografia n°20

Agrupamentos Escolares/Escolas/Outras instituições educativas envolvidas:

- Agrupamento de Escolas Carolina Michaelis
- Agrupamento de Escolas Cego do Maio
- Agrupamento de Escolas de Pedrouços
- Agrupamento de Escolas de Rates
- Agrupamento de Escolas de Rio Tinto nº3
- Agrupamento de Escolas de Vila d'Este
- Agrupamento de Escolas Dr. Costa Matos
- Agrupamento de Escolas Leonardo de Coimbra Filho
- Agrupamento de Escolas Óscar Lopes
- Agrupamento de Escolas Rocha Peixoto
- Agrupamento de Escolas *Vallis Longus*
- Centro Educativo Santo António
- Escola Básica Augusto Gil
- Escola Básica da Areosa
- Escola Básica Maria Manuela de Sá
- Lar de Infância e Juventude Especializado

Há ainda algumas considerações importantes a tecer relativamente ao processo de produção destas representações. Não querendo detalhar o trabalho individual de cada turma, é importante salientar alguns detalhes que foram surgindo durante este trabalho. Uma das questões mais interessantes é relativa às fotografias nº 15 e 16, que foram produzidas com luzes de telemóveis (o fotógrafo e a fotógrafa presentes tiravam várias fotografias por segundo e o resultado final do movimento da luz dava as letras que cada jovem formava). A turma que escolheu aceitar este desafio e que decidiu dinamizar esta ideia

estava no Projeto apenas há algumas semanas, e ainda não tinha compreendido muito bem qual o objetivo das sessões serem através de metodologias artísticas. Estes/as jovens apresentavam sempre grande renitência em fazer o que lhes era proposto, e esta atividade não foi exceção. Apesar de se estarem a divertir, como não estavam a visualizar o produto final e tiveram de repetir várias vezes a fotografia (porque alguns/mas jovens desenhavam letras demasiado grandes, demasiado pequenas, letras ao contrário...), estavam visivelmente contrariados/as ao fim de alguns minutos. Claro que perante estas condições, o objetivo da atividade não estava a ser cumprido e portanto havia que tomar alguma atitude. Assim, o fotógrafo presente teve a ideia de, à medida que fossem ensaiando, lhes mostrar o resultado da compilação das fotografias para eles/as terem uma melhor perceção do que estava a correr mal. Esta foi uma ideia fantástica porque como os/as jovens puderam ver direta e rapidamente o resultado daquilo para o qual estavam a trabalhar, empenharam-se mais e foi muito mais fácil obter a atenção de todos/as em conjunto. No final da sessão, eram os/as próprios/as jovens a pedir ao fotógrafo para repetir a fotografia porque achavam que conseguiam fazer melhor. Este foi um resultado muito interessante tendo em conta o grupo-turma em questão.

Em termos de idades, tivemos representações de jovens mais novos/as do que a média, já que pertenciam ao 5º ano, no entanto a maioria das turmas era do 7º ano. Nestas representações mais juvenis, a maioria escolhia representar o amor, como na fotografia nº19, mas houve também turmas que escolheram refletir um pouco melhor sobre as consequências da violência, como representado na fotografia nº 1.

É também interessante verificar que alguns/mas jovens fizeram questão de demonstrar que a violência não tem só os homens como agressores, estes podem também ser vítimas. Das fotografias selecionadas para este capítulo, destacamos a nº 3, onde podemos observar que é a mulher quem segura um taco de basebol, enquanto o homem segura uma flor.

A necessidade de pedir ajuda e de procurar apoio em profissionais especializados/as foi também uma temática que não passou despercebida neste trabalho e que alguns/mas jovens quiseram representar. Uma das fotografias selecionadas para esta representação neste manual é a fotografia nº2, onde uma jovem está a sugerir que se “grite”, que se procure ajuda. De notar que esta jovem escolheu especificamente a casa de banho como cenário já que considera que é aqui que muitas jovens se refugiam quando estão com problemas e não querem ser vistas por outros/as. É também importante referir que esta representação na casa de banho surgiu muitas vezes, em diversas turmas, praticamente sempre sugerida por raparigas.

Nesta exposição há também algumas fotografias com um impacto um pouco maior, como são o caso das fotografias nº9,10,13 e 14 já que são captadas em contexto de institucionalização, onde em média os/as jovens são mais velhos/as e têm experiências de vida mais diversas. Não obstante, as fotografias captadas nestes locais foram sempre muito elogiadas pela forte mensagem que transmitem.

A expressão dramática foi uma das metodologias para produzir estas representações mais escolhida pelos/as jovens. Em várias fotografias desta exposição vemos jovens a gritar e a discutir, e quase se que consegue mesmo ouvi-los/as. A expressão dramática e corporal foi usada de diversas formas, quer através do teatro de sombras (fotografia nº7), quer teatral em que os/as

jovens estavam mesmo a discutir e a gritar aquando da captura das fotografias (nº5), quer mesmo através de uma representação visual de imagem com corpos deitados no chão (fotografia nº18).

Depois de realizada a produção fotográfica com as representações dos/as jovens, os/as fotógrafos/as profissionais e não profissionais, trabalharam as fotografias de forma magnífica e com um profissionalismo de louvar. Algumas destas fotografias exigiam um trabalho pós-produção muito intenso, e os produtos finais são resultado dessa mesma dedicação e apreço.

Após a sessão fotográfica, ainda antes de terem acesso à visualização das fotografias, a equipa técnica trabalhou com os/as jovens sobre o que sentiram ao representarem o amor, o namoro e a violência no namoro. Foram colocadas para debate questões como: que dificuldades sentiram; o que foi mais fácil/difícil de representar: o amor, o namoro ou a violência no namoro; e o porquê de terem, na maioria, representado mais a violência do que o amor. O debate produzido foi muito interessante já que os/as jovens referiram que, para elas/as era mais fácil representar a violência, porque conhecem melhor, porque ouvem falar mais, do que representar o amor, que eles/as próprios acham até difícil de definir... Por outro lado, mesmo na representação da violência no namoro, a maior parte das ideias dos/as jovens foram de representações de formas de violência física, quase que ignorando que existem todas as outras formas de violência que são tão, ou mais, graves quanto a física. Neste ponto os/as jovens explicaram que a violência física é a mais fácil de captar numa fotografia do que propriamente a violência psicológica. Não obstante, em algumas representações, tal como se pode observar através das imagens da página seguinte, vemos por exemplo uma jovem a gritar com o parceiro; vemos também representado o controlo do telemóvel e noutras os insultos.



Depois de feita uma reflexão sobre as questões relativas ao processo de criação propriamente dito destas representações fotográficas, foram também debatidas as questões respeitantes à mensagem que os/as jovens quiseram transmitir com as suas fotografias. Numa fase inicial, foram apresentadas as fotografias de toda a turma a todos/as os/as jovens e em grande grupo discutiram-se algumas questões como: o que consideravam que se pretendia representar naquela imagem; se achavam que é uma representação da realidade; se consideravam que aquilo acontece no dia-a-dia à sua volta; como achavam que aquela pessoa se sentiu a fazer o papel de vítima e/ou de agressor; como achavam que aquelas situações na vida real são vividas; de que forma é que os/as outros/as que estão, de lado, a assistir podem ajudar... Todas estas questões foram extremamente importante para introduzir a temática das consequências da violência no namoro, da ajuda que existe nestes casos de violência, e do que eles/as podem fazer se conhecerem algum caso.

Tal como já foi referido, o objetivo inicial deste trabalho era sensibilizar os/as jovens para as questões da violência no namoro de forma criativa e que os/as cativasse. Ao longo do processo, percebeu-se que esta atividade poderia ser muito mais, que tinha uma qualidade muito superior ao expectável e que

deveria ser mais visível e mais divulgada. Assim, nasceu daqui a ideia de expor ao público estas representações em formato físico.

A inauguração desta exposição fotográfica pela primeira vez deu-se estrategicamente no dia 7 de março de 2015, no espaço Atmosfera m, por forma a ser sinalizado o Dia Internacional da Mulher. Todos/as os/as jovens e seus familiares foram convidados/as a comparecer neste evento de abertura da exposição CENAS.LOVE e a resposta foi muito positiva. Neste dia inaugural tivemos a presença de cerca de 200 pessoas, incluindo alguns/mas dos/as jovens protagonistas e suas famílias, os/as fotógrafos/as que trabalharam nestas fotografias, docentes e psicólogos/as das escolas envolvidas, o diretor e parte da equipa técnica do Centro Educativo Santo António, vários/as representantes do poder político, um representante da CIG – Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, entre outros/as convidados/as. A exposição manteve-se aberta ao público de forma gratuita durante quase um mês e durante este tempo o Projeto Artways promoveu, neste espaço, várias atividades dirigidas não só aos/às mais jovens (como um Workshop com a Associação Beequal) como também aos/às mais crescidos/as (Tertúlia: “Violência no Namoro? Parece mentira” e ainda Tertúlia: “As Histórias das CENAS.LOVE”). Ainda antes de a exposição ser retirada, e reconhecendo a sua importância, surgiu o convite para esta figurar também no novo espaço Atmosfera m de Lisboa, na altura recentemente inaugurado.



Do centro do Porto para o centro da Póvoa de Varzim, através da Câmara Municipal, a exposição CENAS.LOVE – Representações do Amor, Namoro e Violência no Namoro, inaugurou a 14 de maio de 2015 no Cine Teatro Garrett. Apesar da exposição já estar oficialmente aberta há dois dias, escolheu-se esta data para a inauguração estrategicamente já que se tratava da data em que iniciavam as Jornadas Intermunicipais da Póvoa de Varzim e Vila do Conde, com a temática “Fragilidades e Novas Dinâmicas Sociais”, onde a coordenadora do Projeto preparou também uma comunicação.



Mais tarde, e para que a exposição pudesse chegar a vários pontos do Porto (principalmente para chegar o mais perto possível dos/as jovens), o Projeto Artways propôs à Câmara Municipal de Valongo a exposição no seu município. A proposta foi recebida com muito entusiasmo e no dia 23 de outubro de 2015, para sinalizar o Dia Municipal para a Igualdade, celebrado no dia 24, a exposição CENAS.LOVE inaugurou desta vez no *Foyer* do Edifício *Vallis Longus*. Este espaço foi escolhido estrategicamente por ser extremamente próximo do Agrupamento de Escolas onde o Projeto teve intervenção e para permitir que os/as jovens a visitassem. No dia da inauguração estiveram presentes jovens de uma das turmas envolvidas neste trabalho artístico, e depois, durante a sua permanência, outros/as jovens foram também fazer visitas de estudo a este espaço. De realçar também que houve

vários/as encarregados/as de educação a visitarem o espaço com os/as jovens, que gostaram de mostrar o trabalho que haviam dinamizado aos/às seus/suas familiares.



Logo após a sua saída de Valongo, a exposição inaugurou dia 7 de novembro de 2015 no espaço Atmosfera m em Lisboa. Este espaço é frequentado por dezenas de pessoas diariamente já que é um espaço de partilha de conhecimentos e também lúdico/pedagógico para crianças e jovens. Num espaço amplo e recente, a exposição aqui permaneceu até dia 27 de novembro, estrategicamente para sinalizar o Dia da luta contra todas as formas de violência contra as mulheres, a 25 de novembro.

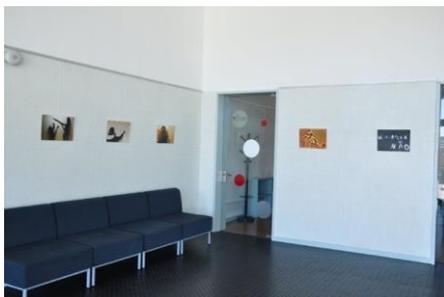


De Lisboa para Setúbal, a exposição foi requisitada para permanecer durante algumas semanas no Centro de Saúde de Alhos Vedros, Moita. Numa fase de reconhecimento, esta ida para Setúbal do trabalho do Projeto Artways foi muito importante para os/as próprios/as jovens que se dedicaram a estas representações. Inaugurada no dia 28 de novembro de 2015, o evento contou com cerca de 200 pessoas incluindo utentes e profissionais do próprio centro de saúde. Durante a vigência desta exposição no centro de saúde, e dando resposta ao principal objetivo desta solicitação por parte da equipa técnica do centro de saúde, organizaram-se várias visitas de estudo de escolas circundantes de forma a sensibilizá-los/as para a violência no namoro.



Já no ano 2016, o Agrupamento de Escolas de Felgueiras, que detém um espaço para exposições fabuloso, convidou o Projeto Artways a dinamizar algumas ações de sensibilização sobre a violência no namoro e ao mesmo tempo expor as CENAS.LOVE. Assim, no dia 15 de janeiro inaugurou-se a exposição nesta escola e durante algumas ações de sensibilização,

encaminharam-se os/as jovens para este espaço para uma reflexão sobre aquelas representações.



A partir do dia 29 de fevereiro de 2016, a exposição esteve também presente nos Paços do Conselho da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, tendo na inauguração participado alguns/mas jovens deste município com quem o Projeto teve intervenção.

Em todos os locais onde esteve exposta, a exposição fez-se acompanhar de um livro de honras em que os/as visitantes poderiam deixar algum comentário ou sugestão ao Projeto. Com centenas de anotações, abaixo citam-se algumas das expressões escritas neste livro de honra.

“Parabéns pela iniciativa e obrigada pela oportunidade de nela participar”

“Como mãe, adorei a exposição e o tempo que passaram na escola com a minha filha e respetiva turma. Acho muito importante a abordagem destes assuntos com os nossos jovens”

“Adorei! As fotos são lindas e os jovens como sempre surpreendem-nos pela positiva”

*“Com este tipo de iniciativa podemos mudar mentalidades,
Parabéns pelo excelente trabalho e pela sua dinamização”*

*“Excelente iniciativa numa abordagem clara e simples que fala por si.
Desempoeirem mentes, libertem espíritos, prossigam na sonda da educação
para que se possa prevenir e não se tenha de remediar. Abraço orgulho de
uma mãe”*

Com solicitações pendentes e convites dirigidos a várias entidades, a exposição CENAS.LOVE – Representações do Amor, Namoro e Violência no Namoro irá continuar a percorrer Portugal com o objetivo de sensibilizar os/as jovens para a violência no namoro. Este é um resultado do Projeto Artways que continuará a ser promovido mesmo após término do mesmo, garantindo de alguma forma a sua disseminação.

Até ao momento esta exposição já foi apresentada em diversos locais, como referido anteriormente, e já sensibilizou mais de 3 100 pessoas, tendo tido um impacto muito superior ao expectável aquando do surgimento da ideia.

O Projeto Artways gostaria de agradecer oficialmente a todas as entidades envolvidas neste processo de produção artística das representações dos/as jovens, desde Câmaras Municipais a outras entidades responsáveis pela cedência de espaços para esta exposição estar aberta gratuitamente ao público.

Não menos importante, o Projeto Artways gostaria de agradecer e louvar o profissionalismo das pessoas abaixo mencionadas, que sem qualquer benefício financeiro, decidiram dedicar o seu tempo a este Projeto e a esta atividade. A todos e a todas, o nosso muito obrigada.

Alunos/as de fotografia do Agrupamento de Escolas *Vallis Longus*

Ana Dias

Ana Guerreiro

Andreia Teixeira

Bárbara Soares

Carolina Magalhães Dias

Cátia Pontedeira

Cristiana Ferreira

Dalila Fernandes

Daniela

Delfina Brochado

Diana

Diana Costa

Diana Oliveira

Elisa Neves

Emanuel Oliveira

Joana Cordeiro

João Mesquita

Luís Rodrigues
Margarida Teixeira
Maria José Magalhães
Patrícia Mendonça Ribeiro
Paula Moreira
Pedro Ferreira
Plácido Sousa
Rafael Silva
Raquel Vazqués
Ru Barbosa
Ruben Sousa
Sérgio Pereira
Sónia Silva
Soraia Sousa

VI - As vozes dos/as jovens

*“aprendi que por vezes, guardar tudo para ti não é bom, e que talvez
nós jovens pensamos muitas vezes desta forma”*

As vozes dos/as jovens

Durante todo o Projeto, os/as jovens foram sempre o foco principal e os/as destinatários/as mais diretos do mesmo. O Projeto teve intervenção direta e continua com mais de 600 jovens e por isso consideramos que, neste manual deve também haver um espaço deles e delas. Assim, este capítulo pretende demonstrar alguns trabalhos desenvolvidos pelos/as jovens durante este percurso onde eles e elas foram sempre os protagonistas.

Nas páginas seguintes, estarão dispostas fotografias de alguns trabalhos artísticos, desenhos elaborados pelos/as jovens e também frases ditas ou escritas pelos/as mesmos/as, dividido por temas para uma melhor compreensão por parte do/a leitor/a.

A todos e todas vocês, jovens, **muito obrigada** pela participação e dedicação ao Projeto Artways.

Sem vocês este Projeto não teria sido possível!

Sem vocês este Projeto não teria sido um sucesso!

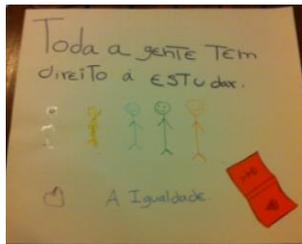
Direitos Humanos

“Aprendi coisas sobre a humanidade e os direitos”

8º ano



7º ano



7º ano



Instituição Educativa



Instituição Educativa



Instituição Educativa

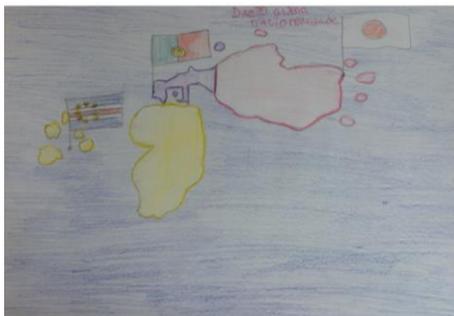
“Devemos dar as mesmas oportunidades a toda a gente”

9ºano

“Devo respeitar a opinião dos outros”

9º Ano

Direitos das crianças



5º ano



5º ano



5º ano

Direitos das mulheres

“Respeita a mulher”

9º Ano

“Respeita as mulheres e os homens da mesma forma”

9º Ano

Estereótipos e preconceito



9º ano



9º ano



9º ano

“Aprendi que não devemos julgar uma pessoa à primeira vista e que não devemos invadir a privacidade dos outros”

7º ano



11ºano

Violências

“Eu não concordo com a violência porque é perigoso e pode marcar as pessoas para toda a vida...”

5º ano

“Eu aprendi sobre o projeto Artways que não devemos ser violentos com ninguém e que por mais que gostemos de alguém, se esse alguém nos tratar mal não devemos continuar a ser mal tratados”

Instituição Educativa



5º ano

“Eu faria tudo para não houvessem agressores...”

5º ano

“A melhor forma das pessoas resolverem os conflitos é pedirem desculpa, falando uma com a outra...”

5º ano

“Eu tenho um conselho para acabar com a violência: é respeitar as
pessoas...”

5º ano

“E sobre a violência não tenham medo de contar à polícia ou a um familiar.
Acabem com a violência!”

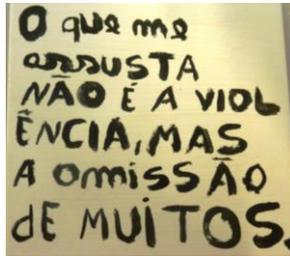
5º ano



7º ano



9º ano



8º ano

“A violência não resolve nada. Uma conversa é que resolve tudo”

7º ano



7º ano



7º ano

Violência no namoro



Instituição Educativa

“Se alguém é vítima de violência, tentem ser fortes por vocês próprias. Ter muita coragem e vontade de sair desse sofrimento Não tenham medo, confiem em vocês próprias e lutem pela vossa felicidade”

6º ano



Instituição Educativa



9º ano

“Diz não há violência e sim ao amor, para teres uma vida estável não pode haver dor”

7º ano

“Se és vítima de violência avisa as autoridades o mais depressa possível. Pois quanto mais tempo passa, mais nódoas negras terás espalhadas pelo teu corpo. Mas lembra-te, nunca baixes a cabeça”

7º ano



7º ano

“Aprendi a dizer não quando é preciso”

Instituição Educativa

Ciclo da Violência



7ºAno



7ºAno



7ºAno



7ºAno

Violência entre pares

“Violência é um crime! Quando se sofre de *Bullying* é muito mau. Digo isso, porque eu próprio já sofri *Bullying*. A melhor forma de ultrapassar isso é falando com um professor, os teus pais ou um adulto da direção da tua escola.”

5º ano



5º ano



7ºano

“*Bullying* não é arte, é crime! Conta sempre a um adulto, diga não à violência.”

9º ano

Feedback do projeto



7º ano

“Para mim o Projeto Artways é uma ajuda para a sociedade”

9º ano

“Eu aprendi que por vezes, guardar tudo para ti não é bom, e que talvez nós
jovens pensamos muitas vezes desta forma”

9º Ano

“Aprendi que não devo julgar as pessoas pelo seu aspeto e que também não se deve humilhar e gozar as pessoas”

5º ano

“Aprendi a estar melhor na sociedade”

7º ano

“Aprendi a ver o mundo de forma diferente e tentar mudar para melhor”

7º ano

“O que gostei mais foi mostrar perante muitas escolas do Porto o que entendo pela desigualdade de género porque ainda existem muitas”

7º ano

“Acho que devemos continuar este projeto pois é muito bom para nós e para a sociedade futura”

7º ano

“Achei o projeto muito interessante e espero fazer parte dele mais anos”

7º ano

“Quero refletir outra vez”

7º ano

“O que gostei mais foi de tirar as fotografias para a galeria sobre a violência no namoro”

7º ano

“Aprendi coisas na minha vida que podem mudar, tipo que quando há ciúmes é bastante mau para a relação”

7º ano

“Aprendi o que é a cidadania”

7º ano

“O que gostei mais foi da união de todos os alunos de várias escolas diferentes e da forma como mostraram atuações do que acontece na realidade”

7º ano

“Aprendemos a respeitar os outros e até mesmo a nós mesmos”

8º ano

“Gostei de interagir com a outra turma [sessões de multiplicação] e gostaria de ter mais aulas de projeto”

8º ano

“O que gostei mais foi de falar em pessoas totalmente diferentes de nós”

8º ano

VII - Avaliação Externa do Projeto Artways: Um olhar prospectivo

“O Projeto Artways gerou uma dinâmica entre prática/experiência e reflexão, assumindo uma interdependência muito relevante, uma vez que a prática/experiência faz emergir múltiplas questões para resolver e responder, uma infinidade de incertezas, que consubstanciam inúmeras oportunidades para explorar, facilitadoras de mais e melhor prevenção da violência e delinquência Juvenil.”

Avaliação Externa do Projeto Artways: Um olhar prospectivo

Isabel C. Viana

Contexto

Um dos interesses na realização de projetos de intervenção para a coesão e inclusão social é afirmar atitude orientada para a qualidade de vida, para o bem-estar social, sensibilizar para o valor de se desenvolver um sentimento de pertença coletiva, a almejar aprender a viver em conjunto. Para tal ser viabilizado é necessário um compromisso com processos de qualidade, constituindo a avaliação externa o seu garante primordial.

O Projeto ARTWAYS – POLÍTICAS EDUCATIVAS E DE FORMAÇÃO CONTRA A VIOLÊNCIA E DELINQUÊNCIA JUVENIL, teve como objetivo principal a *prevenção primária da violência e da delinquência juvenil, com uma intervenção centrada nas escolas, Centros Educativos e Lares de Infância e Juventude*. Com este interesse, propõe dinamizar *sessões formativas para educar os/as jovens para a não-violência*. *Diversos são os temas a abordar, com recurso às metodologias artísticas: direitos humanos, direitos das mulheres, direitos das crianças, violência no namoro, violência entre pares, violência doméstica, estereótipos, preconceitos, competências sociais, regulação emocional, entre outros*. As rotas do seu ciclo de vida, sempre com o envolvimento elevado de jovens e diversidade de entidades e especialistas, sistematizaram-se em: i) atividades desenvolvidas através de reuniões com parceiros estratégicos, agrupamentos de escolas, psicólogos/as e técnicos/as e a equipa; ii) Implementação do Projeto com Jovens, através de sessões nas escolas, Centro Educativo e Lar de

infância e Juventude Especializado, reuniões com Encarregados de Educação e de conselhos de turma; iii) Formação de técnicos, docentes e outros; iv) Ações de sensibilização; v) Investigação “Conhecer para Intervir”, através de pesquisa bibliográfica, questionários e entrevistas; vi) Comunicação social, disseminação e divulgação; vii) Poder político, parcerias estratégicas, envolvimento da comunidade; viii) Avaliação do projeto, todas as ações do projeto e ix) Seminários. O Projeto, que teve início em Setembro de 2014 e término em fevereiro de 2016, é um Projeto da UMAR, financiado pelo Mecanismo Financeiro do Espaço Económico Europeu (EEA Grants) e gerido pela Fundação Calouste Gulbenkian.

Com o interesse focado pelo Projeto Artways, orientador da intervenção pela avaliação externa, emergiu o propósito:

1) Compreender formas de construir confiança no potencial transformador das ações do Projeto Artways, perspetivado ocorrer durante o agir do Projeto;

2) Agir em conformidade com uma atitude orientada para a Paz, em defesa do respeito pelos Direitos Humanos, implica ganhar confiança para saber como proceder para agir, interagir consigo próprio, com os outros e os contextos da ação humana, o que solicita associar e mobilizar saberes com pertinência em *contexto-situação*;

3) Acompanhar, a par e passo, o desenvolvimento das ações nucleares do Projeto Artways, que intervêm no âmbito da prevenção primária de violência e da delinquência juvenil.

Operacionalmente, a partir do acompanhamento contínuo e viabilização da prevenção da violência e delinquência juvenil nos contextos de realização

do Projeto, que implicou entidades parceiras, agrupamentos de escolas, psicólogos/as, encarregados de educação, técnicos/as, docentes, alunos, Centro Educativo e Lar de Infância e Juventude Especializado, a comunicação social e o poder político. Nesta linha de ação, o Projeto Artways contribui para interpelar e descontinuar a precariedade gerada pela violência e delinquência juvenil através da prevenção, contribui para experimentar e aprimorar processos, metodologias e a demarcação institucional e legal na disseminação da prevenção na região e enquanto referência para o país, com ambição de visibilidade de referência para a *Europa-Mundo*.

A proposta de uma Avaliação Externa alicerçada em pressupostos de Investigação Ação Colaborativa

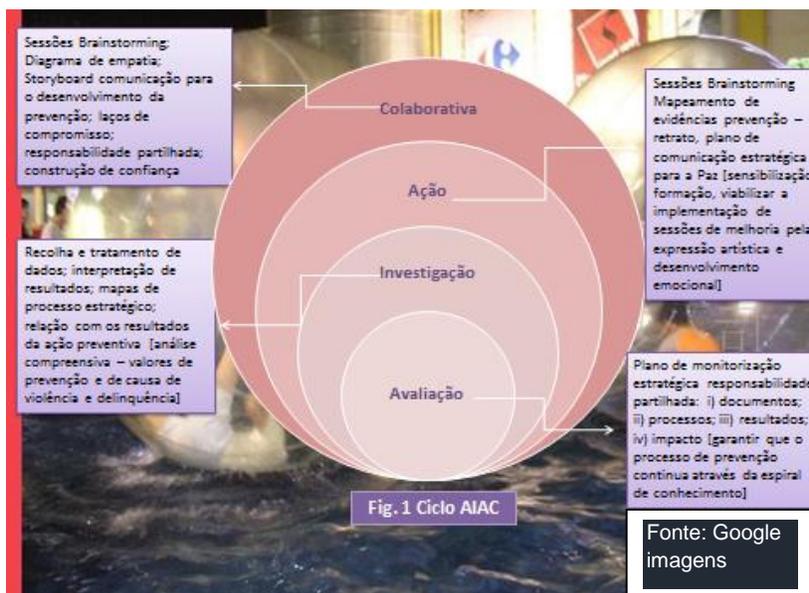
A avaliação externa, no quadro da Avaliação Final do Projeto Artways, assume-se como um processo evolutivo que se traduz em crescimento de conhecimento, com desejável impacto na melhoria da qualidade do ambiente humano e da sociedade para benefício do progresso do desenvolvimento humano, um referente de desenvolvimento inovador projetado com futuro. Surge com a preocupação de a tornar uma ação conjunta, participativa e democrática, estruturada em três pólos essenciais de construção e transferência de conhecimento: i) a investigação, ii) a ação e iii) os contextos e atores, o espaço de fusão e aprofundamento de saberes multidisciplinares, que propomos orientado por uma visão de transformação social plural e inclusiva. A justificar o enquadramento metodológico alicerçado em pressupostos de Investigação Ação, por entendermos a proposta de avaliação como um projeto de investigação e de intervenção para compreender, explorar e construir conhecimento e potenciar melhorias futuras (Kristiansen e Bloch-

Poulsen, 2013). A agregar valor através do diálogo reflexivo com a situação prática (Shön, 2000), articulado com o estado da arte, gerador do fluxo espiralado de conhecimento, isto é, conhecimento produz conhecimento, de forma evolutiva e sistemática (Ander-Egg, 2011), por isso com impacto transformador positivo. A importância da avaliação externa é julgada de acordo com o quanto pode servir uma sociedade, na medida em que oferece ideias pertinentes para pensar, de forma mais clara, os resultados, permite ter acesso a uma nova perspectiva (Conley-Tyler, 2005). Por outro lado, por entendermos ser a opção que melhor articula com a visão e missão do Projeto Artways, uma vez que a interpretamos uma ação concertada nos eixos nucleares: i) ações de promoção e envolvimento e ii) processos de formação, aprendizagem e sensibilização. Estruturados em questões de desenvolvimento orientadas para a transformação social, ao que acresce sabermos que Projetos e Estratégias para a coesão social, onde também enquadrámos o Projeto Artways, têm como propósito global afirmar atitude orientada para a qualidade de vida, nas suas múltiplas dimensões, e o bem-estar social. Para tal ser viabilizado é necessário um compromisso com processos de qualidade e credibilidade, capazes de construir a confiança, constituindo a avaliação externa um propósito importante.

Conscientes da complexidade do desafio que constitui e, depois de breve enquadramento justificativo do nosso entendimento, no que respeita à adequação da proposta de avaliação externa à solicitação feita, passamos a apresentá-la, intitulá-se *Ciclo AIAC* (Ciclo de Avaliação pela Investigação Ação Colaborativa), a promover mais e melhor prevenção da violência e da delinquência juvenil.

CICLO DE AVALIAÇÃO AIAC

Surge como processo de avaliação compreensiva (Stake, 2006), permite o recurso a múltiplas metodologias holísticas, técnicas e ferramentas, orientadas para a qualidade a utilizar nesta avaliação externa, podem ser observadas na fig. 1, de acordo com cada um dos momentos (fases interdependentes, ocorrem integradas no *espaço práxis* Artways) do ciclo AIAC (Avaliação; Investigação; Ação; Colaborativa):



Na fig.1 observa-se a rede de relações da monitorização estratégica das ações do Projeto Artways, processada como observatório de qualidade das boas práticas de prevenção da violência e delinquência juvenil. Com interesse em capacitar para uma participação pró-ativa na cidadania inteligente, a partir das *lições aprendidas* com as ações de intervenção do Projeto, que zela pelos Direitos Humanos com o intuito de participar na construção da Paz, na

esperança da preservação do *nosso mundo*, com a *dignidade* que a condição humana confere, para notificar o *nosso futuro* a partir da responsabilidade em responder à sustentabilidade social.

O sistema de monitorização estratégica que propomos para agilizar a avaliação externa através de uma metodologia de Investigação-ação colaborativa, perfila-se com importância de conscientizar o valor de, continuada e sistematicamente, desenvolver um mapeamento aberto e flexível de boas práticas de prevenção da violência e delinquência juvenil, de acordo com necessidades antecipadas e manifestas.

A avaliação externa compreensiva, pela metodologia de investigação ação colaborativa, propõe-se como constructo formativo (Silva, 2011) e sensibilizador das melhores práticas de Prevenção que se intui Transformadora. Ambiciona mapear a integração de todos os facilitadores utilizados na comunicação para o desenvolvimento da Prevenção, nos momentos chave de realização da intervenção, de acordo com o Ciclo AIAC e os princípios de transparência e credibilidade na qualidade de realização que rege o Projeto Artways. Posteriormente ao tempo de realização da avaliação, entendida como um projeto de investigação, propõe constituir memória de Prevenção Transformadora, de forma a propiciar a transferência de inovação para territórios/lugares, onde a cenografia do ambiente que os configura assim o reclamar necessário à promoção da coesão social criativa e competitiva, capaz de promover a inclusão social pela defesa essencial dos Direitos Humanos, próprios aos interesses do progresso do desenvolvimento humano. Assim, o Ciclo AIAC pode também transformar-se numa experiência de aprendizagem coletiva para os parceiros interessados na Prevenção Transformadora como constructo de vida, enquanto estratégia competitiva

para a inovação da educação, em particular, e do desenvolvimento humano, em geral. Para uma transferência de inovação a este nível, com impacto na transformação social, o que o Projeto Artways propõe, não é necessariamente de organizações inovadoras como parceiros que necessita, para o seu desenvolvimento em escalas: local, nacional e internacional global, são importantes parceiros nos sistemas internacionais de educação e formação com credibilidade, para o que práticas de avaliação, como as que o Ciclo AIAC configuram, concorrem.

Todas as fases do Projeto são sujeitas ao Ciclo de avaliação externa AIAC. Obedecem ao cronograma indicado no edital da candidatura para proposta de avaliação externa do Projeto Artways, sendo que as atividades de avaliação externa decorreram, essencialmente, dentro do intervalo de tempo em que aconteceram as atividades do Projeto Artways, a encerrar com a entrega do relatório final de avaliação externa.

Estas atividades foram realizadas de acordo com o cronograma referido na proposta, porém, conforme conveniência dos contextos e investigadores envolvidos, nem sempre no período de tempo/mês em que ocorrem, mas sempre dentro do intervalo estipulado.

Com este propósito pensamos reunidas condições inovadores e competitivas para responder aos desafios que a proposta de avaliação externa instanciam e os objetivos evidenciam, numa relação dinâmica sistémica de coautoria entre os apresentados pelo Projeto Artways e os propostos pela proposta substantivada no Ciclo AIAC sistémico.

O Ciclo AIAC incorpora um conjunto de fases, que se desenvolvem a partir do pretexto gerador da substância a avaliar compreendida na matriz que aqui se apresenta, salvaguardando que a matriz não é um fim em si mesma,

isto é, apenas são geradoras das dimensões em análise, ficando em aberto a descoberta e compreensão específica durante o processo, que será sempre configurado pelo Ciclo AIAC que propomos. É um processo metodológico que se desenvolve de forma contínua e integrada, implicando a sequência: caracterização do contexto e âmbito do que se avalia; planificação/estruturação do processo, técnicas mais adequadas; ação, observação ativa, avaliação compreensiva; reflexão, argumentação fundamentada e construtiva do observado, identificando potencialidades e pontos críticos. Este *roadmap* de procedimentos em movimento interativo circular, gera novos ciclos que desencadeiam uma sequência de experiências de ação reflexiva, em movimento *continuum* de conhecimento, propício à visão transformadora das práticas (Delamont, 2012), à melhoria e emancipação da Prevenção Transformadora. Pois, o que se ambiciona com o referencial que propomos, é dar conta da situação prática da Prevenção, por forma a projetar forças e transformar práticas com o intuito de atingir melhoria de processos e resultados, ao longo da linha de tempo estipulada e a captação que esta linha de tempo possibilitar, em simultâneo com a problematização das melhores práticas avaliativas para mais e melhor Prevenção Transformadora. A permitir explorar e analisar, de forma adequada à especificidade das actividades, contextos e atores e, com consistência, todo o conjunto de interações ocorridas ao longo do processo avaliativo, considerando todos os casos ou desvios eventuais devido a razões exógenas, que se terão de considerar para proceder à reorganização e reajustes que se considerar, conjuntamente, essenciais à melhor resolução do desafio avaliação do Projeto Artways.

Questões chave a que procura responder a avaliação externa

- i) **RELEVÂNCIA** – de que forma o Projeto Artways se adequa às prioridades e estratégias de prevenção da violência e delinquência juvenil do grupo alvo, da organização UMAR e da agência financiadora do Projeto:
 - a) Qual a importância da intervenção no plano da prevenção para o grupo alvo;
 - b) De que forma os objetivos do projeto permitem uma intervenção crítica, aberta e flexível, capaz de acompanhar, continuamente, os desafios sociais no dia-a-dia dos jovens, técnicos, famílias e instituições/entidades;
 - c) As ações e efeitos previstos pelo projeto (resultados/produtos) são coerentes com o desenvolvimento do projeto – coerência com a estratégia de transformação pela prevenção planeada.

- ii) **IMPACTO TRANSFORMADOR** – que mudanças positivas e negativas a intervenção do projeto provocou. Qual o principal impacto transformador resultante da intervenção do projecto (intencionais e do acaso):
 - a) Qual a transformação observável que o projeto produziu para o grupo alvo, em termos socioeconómicos, políticos, culturais, de cidadania ativa, respeitando as questões de género;
 - b) Quem foi abrangido;

- c) Quais os fatores que potenciaram a transformação, de que forma se pode afirmar deverem-se à intervenção do projeto;
 - d) O ecossistema de prevenção é sustentável. O que caracteriza a sua sustentabilidade.
- iii) **EFICÁCIA SOCIOPOLÍTICA** – os objetivos foram trabalhados e atingidos/cumpridos, qual a relação entre o que foi proposto e o que foi alcançado:
- a) De que forma foram atingidos os objetivos, como se gera a sua sustentabilidade;
 - b) Quais as potencialidades e/ou constrangimentos que facilitaram ou inibiram o alcance dos objetivos;
 - c) Qual a exequibilidade dos objetivos do projeto.
- iv) **EFICIÊNCIA ESTRATÉGICA** – os recursos humanos e materiais são adequados, o investimento disponível permitiu atingir o impacto transformador desejado:
- a) A intervenção foi muito dispendiosa;
 - b) A gestão do projeto potencia a sua exequibilidade;
 - c) Os pacotes de trabalho de desenvolvimento do projeto foram realizados no tempo e com os recursos previstos.
- v) **SUSTENTABILIDADE** – o impacto transformador da intervenção tem condições de se prolongar para além o tempo institucional do projeto:
- a) Quais os benefícios para os parceiros do projeto;
 - b) Quais os principais vetores que facilitam ou inibem a sustentabilidade.

Metodologia

Procura responder aos diferentes grupos, interesses e perspectivas dos participantes, articulando abordagens quantitativas e qualitativas durante os momentos indicados pelo projeto, configurados numa lógica de análise que considera o antes, o durante, o depois da intervenção das ações do projeto, agilizada num interesse compreensivo sustentado numa espiral de conhecimento. A dimensão *formativa-qualitativa* assume maior focagem, dado o âmbito de intervenção do Projeto Artways. O propósito essencial da avaliação externa é extrair *lições aprendidas* e colocá-las à coautoria de quem se interessar e tiver responsabilidades de intervenção no domínio da prevenção e, por outro lado, fornecer recomendações para melhorar as próximas intervenções/projetos, de forma a contribuir para a sua sustentabilidade e apoiar outros, com utilidade para i) lidar com as expectativas dos diferentes *stakeholders*; ii) estimular a aprendizagem sobre os efeitos de um projeto, lidar com a imprevisibilidade; iii) satisfazer a necessidade de prestação de contas; iv) reforçar a capacidade de adaptação em contextos de mudança (Ongevalle e Peels, 2014).

Síntese integradora da ecologia do Projeto Artways

O Projeto Artways foi marcado pela imaginação nas ações desenvolvidas, constituiu o seu limite. Aconteceram em formato flexível, capazes de se adequarem à complexidade da multiplicidade das circunstâncias em que ocorreram. As diretrizes do projeto, exploradas em combinação, promoveram o diálogo participativo, instigaram ao trabalho colaborativo, assumindo compromisso ativo e gerando oportunidades construtivo-transformadoras da ação individual e coletiva.

As ações foram estruturadas sem esquecer o referencial do propósito do Projeto, assumido como consciência ativa do mesmo. Este entendimento tornou projetiva a capacidade pensante dos intervenientes, o que, a par e passo, permitiu refletir o motivo de cada ação, puxando para a linha da frente os protagonistas das diferentes ações/intervenções, possibilitando interpretar ter facilitado atingir os objetivos.

Observou-se uma atenção de cuidado com a organização dos espaços onde ocorreram as diferentes ações, enfatizando o impacto positivo gerado num espaço envolvente na construção da confiança e na vontade em participar, impulsionando a imaginação.

O princípio de seleção dos temas para as ações propostas alinhou com a exploração de questões interpretadas como essenciais pelos participantes, motivando múltiplas rotas de descoberta conjunta, preenchidas com temas valiosos, facilitadores da resolução das questões-problema em foco. Os diversos intervenientes não só foram convidados a participar nas propostas como a contribuir para marcar e fazer a diferença no espaço vida em que atuam. O propósito explícito foi instigar todos a envolverem-se e a participar nas causas comuns, incitando a participar com ideias e abordagens criativo-artísticas, respeitando os estilos e interesses de todos e de cada um.

As “mostras de produtos artísticos” constituíram oportunidades para descobrir o que os participantes sabem e para conectar abordagens diferenciadas, de forma espiralada, onde se percebeu que conhecimento produzia conhecimento, ampliando o pensamento e a ação crítica, numa narrativa de levar aos participantes e trazer dos participantes ideias nucleares, partilha de abordagens, precipitando *insights* transformadores positivos.

Em suma, o Projeto constituiu uma tecnologia poderosa para apoiar o criar *insights* sobre temas essenciais à transformação social orientada para a vida com qualidade, enquanto motor de desenvolvimento do progresso humano (RDH, 2014). Alicerçou-se na resolução de problemas através da metodologia do pensar diferente e de forma plural, com intuito de fazer emergir uma consciência coletiva em rede, promovendo a pro-atividade e a sagesa do coletivo humano.

O sucesso do propósito do Projeto configura-se na tipologia como o mesmo foi monitorizado e avaliado. O que daqui resulta assume papel de importância essencial no suporte à tomada de decisão sustentável no que respeita ao contributo para pensar e desenvolver políticas públicas e as formas de as comunicar, de as aproximar ao cidadão, para disseminar e elaborar *toolbox* para a prevenção da violência e delinquência juvenil de qualidade, envolver parceiros estratégicos e dar visibilidade às boas práticas. Neste âmbito, a avaliação é valorizada com intenção de assegurar, de forma transparente e útil, os interesses e necessidades dos diferentes intervenientes, respeitando e promovendo os direitos humanos com ética, com o propósito de descontinuar a violência e a delinquência juvenil. Revelou-se primordial, uma vez que dá visibilidade ao sucesso e às fragilidades das intervenções do Projeto, ao mesmo tempo que destaca as *lições aprendidas* e promove a sustentabilidade do desenvolvimento das diferentes ações que o constituem, com ética, transparência e credibilidade na resposta ao compromisso assumido perante a comunidade e as entidades financiadoras.

Este compromisso também foi mobilizador de uma participação no CARN Conference 2015. *Action Research Across Disciplinary Settings. Challenges for change and empowerment.* 6-8 November 2015|Braga,

Portugal, sob o título *Comprehensive external evaluation using a collaborative action research*, da autoria de Viana e Magalhães. A ideia-chave – visão sobre investigação ação de amanhã em Educação Crítica, avaliação externa abrangente, utilizando uma metodologia alicerçada nos pressupostos de investigação ação colaborativa, propõe uma investigação de desenvolvimento social e comunitário como sensibilização e construção formativa das melhores práticas para a prevenção da violência e da delinquência juvenil. Com este interesse principal, discuti o objetivo mapear a integração de todos os facilitadores utilizados na comunicação para o desenvolvimento da prevenção da violência e da delinquência juvenil nos momentos-chave da realização do Projecto Artways. Discuti formas de gerar memória de prevenção através da expressão artística, a fim de facilitar a transferência de inovação para territórios/lugares onde a cenografia ambiental reivindica o necessário para fomentar, criativa e competitivamente, coesão social, capaz de promover a inclusão social para a defesa essencial dos direitos humanos. Pois, entendem-se desafios para a Investigação Ação em Educação Crítica, que, segundo Innerarity (2009, p. 10), se revela com mais possibilidades e significados do social (virtualidade, a exclusão, a violência, delinquência juvenil, risco, oportunidade, simulação, alternativa, ...), capaz de responder a uma *sociedade invisível*, estabelecendo um novo conceito de realidade, isto é, uma sociedade que se move a partir de um lugar real e imaginário. Entendido como um propósito que deve contemplar e ampliar o cuidado de respeitar os sentidos que os atores/partes interessadas atribuem aos significados sociais, uma vez que a tensão/conflito gerado pelo rápido desenvolvimento da Ciência e Tecnologia não pode ser negligenciado, ganhando destaque se mediado por Sistemas de Informação, tanto quanto

desenvolver processos para dar cumprimento a um equilíbrio entre as necessidades das sociedades e as comunidades e o que estas podem oferecer.

A proposta que apresentamos fornece uma abordagem integrada e articulada com o modelo de intervenção delineada pelo Projeto Artways, já com projeção de uma intervenção de referência nacional e internacional, que consideramos inovadora para processos reais de aprendizagem referente à prevenção da violência e delinquência juvenil, às dimensões de impacto e de intervenção em domínios e contextos específicos de intervenção da prevenção. Com a ambição de que o processo de avaliação permita discutir uma abordagem metodológica com vantagem competitiva para o seu desenvolvimento, uma vez que se comunica como um ecossistema complexo, devido ao enquadramento de diferentes fontes de dados e múltiplas dimensões em que atua, contextos, atores e políticas, que parece colocá-la num plano de ação ampliada, ao mesmo tempo que a coloca num plano de intervenção com focagem frágil, a possibilitar explorar e aprender mais sobre o *Mundo da Prevenção* que se ambiciona *Transformadora*. Com esta visão, o risco, no contexto deste Projeto, não é entendido como algo com possibilidade de não tornar exequível o Projeto, antes envolve uma interpelação à incerteza inerente a qualquer projeto que se propõe competitivo e inovador, pelo que gerenciá-lo constitui uma oportunidade desafiadora partilhada. Desta forma, identificar e gerenciar riscos está refletido na cultura da equipa, cabendo-lhe clarificar a forma de os gerenciar corresponsabilizadamente. O gerenciamento de riscos assume-se como um processo contínuo e útil à sustentabilidade das ações de prevenção da violência e delinquência juvenil, em constante dinâmica de desenvolvimento, articulada com a estratégia organizativa da equipa, enquanto parte integrante da sua cultura de organização.

A fig. 2 da página seguinte, evidencia o caráter ampliado que envolve o processo prevenção, que densifica as solicitações e estreita a capacidade compreensiva da avaliação, aumentando a sua complexidade, a circunstanciar muitos ciclos de avaliação ao longo de uma linha de tempo prolongada, que sinaliza um risco para uma compreensiva e substantiva avaliação, se considerarmos o tempo disponibilizado para a sua realização. O tempo estipulado e a densidade das solicitações constituem um ponto de partida com risco elevado, que pode esvaziar sentidos e significados da avaliação compreensiva da prevenção, mas também pode ser contrariada, em certa medida, sob pena que o tempo estipulado deve permitir substancia de maturação para explorar a máxima potencialidade que a abordagem que propomos oferece e que melhor se articula com a Prevenção Transformadora, o que beneficiaria com a existência de um observatório das boas práticas de prevenção da violência e delinquência juvenil. Contudo, também é neste plano de risco que perspetivamos a qualidade do desafio para nos colocar a discutir, inovadora e criticamente, o valor das abordagens metodológicas na compreensão da qualidade das intervenções de Prevenção e quais os processos de coerência na articulação das mesmas, que projetamos através do diálogo reflexivo de proximidade entre uns e outros. Com o propósito de gerar consensos e evitar contaminações de resultados que em nada se relacionam com as especificidades e domínios de conhecimento de uns e outros, antes com a tipologia das solicitações, que, geralmente, é regulada por racionalidades técnico-administrativas distantes dos sentidos e significados do conhecimento e especialização compreendidos no desafio que constitui desenvolver um observatório de boas práticas com o perfil que a Fig. 2 explicita:

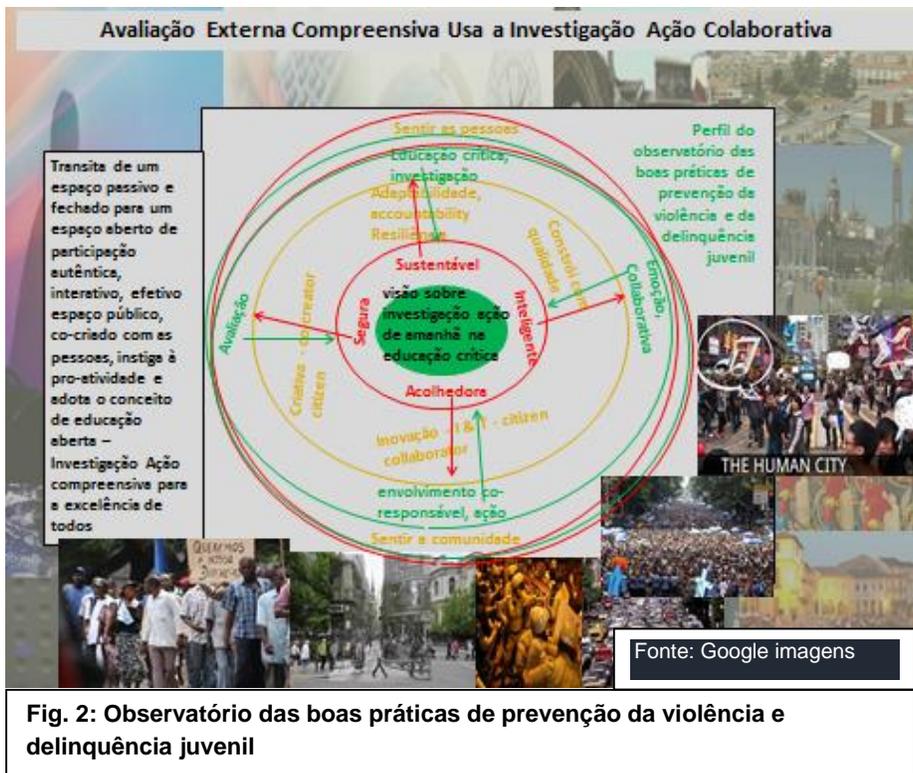


Fig. 2: Observatório das boas práticas de prevenção da violência e delinquência juvenil

Como podemos constatar, as zonas de intervenção assumem especificidades próprias. Estas, se combinadas com práticas diferenciadas no uso das metodologias de intervenção de proximidade, preenchidas com múltiplos saberes e vivências, com a voz do público-alvo, constituem elementos substantivos na produção de novos conhecimentos, que não só respeitam as diferenças como possibilitam integrá-las e valorizá-las nos processos da Prevenção Transformadora, de forma ampliada, segura e continuada. Com base neste entendimento, e uma vez que a Investigação Ação Colaborativa propõe a construção de conhecimento coletivo que se considera útil, por forma a permitir intervir melhor nas questões sociais (Cortesão e

Stoer, 1997) e educativo-culturais, destacamos a importância da criação *do Observatório das boas práticas de prevenção da violência e delinquência juvenil*.

Algumas recomendações

Neste espaço de ação transversal multidisciplinar, que constitui a intervenção no plano da prevenção da violência e delinquência juvenil, o projeto Artways, que submetemos à avaliação externa, propõe gerar oportunidades de investigação e de debate em torno da importância da prevenção da violência e delinquência juvenil, enquanto apologia de bem-estar e porque capaz de, na atualidade, melhor qualificar e melhor atribuir, ao longo da vida, significado à aprendizagem individual e coletiva (Dewey, 2005). A permitir explorar e procurar contribuir com algumas soluções para responder a interesses e implicações que assumem na política e prática educativa/formativa e na mobilidade social em tempo de austeridade económica, tal como advertem diferentes relatórios da rede Eurydice⁵ (http://eacea.ec.europa.eu/education/eurydice/thematic_reports_en.php, acessido 17/02/2016), nomeadamente Eurydice (2012, p. 3), *Educação para a Cidadania na Europa*, de acordo com a recomendação do Parlamento Europeu e do Conselho, dezembro 2006, sobre as competências essenciais para a

⁵ A Eurydice colabora com o Eurostat, CEDEFOP, Fundação Europeia para a Formação (ETF), Agência Europeia para o Desenvolvimento em Necessidades Educativas Especiais e com o Centro de Investigação sobre Aprendizagem ao Longo da Vida (CRELL). A Eurydice apoia o trabalho colaborativo desenvolvido pela Comissão Europeia com organizações internacionais, tais como a OCDE, o Conselho da Europa e a UNESCO (http://eacea.ec.europa.eu/education/eurydice/about_eurydice_en.php acessido 04/08/2013).

aprendizagem ao longo da vida, e as conclusões do Conselho, maio 2009, no âmbito do quadro estratégico para a cooperação europeia no domínio da educação e da formação (EF 2020), sublinham-se as competências sociais e cívicas e, ainda, a importância em promover a equidade e coesão social e a cidadania ativa através da educação escolar/formação. Com este intuito, sugerem medidas que incentivem a “aprendizagem pela prática”, valorizando o envolvimento de todos os intervenientes no processo educativo/formativo. Neste relatório o capítulo 4 (p. 75) é dedicado à avaliação e motivação dos estudantes, das escolas, dos sistemas educativos, em particular para a “formação cívica”, considerada pelos países europeus como parte integrante do processo de ensino e de aprendizagem, a avaliação assume-se como garante de qualidade deste processo. Alerta para que não só se centre na aquisição de conhecimentos, mas que também considere o desenvolvimento de atitudes e competências, considerando a especificidade das áreas de intervenção.

Neste contexto, as políticas públicas preconizam respostas aos problemas com que os cidadãos se confrontam em determinado tempo e espaço, sendo responsabilidade primeira do setor público, de forma sistemática, criar, planear e executar tais políticas (Freitas e Ramires, 2011). Hoje, interpreta-se que a responsabilidade social cabe, não somente aos Governos, mas também à sociedade civil e a cada cidadão, daí a importância, cada vez maior, de, conjuntamente, através de parcerias estratégicas, se associarem para responder aos desafios societais, com atuações próprias, o que, no âmbito de intervenção do Projeto Artways, se procura corporizar para que seja uma realidade tangível para o bem comum. Hoje, também se interpreta que o constructo juventude, com características próprias, perspectiva novas cartografias sociais, empreendedoras e produtivas, no horizonte do séc. XXI, que configuram o

que é ser um cidadão Europeu? (Fontaine, 2014, p. 28), sendo que acresce à cidadania nacional: “A cidadania da União Europeia (UE) está consagrada no tratado da UE. ‘É cidadão da UE qualquer pessoa que tenha a nacionalidade de um Estado-Membro. A cidadania da UE acresce à cidadania nacional e não a substitui’ (artigo 20.º, n.º 1, do tratado sobre o Funcionamento da UE)”. Neste âmbito, é de destacar a Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia, organizada em 6 capítulos nucleares: Dignidade, Liberdade, Igualdade, Solidariedade, Cidadania e Justiça, reúne 54 artigos que explicitam os valores fundamentais da UE e os direitos cívicos, políticos, económicos e sociais do cidadão da UE e, entre outros, promove a igualdade entre homens e mulheres. Acentua a importância de se desenvolver um sentimento de pertença, que passa pela possibilidade e capacidade de cada um se envolver na tomada de decisão da UE e do seu país. A participação e envolvimento pode acontecer, no plano Europeu, através de comentários, postados nos blogs dos Comissários ou Deputados do Parlamento Europeu, ou envio de email, no plano nacional/local, através das representações aí existentes, sendo, por exemplo, o Conselho Municipal da Juventude, uma possibilidade.

Com base neste entendimento, no contexto do séc. XXI, a prevenção descobre-se como projeção de cidadania, como um processo de escuta ativa dos cidadãos e garante dos seus direitos assegurados. Assim, com este interesse e âmbito deste manual, afigura-se relevante tecer as seguintes recomendações:

- i) É importante mais investigação sobre os jovens e a relação com a sustentabilidade social;

- ii) Gerar indicadores sobre os jovens e a relação com formas de violência e delinquência juvenil;
- iii) É importantes políticas públicas, em consonância com indicadores reais, que promovam a prevenção da violência e delinquência juvenil através de metodologias criativas entre os jovens, a experimentar e vivenciar nos contextos em que estes atuam;
- iv) Criar articulação com as autarquias, associações, clubes e outros grupos existentes, de forma a emancipar formas contextualizadas de suporte;
- v) É essencial apoiar e caracterizar, de forma continuada/atualizada, o estado da violência e delinquência juvenil, triangulada com condições socioeconómicas, sucesso escolar, regiões e rapazes/raparigas;
- vi) É fundamental consensualizar os conceitos de violência e delinquência juvenil, enquanto mecanismo facilitador da comunicação, capaz de apoiar o desenvolvimento de formas inteligíveis/tangíveis de intervenção, por forma a torná-la eficaz;
- vii) No plano da prevenção de comportamentos de risco, é importante dar continuidade aos temas a explorar/trabalhar, dando-lhes visibilidade no espaço público. Trazer o público-alvo para a linha da frente, dando-lhe voz e protagonismo ativo na discussão e abordagem dos temas-problema, enquanto condição para a prevenção eficaz;
- viii) No plano educativo-formativo, produzir mais conhecimento sobre os jovens, com os próprios jovens, que frequentam os contextos educativo-formativos, através de metodologias de proximidade, que se construa com a sua voz, com os sentidos e significados atribuídos aos temas e situações-problema;

- ix) No plano da formação dos profissionais de educação e de técnicos especializados, é importante, de forma contínua e contextualizada, formar e apoiar os profissionais, gerar *toolbox*, para formas de *prevenção de comportamentos de risco*;
- x) No plano da família, é importante que as políticas públicas preconizem as condições favoráveis à conciliação família e escola/contextos formativos, de forma a incrementar e apoiar uma maior atenção de cuidado para com os filhos, enquanto facilitador de melhor integração escolar e social;
- xi) No plano da Educação/Currículo Nacional, a *prevenção de comportamentos de risco* deveria constituir tema nuclear sob forma de área curricular não disciplinar, a ser explorada ao longo de todo o ciclo de estudos do ensino não superior (do Pré-escolar ao Secundário) – promoção da cidadania ativa sob múltiplas formas de envolvimento, aprendizagem e participação;
- xii) É muito importante desenvolver uma Plataforma ubíqua de informação sobre as políticas públicas de prevenção da violência e delinquência juvenil, direitos humanos e observatório de boas práticas de prevenção, a promover e facilitar uma reflexão partilhada e sistemática, enquanto pretexto de catalisação de sinergias advindas das *lições aprendidas* com múltiplas experiências de prevenção que vão ocorrendo no país, por exemplo, as que o Projeto Artways proporcionou. O Observatório de boas práticas revela-se capaz de dotar os contextos, as instituições/organizações e as pessoas com maior responsabilidade crítica e criativa, enquanto constructo de conhecimento válido e evolutivo, através de um processo de envolvimento e responsabilidade partilhada

entre todos os parceiros estratégicos e facilitador de aprendizagens múltiplas, que se ambicionam enquadradas nos desafios do dito séc. XXI. De acordo com P21 (<http://route21.p21.org/>), um ambiente de aprendizagem do séc. XXI depende de um ecossistema de elementos articulados e interdependentes para apoiar o ensino e a aprendizagem, tais como os espaços e o seu *design*, a infraestrutura tecnológica, a gestão do tempo, as culturas escolares, a liderança, os processos de formação contínua, as comunidades de aprendizagem profissional, o envolvimento dos intervenientes/comunidade e, ainda, destacaríamos os sistemas de supervisão e de feedback. No mundo atual, o ambiente de aprendizagem tanto sugere um lugar/espço físico, como um lugar/espço virtual. Portanto, hoje, o espaço físico está interconectado, as tecnologias possibilitam e revolucionam as formas de aprender e ensinar *online*, a distância, as formas de socialização e de comunicação. Os sistemas tecnológicos podem mediar e organizar as formas de cada um aprender e se integrar melhor, respondendo aos seus interesses e condições específicas, tornando a aprendizagem eficaz e motivadora de estudantes e professores/formadores para construir conhecimento e desenvolver as competências solicitadas por um mundo globalizado e em continuada transição.

Para finalizar, gostaríamos de sinalizar uma *lição principal aprendida* com o processo de avaliação externa, a da importância de dar visibilidade aos resultados alcançados pelo Projeto Artways, considerando o seu objetivo principal, a estratégia e metodologia adotada para apoiar os atores da sociedade civil, e a população alvo, as instituições públicas implicadas no

Projeto, consideradas responsáveis e estratégicas na prevenção. As políticas públicas para a prevenção da violência e delinquência juvenil e a formulação de sugestões a serem consideradas, quer em sessões de replicação, quer para a continuidade/sustentabilidade das ações de prevenção geradas pelo Projeto Artways. No seguimento deste entendimento, a explicitar a sua importância e impacto positivo na sociedade de hoje, com memória de ontem e propósito de amanhã, num processo de aprendizagem ao longo da vida, é de sublinhar que *todo o amanhã se cria num ontem, através de um hoje. Temos de saber quem somos, para sabermos o que seremos* (Freire, 1982) e, ainda, continuando na perspectiva do mesmo autor (1997), *nada se é se se proibir que os outros sejam*.

O Memorando sobre a Aprendizagem ao Longo da Vida (2000, p. 6), reportando-se às conclusões da Presidência do Conselho Europeu de Santa Maria da Feira, 19-20 de junho de 2000, parágrafo 33, salientado que “as pessoas são o principal trunfo da Europa e deverão constituir o ponto de referência das políticas da União” e conclui-se essencial que os sistemas de educação e formação se adaptem às novas realidades do séc. XXI, sendo que “a aprendizagem ao longo da vida é uma política essencial para o desenvolvimento da cidadania, da coesão social e do emprego”. Assim, este cenário destaca as pessoas atores chave na sociedade do conhecimento, evidenciando o valor crucial em se organizar ambientes formativos favoráveis ao desenvolvimento da capacidade humana de criar conhecimento e de o usar eficaz e inteligentemente, em contextos de transição continuada, constituindo, desta forma, outra dimensão significativa a que a proposta *Artways* poderá responder para viabilizar, de forma crítica, criativa, inovadora, holística, construtiva e evolutiva, ao longo dos percursos formativos. Ainda, para o envolvimento dos cidadãos e participação inclusiva, é de sublinhar a

importância do desenvolvimento de competência essenciais, Wagner (2012, <http://www.tonywagner.com/>) refere que o conhecimento é omnipresente, está em mudança continuada e é livre. Refere que hoje o mundo não se importa com o que cada um sabe, mas com o que se pode fazer com o que se sabe. Wagner, no seu mais recente livro *Creating Innovators: the making of young people who will change the world* (<http://www.forbes.com/sites/ericaswallow/2012/04/25/creating-innovators/>), chega à conclusão que os problemas económicos da América estão baseados no seu sistema de ensino, considera importante que estes se organizem de forma a desenvolver competências essenciais, tais como: a) pensamento crítico e resolução de problemas; b) agilidade e adaptabilidade; c) iniciativa e empreendedorismo; acesso e análise de informação; d) comunicação oral e escrita eficaz; e) curiosidade e imaginação. Sugere que transitemos de uma economia centrada no consumidor para uma economia centrada na inovação, considera que a cultura escolar está desalinhada com a cultura de aprendizagem que produz inovadores, ser criativo e inovador é ir além os conteúdos disciplinares, o que reclama aprender a correr riscos, através de tentativa e erro, e aprender de forma não passiva, limitada a consumir informação, antes harmonizada com a produção. Com base no que este entendimento suscita, no âmbito educativo/formativo, o Projeto Artways gerou uma dinâmica entre prática/experiência e reflexão, assumindo uma interdependência muito relevante, uma vez que a prática/experiência faz emergir múltiplas questões para resolver e responder, uma infinidade de incertezas, que consubstanciam inúmeras oportunidades para explorar, facilitadoras de mais e melhor prevenção da violência e delinquência Juvenil.

Referências Bibliográficas

Referências Bibliográficas

- Adler, Patrícia (1993) *Wheeling and dealing – an ethnography of an upper level drug dealing and smuggling community*, Nova Iorque: Columbia University Press.
- Aguilar, B., Sroufe, A., Egeland, B., & Carlson, E. (2000). Distinguishing the early-onset/persistent and adolescence-onset antisocial behavior types: from birth to 16 years. *Development and Psychopathology*, 12, 109-132.
- Ander-Egg, Ezequiel. (2011). Metodologia em Animação Sociocultural. In Lopes, M. S. (coord.). *Metodologias de investigação em animação sociocultural* (pp. 11-52). Chaves: Intervenção.
- Barbier, René (1977) *La Recherche-Action dans l'Institution Éducative*, Paris: Gauthier Villars, pp 63-84.
- Barbosa, A. F. (2012). *Fatores preditivos da reincidência: análise de uma amostra aleatória de reclusos portugueses do sexo masculino*. Retirado de Universidade do Minho: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/24285/4/TESE%20Final.pdf>
- Benavente, R. (2002). *Delinquência juvenil: da disfunção social à psicopatologia*. Retirado de Comissão de Protecção de Crianças e Jovens de Almada: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v20n4/v20n4a08.pdf>
- Bourdieu (1993), *The Field of Cultural Production: Essays on Art and Literature*. Randal Johnson Editor.

- Borsa, Juliane (2007), *O papel da escola no processo de socialização infantil*, Rio Grande do Sul, Brasil
- Calvert, W. (2002). Neighborhood Disorder, Individual Protective Factors, and the Risk of Adolescent Delinquency. *Association of Black Nursing Faculty Journal*.
- Canotilho, Ana Paula, Magalhães, Maria José, & Ribeiro, Patrícia (2010a) “Gostar de mim, gostar de ti: Prevenção da violência nas escolas”, In Maria José Magalhães, Elisa Seixas, Manuela Góis, Manuela Tavares, Salomé Coelho (Coords.), *Quem tem medo dos feminismos?* Actas do congresso feminista - vol.1 (pp. 168-172). Funchal: Nova Delphi.
- Canotilho, Ana Paula; Magalhães, Maria José; Gradíssimo, Alice (2010b), *Prevenção da Violência de Género: Arte como ferramenta para a mudança social e consciência coletiva*, Fazendo Género 9. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos
- CASA (2012). *Relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento das Crianças e Jovens*. Lisboa: Instituto da Segurança Social.
- CNE (2013). Recomendação n. 3/2013, políticas públicas de educação e formação de adultos. Lisboa: Ministério de Educação e Ciência.
- CNPCJR Report (2012) National Annual Report from the Child Protection Comissions. Relatório Anual de Avaliação da Atividade das Comissões de Proteção de Crianças e Jovens. Instituto da Segurança Social. Comissão Nacional de Proteção de Crianças e Jovens em Risco.

- Comissão das Comunidades Europeias. Memorando sobre a Aprendizagem ao Longo da Vida. Documento de trabalho dos Serviços da Comissão (Commission of the European Communities. Memorandum on Lifelong Learning. Working Document of the Commission Services). Bruxelas, 30.10.2000. SEC (2000)1832.
- Conley-Tyler, Melissa (2005). A fundamental choice: internal or external evaluation? *Evaluation Journal of Australasia*, Vol. 4 (new series), Nos. 1 & 2, march/april, 3–11.
- Cordeiro, Joana; Magalhães, Maria José; Costa, Diana; Mendes, Tatiana (2015) “Towards a gender violence prevention curriculum: Contributions from teacher education”, In Carlinda Leite. Ana Mouraz & Preciosa Fernandes (Orgs.), *Curriculum Studies: Policies, Perspectives and Practices*, Porto: CIIIE Centro de Investigação e Intervenção Educativas, pp 639-648. http://www.fpce.up.pt/eccs2015/tables/CurriculumStudies_E-Book.pdf
- Cortês, Luiza, & Stoer, Stephen (1997). Investigação-acção e a produção de conhecimento no âmbito de uma formação de professores para a educação intercultural. *Educação, Sociedade & Culturas*, 7, 7-28.
- Cruz, Olga & Grangeia, Helena (2015). Introdução. Em V. Duarte, M. Simas Santos, O. Cruz, & H. Grangeia, *Delinquência Juvenil: Explicações e Implicações* (pp. 15-23). Edições ISMAI.
- Delamont, Sara (2012). *Handbook of Qualitative Research in Education*. UK: EE (Edward Elgar Publishing), <http://books.google.pt/books?id=vcm24cIV-UIC&printsec=frontcover&hl=pt-PT#v=onepage&q&f=false>

- Dewey, John (2005). *A concepção democrática da educação*. Viseu: Pretexto Editora.
- Dias, Adelaide (2007), *A escola como espaço de socialização da cultura em Direitos Humanos, Brasil*. Retirado de http://www.dhnet.org.br/dados/cursos/edh/redh/04/4_3_adelaide.pdf
- Dinis, Ana Margarida Ricardo (2013) *Trevo: Uma Proposta de Intervenção para a População Institucionalizada em Lares de Infância e Juventude* (Projeto de Graduação), Porto: Universidade de Fernando Pessoa. Retirado de <http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/4042/1/projeto%20final%20Trevo.pdf>
- Emerson, Robert M., Fretz, Rachel I. & Shaw, Linda L. (1995) *Writing Ethnographic Fieldnotes*, Chicago: The University of Chicago Press.
- Eurydice (2012). *A Educação para a Cidadania na Europa*. Lisboa: Eurydice, Unidade Portuguesa.
- Ferreira, Eduardo (2008). Prevenção Criminal - Teoria e Praxis. *Revista Portuguesa de Ciência Criminal*, 1, pp. 107-134.
- Fontaine, Pascal (2014). *Comprender as políticas da União Europeia: A Europa em 12 lições*. Comissão Europeia Direção-Geral da Comunicação, Publicações 1049 Bruxelas BÉLGICA.
- Freire, Paulo (1982). *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, Paulo (1997). *Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários á prática educativa*. Brasil: Paz e Terra.

- Freitas, Oracilda & Ramires, Júlio César (2011). Políticas Públicas de Prevenção e Combate à Criminalidade Envolvendo Jovens. *Caminhos de Geografia*, Uberlândia v. 12, n. 37, mar, 142-161.
- Gaspar, Fernanda (2011) *Adolescentes institucionalizados: aconselhamento vocacional*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Coimbra, FPCE da Universidade de Coimbra.
- Gelles, R. J., & Cavanaugh, M. M. (2005) Violence, abuse and neglect in families and intimate relationships. In P. C. McHenry & S. J. Price (Eds.), *Families & change: Coping with stressful events and transitions* (3rd ed., pp. 129–154). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Ghiglione, R. & Matalon, B. (1995) *O Inquérito - Teoria e Prática*, Oeiras, Celta Editora.
- Godoi, C. K.; Mattos, P. L. C. L. (2010) Entrevista qualitativa: instrumento de pesquisa e evento dialógico. In: Silva, A. B.; Godoi, C. K.; Bandeira de Melo, R. (orgs). *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos*. 2. ed. São Paulo, p. 301-323.
- Gomes, Diana (2015), *A mudança social em projetos de intervenção social pela arte: o caso do projeto Bando à Parte*. Dissertação de Mestrado em Intervenção Social, Inovação e Empreendedorismo, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Greenwood, P. (2008). *Prevention and Intervention Programs for Juvenile Offenders*. Retirado de Future of Children: http://www.princeton.edu/futureofchildren/publications/docs/18_02_09.pdf

- Guerreiro, Ana; Pontedeira, Cátia; Sousa, Ruben; Magalhães, Maria José; Oliveira, Emanuel & Patrícia, Ribeiro (2015) “@s jovens, o desvio e a delinquência” In Casaleiro, Paula e Branco, Patrícia (2015) Atas do Colóquio Transnacional “@s Jovens e o Crime - Transgressões e Justiça tutelar”, *Cescontexto - Debates*, nº 10, Coimbra: CES: Centro de Estudos Sociais, pp 10-13.
- Guy, Jonathon, Feinstein, Leo & Griffiths, Ann (2014) *Early Intervention in Domestic Violence and Abuse*, UK, Early Intervention Foundation, accessed 22 February 2016, <https://www.google.pt/#q=intervention+with+young+offenders+of+gender+violence>
- Hill, Manuela Magalhães & Hill, Andrew (2009) *Investigação por Questionário*, Lisboa: Edições Sílabo.
http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr2014_pt_web.pdf
- Innerarity, D. A. (2009). *A sociedade invisível. Como observar e interpretar as transformações do mundo*. Lisboa: Editorial Teorema.
- Kristiansen, Marianne. & Bloch-Poulsen, Jorgen (2013). Participação na Pesquisa-Ação: entre a metodologia e a visão de mundo, participação e codeterminação. *Trabalho & Educação*, Belo Horizonte, v.22, n.1, jan./abr., 37-53.
- Ledwith, Margaret (2007) “On being critical: uniting theory and practice through emancipatory action research”, *Educational Action Research*, Vol. 15, No. 4, pp. 597–611.
- Lisboa, Manuel (2006), *Prevenir ou Remediar. Os custos sociais e económicos da violência contra as mulheres*, Lisboa: Edições Colibri, SociNova

- Magalhães, Maria José, Canotilho, Ana Paula, & Brasil, Elisabete (2007) *Gostar de mim, gostar de ti. Aprender a prevenir a violência de género*. Porto: UMAR.
- Magalhães, Maria José, Ilda Afonso, Lídia Ruiz, Isabel Monteiro, Vanessa Ribeiro & Liliana Ribeiro (2012) “The intervention of UMAR in the area of violence against women”, *Interdisciplinary Journal of Family Studies = Rivista di Studi Familiari*, Vol.17 nº 1, pp.168-180.
- Magalhães, Maria José; Pontedeira, Cátia; Guerreiro, Ana & Ribeiro, Patrícia (2015) “Integrating the Prevention of Gender-based Violence in the Curriculum Design and Development with High School Teachers”, In Carlinda Leite. Ana Mouraz & Preciosa Fernandes (Orgs.), *Curriculum Studies: Policies, Perspectives and Practices*, Porto: CIIIE Centro de Investigação e Intervenção Educativas, pp 221-232. http://www.fpce.up.pt/eccs2015/tables/CurriculumStudies_E-Book.pdf
- Maltz, M. D. (2001). *Recidivism*. Retirado de <http://www.uic.edu/depts/lib/forr/pdf/crimjust/recidivism.pdf>
- McCollister, K., French, M., & Fang, H. (2010). The cost of crime to society: new crime-specific estimates for policy and program evaluation.
- Mcniff, Jean & Whitehead, Jack (2011) *All You Need to Know About Action Research*, Londres: Sage.
- Monteiro, M. (2012). *O papel das polícias municipais na prevenção do crime: contributos e perceções da polícia municipal de Lisboa*. Retirado de Universidade Técnica de Lisboa:

https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/4944/2/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Maria_Monteiro_vfinal.pdf

- Negreiros, J. (2008). *Delinquências Juvenis – Trajectórias, Intervenção e Prevenção*. Legis Editora
- Oliveira, P. (2011). *Atitudes e crenças antissociais na delinquência juvenil: diferenças em função da idade, do género, e do padrão*. Retirado de Universidade do Porto: <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/57441/2/76730.pdf>
- Ongevalle, Jan Van & Peels, Rafael (2014). The Outcome Mapping Usefulness Barometer - How useful is Outcome Mapping to help us deal with complex change? *ResearchGate*. See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/260125240>
- Pence, E. & Paymar, M. (1993) *Education Groups for Men Who Batter: The Duluth Model*, Springer, New York.
- Perista, H., Cardoso, A., Silva, M., & Carrilho, P. (s/d). *Criminalidade e Violência Juvenil: Resultados de um Estudo Europeu sobre Delinquência e Prevenção*. Retirado de Centro de Estudos para a Intervenção Social: http://www.youprev.eu/pdf/YouPrev_NationalReport_PT.pdf
- Pueyo, A. (2004). *Violencia Juvenil: Realidad actual y factores psicológicos implicados*. From Facultad de Psicologia - Universidad de Barcelona.
- Relatório do Desenvolvimento Humano, 2014. Sustentar o Progresso Humano. Reduzir as Vulnerabilidades e Reforçar a Resiliência

- Schön, Donald (2000). *Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem*. Porto Alegre: ArtMed.
- Sento-Sé, J. (2011). Prevenção ao Crime e Teoria Social. *Lua Nova*, pp. 9-40.
- Silva, Maria Leonor (2011). *A investigação-acção em contexto colaborativo: mudanças nas concepções e práticas dos professores*. Tese de Doutoramento em Educação. Instituto de Educação. Lisboa: Universidade de Lisboa (documento policopiado).
- Stake, Robert (2006). *Evaluación Comprensiva y Evaluación Basada en Estándares (Comprehensive Assessment and Standards Based Assessment)*. Barcelona: Editorial Graó.
- Starfield, B., Hyde, J., Gervas, J. & Heath, I (2008) The concept of prevention: a good idea gone astray?, *J Epidemiol Community Health* 2008;62:580–583.
- UNODC, U. (2010). *Handbook on the crime prevention guidelines: Making them work*. New York.
- Viana, I. C. & Magalhães, M. J. Comprehensive external evaluation using a collaborative action research. CARN Conference 2015. *Action Research Across Disciplinary Settings. Challenges for change and empowerment*. 6-8 November 2015 | Braga, Portugal (comunicação)
- Walby, Sylvia; Towers, Jude & Francis, Brian (2014) “Mainstreaming domestic and gender-based violence into sociology and the criminology of violence”, *The Sociological Review*, 62:S2, pp. 187–214 (2014).
- World Youth Report. (2003). *Juvenile Delinquency*. Retirado de <http://www.un.org/esa/socdev/unyin/documents/ch07.pdf>

Sítios na Web

Partnership 21st Century Skills (P21) <http://route21.p21.org/> (acedido em 15/12/2015)

Wagner (2012) <http://www.tonywagner.com/> (acedido em 10/06/2015)

Legislação

Lei n.º 166/99, de 14 de Setembro - Lei Tutelar Educativa, atualizada pela Lei n.º 4/2015, de 15/01

Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro - Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo, atualizada pela Lei n.º 142/2015, de 08/09.